

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Letras

Baktalaia de Lis Andrade Leal

**MOVIMENTOS INTERPRETATIVOS NA LEITURA:
um estudo sobre o leitor e o seu papel de autor**

Belo Horizonte - MG

2017

Baktalaia de Lis Andrade Leal

**MOVIMENTOS INTERPRETATIVOS NA LEITURA:
um estudo sobre o leitor e o seu papel de autor**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jane Quitiliano Guimarães Silva.

Belo Horizonte - MG

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

L435m Leal, Baktalaia de Lis Andrade
Movimentos interpretativos na leitura: um estudo sobre o leitor e o seu papel de autor / Baktalaia de Lis Andrade Leal. Belo Horizonte, 2017.
192 f.: il.

Orientadora: Jane Quitiliano Guimarães Silva
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Leitura. 2. Inferência (Lógica). 3. Compreensão na leitura. 4. Semântica. 5. Análise do discurso. I. Silva, Jane Quitiliano Guimarães. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 801.73

Baktalaia de Lis Andrade Leal

**MOVIMENTOS INTERPRETATIVOS NA LEITURA:
um estudo sobre o leitor e o seu papel de autor**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jane Quitiliano Guimarães Silva.

Prof.^a Dr.^a Jane Quitiliano Guimarães Silva – PUC Minas (Orientadora)

Prof. Dr. William Augusto Menezes - UFOP (Banca Examinadora)

Prof.^a Dr.^a Juliana Cristina Salvadori – UNEB (Banca Examinadora)

Prof.^a Dr.^a Daniella Lopes D. I. Rodrigues – PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Hugo Mari – PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 7 de julho de 2017

*A todos os professores que um dia passaram por minha vida,
pois, muito ou pouco, sempre deixaram um feixe de luz
no meu fosco entendimento.
em especial, à professora Marilene, minha mãe.*

AGRADECIMENTOS

- Sem o fôlego de vida e a capacidade de razão, nada poderia ser escrito, por isso, o primeiro agradecimento só poderia ser ao meu Criador.
- Aos meus familiares, minha mãe, grande fonte de força e coragem, a meu pai, grande inspirador, a meu irmão, cunhada e sobrinha Haninha, por serem tão especiais!
- A minha orientadora Jane Quitiliano, pelas observações tão precisas e importantes para realização deste trabalho, seus pensamentos estão presentes aqui tanto quanto os meus, obrigado pela sua paciência!
- Aos colegas do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC-Minas. Juliano, Cássia, Sibeli, Carlucci e a tantos outros, saudades!
- A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC-Minas. Meu sentimento é gratidão!
- Às secretárias deste programa pela presteza com que sempre atendem nossos pedidos.
- Aos colegas professores e funcionários da Universidade do Estado da Bahia – *Campus XX* pelo carinho e respeito de sempre.
- Os professores Dr. Hugo Mari e Dra. Juliana Salvadori pelas preciosas palavras e orientações quando da minha qualificação, minha tese tem outra solidez a partir da direção que vieram de suas palavras;
- Aos professores Dra. Daniela Lopes e Dr. William Menezes por aceitar compor essa banca a partir de um convite que foi inspirado em seus qualificados nomes,

- À Universidade do Estado da Bahia pelo apoio PAC e pela licença tão necessários a esse doutoramento.

*Todo texto é uma máquina preguiçosa
pedindo ao leitor que faça uma parte do seu trabalho*

(Umberto Eco, 1994, p. 9)

... uma capacidade de criar um mundo coerente a partir da linguagem.

(Kato, 2004, p. 36)

RESUMO

Quando se fala da leitura de um texto, há uma pergunta largamente conhecida entre leitores e alunos em geral: “O que o autor quis dizer?” Esta questão serviu de instigação inicial para desenvolver esta pesquisa que se aprofunda em teorias que circundam essas discussões. A partir deste questionamento surgiram outras questões que, de fato, integram o esforço investigativo deste trabalho: É possível determinar algumas intenções presentes num texto? É possível reconhecer formas de leituras mais coerentes ou mais inadequadas? Algum tipo de originalidade pode surgir no ato da leitura? Essa interpretação considerada “original” seria a leitura ideal? Como operam os leitores quando inferem sentidos no momento da interpretação? E finalmente, considerando estas questões postas, como universitários interpretam um texto? Este trabalho tem o objetivo geral de estudar a interpretação, e objetivos específicos de verificar os manejos de leituras realizados e classificar as formas desses manejos. Entende-se que toda leitura é uma forma de dialogia (BAKHTIN), de interação realizada no binômio leitor-texto. Após a leitura, a réplica do leitor é quase sempre um novo texto em resposta ao texto lido. Essa resposta impele o leitor a operar com três principais formas de interpretação por meio inferências (MARCUSCHI), a depender da forma inferencial operada pelo leitor se poderá chegar a três tipos de ação: ou o leitor irá responder apenas parafraseando o texto (ECO), ou irá extrapolar sua leitura realizando uma superinterpretação (CULLER, COMPAGNON), ou irá responder criativamente (KLEIMAN, BARTHES). Para tentar abarcar respostas competentes para tais questões, buscou-se construir um *corpus* por meio de um questionário de 20 (vinte) perguntas que foi aplicado a 20 (vinte) universitário de várias formações. O questionário contém aforismos de Carlos Drummond de Andrade que foram interpretados pelos entrevistados. As respostas desses leitores é o *corpus* desta pesquisa. As repostas foram estudadas e convertidas em Categorias Semânticas (FIORIN), e cada categoria foi classificada em uma das três ações acima descritas. Assim pôde-se construir um conjunto de argumentações e formulações para dar respostas mais concretas sobre as questões iniciais desta pesquisa. Está é uma das muitas maneiras de refletir sobre a importância do leitor e da sua presença tanto nos ambientes escolares como na sua imagem como ser social e autoral.

Palavras-chave: Leitura, Autoria-compartilhada, Inferência, Superinterpretação, Intenção textual, Dialogismo.

ABSTRACT

When one speaks of reading a text, there is a question widely known among readers and students in general: "What did the author mean?" This question served as an initial instigation to develop this research that delves into the theories surrounding these discussions. From this questioning came others questions that, in fact, integrate the research effort of this work: Is it possible to determine some intentions are presented in a text? Is it possible to recognize more coherent or more inadequate forms of reading? Can any originality arise in the act of reading? Was this interpretation considered "original" to be the ideal reading? How do readers operate when they infer meanings at the moment of interpretation? And finally, considering these questions put, how do college students interpret a text? This work has the general objective of studying the interpretation, and specific objectives of verifying the maneuvers of realized readings and classifying the forms of these maneuvers. It is understood that all reading is a form of dialogue (BAKHTIN), it is a form of interaction performed in the binomial reader-text. After reading, the reader's replica is almost always a new text in response to the text read. This response impels the reader to operate with three main forms of interpretation by means of inferences (MARCUSCHI), depending on the inferential form operated by the reader, three types of action can be reached: reader will respond only by paraphrasing the text (ECO), or it will extrapolate its reading by performing a "superinterpretation" (CULLER, COMPAGNON), or it will respond creatively (KLEIMAN, BARTHES). In order to try to comprehend competent answers to such questions, it sought to construct a *corpus* through a questionnaire of twenty (20) questions that was applied to 20 (twenty) university students of various backgrounds. The questionnaire contains Carlos Drummond de Andrade's aphorisms that were interpreted by the interviewees. The answers of these readers is the *corpus* of this research. The responses were studied and converted into Semantic Categories (FIORIN), and each category was classified into one of the three actions described above. Thus, it was possible to construct a set of arguments and formulations to give more concrete answers on the initial questions of this research. This is one of many ways to

reflect on the importance of the reader and his presence both in school settings and in his image as a social and authorial being.

Keywords: Reading, Authorship-shared, Inference, “Superinterpretation”, Textual intention, Dialogism.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Três formas de Intenção	55
Quadro 2 – Mecanismos da leitura	72
Quadro 3 – Esquema de Movimentos de Leitura	75
Quadro 4 – Quantidade de Categorias Semânticas Classificadas em AC e SI	104

LISTA DE ABREVIATURAS

IT – Intenção Textual

AC – Autoria compartilhada

SI – Superinterpretação

TF – Texto Fonte

IPA – Inferência de Particularização

IPR – Inferência de Paraphraseamento

IF – Inferência de Falseamento

L - Leitor

LM – Leitor Modelo

LE – Leitor Empírico

CS – Categoria Semântica

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	A LEITURA E SUAS FRONTEIRAS CONFLITANTES	24
2.1	Introdução	24
2.2	A leitor é um autor: alguém já disse isso	24
2.2.1	<i>Bakhtin e o dialogismo: a introdução do leitor no universo autoral</i>	28
2.2.2	<i>Barthes e o suposto nascimento do leitor</i>	30
2.2.3	<i>Eco e o leitor: entre o bosque e o jardim particular</i>	34
2.2.4	<i>Adotando conceitos de Bakhtin e Eco</i>	37
2.3	Leituras e leituras	38
2.3.1	O leitor na história	38
2.3.2	O que é o ato de ler?	42
2.3.3	O leitor e o texto	45
2.4	Superinterpretação e Hiperinterpretação	49
2.5	Caminhos da intencionalidade	53
2.6	O leitor criativo e a autoria compartilhada	62
2.7	O leitor e a inferência e as Categorias Semânticas	65
2.8	Síntese do capítulo	70
3	BASES: METODOLÓGICAS, ANALÍTICAS E DO OBJETO	74
3.1	Introdução	74
3.2	Do <i>corpus</i> , do objeto	76
3.3	Dos respondentes	77
3.4	Do método	78
4	ANÁLISES	83
4.1	Relevâncias sobre análises comparativas das categorias semânticas	83
4.1.1	Aforismo A - “Tudo é mais simples diante de um como d’água”	83
4.1.2	Aforismo B - “Certas amizades comprometem a ideia de amizade”	86
4.1.3	Aforismo E - “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos”	88
4.1.4	Aforismo J - “A estátua faz o herói”	91
4.1.5	Aforismo K - “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu”	93
4.1.6	Aforismo N - “O gozo do Poder é entremeado de cólicas”	95
4.1.7	Aforismo O - “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras”	97
4.1.8	Aforismo T - “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude”	100
4.2	Síntese dos resultados	102
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111

7 APÊNDICE	115
7.1 Apêndice A	116
7.2 Apêndice B	137

1 INTRODUÇÃO

A interação humana comporta diversas naturezas de códigos, de convenções de linguagem que fazem com que a vida se torne mais facilmente realizável pelas virtudes que advém desta coletividade; pode-se até dizer sem receio que a sociedade só existe pela linguagem e comunicação.

Dentro desse universo comunicativo existem muitas possibilidades de estudos, mas o mundo dos sentidos é o mais inexplorado e talvez o mais resvaladio de todos eles. A semântica é o campo dominante por onde esta tese caminha.

A ideia desta pesquisa nasceu a partir de uma questão bastante comum nos meios escolares e acadêmicos: “Qual a intenção do autor do texto?” E a partir desta pergunta, surgiram outras que se tornaram questões de pesquisa: Seria possível determinar intenções na leitura de um texto? Existem maneiras mais ajustadas ou mais exagerada de leitura e interpretação? É possível existir uma leitura inovadora (autoral)? Esse último tipo de leitura seria a mais eficiente? Como é a operação da inferência nas leituras? São essas interrogações que coordenam todos os traços desta investigação.

Esta tese considera que os dois principais pensamentos que agregam juízos plausíveis que ajudariam em seus desenvolvimentos são: o dialogismo de Bakhtin e as *Intentiones* de Eco. Pela noção dialógica bakhtiniana pode-se aceitar que existe um diálogo entre as partes envolvidas num processo de leitura, que essa interação processa movimentos interpretativos e que a partir dela nascem os novos discursos que são refrações de discursos anteriores (BACCEGA, 2007, p.22, BAKHTIN, 2006, p. 46). No diálogo existe a expressão do outro e a razão de autoria não repousa só no autor, conjectura-se que dessa interação é que nasce a autoria com a participação do leitor. Em Eco encontra-se a compreensão de intenção aproveitável para esta pesquisa, pois o teórico desloca-se das intenções regulares da figura do autor para as intenções do texto, subdividindo as maneiras de ver o próprio texto pela *Intentio*.

Com este trabalho, objetiva-se categorizar formatos de leitura, modos de interpretação de texto com base nas formas de inferências, em três principais classificações:

i) em busca da intenção do texto; ii) em busca da autoria do leitor; iii) identificando Superinterpretações¹.

O conhecimento dessas maneiras de realizar leituras propõe aos professores um olhar diferenciado dos textos dos alunos. Também pode fazer com que os estudantes ajustem mais coerentemente seus manejos de suas inferências quando escrevem suas respostas às inúmeras atividades dos gêneros avaliativos escolares.

Após essa introdução, que corresponde ao **primeiro capítulo** da tese, segue-se o **segundo capítulo** que se detém em apresentar os olhares de alguns pensadores e teóricos importantes na discussão sobre a autoria na leitura. O capítulo inicia-se com a noção que Bakhtin apresenta do seu conceito sobre autoria e posição axiológica, com as apreciações dessa axiologia na estética do leitor. Na subseção seguinte apresenta-se um dos teóricos estruturalistas que mais causam polêmicas em refletir sobre as questões do autor: Roland Barthes. Discute-se a morte do autor que é seu principal discurso em detrimento da figura moderna do centramento do sujeito, nesse teórico verifica-se a sutil tentativa de promover o leitor como figura relevante. O último teórico que aparece nesse capítulo é Umberto Eco, para esta tese, tão importante quanto Bakhtin. Desenvolve as explicações de como o autor-modelo cria as formas textuais de pistas de intenções. Pela metáfora inspirada em Borges, Eco compara o texto narrativo a um “bosque” onde o leitor vai percorrendo o texto numa leitura das pistas deixadas pelo autor. Finalmente notifica-se como a autoria pode acontecer não apenas no trabalho do autor, mas no leitor também. Expõe-se, em seguida, um resumo dos pensamentos dos autores arrolados e os conceitos tomados como relevantes para a pesquisa.

O capítulo se desdobra em subseções que se aprofundam em questões circundantes ao tema da leitura e do interpretante². Um pouco da história da leitura abre as explanações em busca de um fio de entendimento do papel do leitor e das formas de interpretação

¹ Superinterpretação ou Hiperinterpretação (conceito que será mais amplamente explicado na subseção 2.4) é um movimento de interpretação realizado pelo leitor quando se desconecta do teor significativo do texto lido e passa a devanear em conjecturas próprias sem nenhuma conexão com o sentido do texto a que replica.

² O termo *interpretante* é consagradamente associado ao teórico da semiótica Charles S. Peirce, porém será usado em muitas partes desta pesquisa como equivalente a *leitor*, o mesmo ocorre ao termo *intérprete*.

existentes até a modernidade. Há várias formas de ler na utilização de diferentes categorias de leituras, mas nem sempre o leitor foi visto como elemento importante ou participante do processo interpretativo, então passa-se a mostrar como os polos “autor” e “leitor” estão conectados nas teorias de leitura, por vezes um tendo mais importância que o outro e, por vezes, o contrário. Então, o capítulo lança um olhar sobre como o leitor se relaciona com o texto em busca sempre de uma significação mais econômica.

A subseção em sequência propõe que os elementos essenciais e diretamente participantes de uma interpretação qualquer são: o texto o leitor, é desse dueto que nascem os confrontos das intenções. A intencionalidade é o objeto da subseção seguinte, onde se aprofundam as noções de intenção primária, intenção secundária e intenção na linguagem, que é o tipo a ser estudado. Neste espaço também se define o conceito de intenção que importa neste trabalho.

O fator inferência tem uma subseção própria onde se delimita um conceito apropriado para as análises, bem como estuda-se a importância da inferenciação no ato da interpretação. Recorta-se os três tipos de inferência marcados por Marcuschi (2008), que têm pertinência direta com as ações dos leitores ao operar com a autoria compartilhada, com a superinterpretação e com a intenção do texto.

Segue-se a exposição de alguns conceitos muito relevantes para a tese: as noções de intenção do autor (*intentio auctoris*), intenção do texto (*intentio operis*) e intenção do leitor (*intentio lectoris*), essas noções nominadas por Eco (1995) servem de sustentação teórica para determinar o que, num texto, pode ser entendido como intenção textual, conceito caro para este trabalho, visto que um dos objetivos é determinar que tipos de leitura podem ser classificadas como apegadas à intenção do texto. Também há uma subseção que explora a noção de Superinterpretação ou Hiperinterpretação, que são, nas discussões de Eco, as formas extravagantes e exageradas de interpretações que fogem das intenções textuais expressas.

Reconhecendo o papel do leitor (como coautor), estuda-se como os leitores podem ainda tomar um terceiro caminho (além da intenção textual e de Superinterpretação), que é o caminho da autoria compartilhada, ou seja, o tipo de interpretação que tem mais participação do ente interpretante, ainda em outros termos: a autoria compartilhada é o

interpretar de um texto (entre a fuga dele e o lugar comum), aqui reconhecido como o leitor que age com criticidade e com criatividade ao operar na interpretação de um texto, ou ainda pode-se chamar de: leitor-autor.

O capítulo três é um espaço dedicado às questões de metodologia, do *corpus*, de objeto, hipóteses e dos elementos específicos que projetaram esta pesquisa. Como inicialmente se expôs, a questão que inspirou os desdobramentos deste trabalho é célebre: “O que o autor quis dizer?”. Essa pergunta motivou o lançamento das questões de pesquisa que são: 1) é possível verificar a intenção de um texto; 2) é possível verificar autorias na leitura (autorias compartilhadas)? 3) é verificável a existência de interpretações que fogem do texto lido (superinterpretações)? Qual o papel das inferências nesses processos? Essas questões podem responder a uma última: é possível justificar que a coautoria é o modelo mais eficaz de leitura?

O trabalho desempenhado é em busca de ferramentas metodológicas e analíticas para tratar com a interpretação e a semântica no que tange a: intenção textual, a coautoria e a superinterpretação captadas pela operação das inferências. Ou seja, verificar quais leitores interpretam pelas pistas do texto, pela intervenção crítica ou pelos exageros e fugas do texto.

O capítulo descreve que, para tentar categorizar esses três movimentos interpretativos, foram selecionados 20 (vinte) interpretantes, sujeitos reais, universitários³ de diversas áreas, que responderam a um questionário igual para todos os participantes. O questionário respondido continha 20 (vinte) frases (aforismos) do escritor e poeta Carlos Drummond de Andrade. Os sujeitos responderam para cada frase do poeta a seguinte questão: “Qual o possível significado para a sentença que se segue?” Quando as 20 pessoas responderam as 20 questões postas, obteve-se ao final 400 (quatrocentas) respostas. Essas 400 (quatrocentas) interpretações é que formam o *corpus-controle* de pesquisa.

Porém, para análise, considerou-se que 400 respostas seria uma quantidade muito extensa. Definiu-se que seriam analisadas e apresentadas na tese as respostas dadas em 8

³ “Universitário” aqui, e em toda a tese, refere-se aos indivíduos que cursaram e concluíram um curso superior qualquer.

(oito) aforismos e não nos 20 (vinte), embora constem nos apêndices o *corpus-control* completo.

O objeto desta pesquisa, inscrita no domínio da semântica, é o trabalho inferencial executado pelos leitores em análises a partir do *corpus* registrado. Quais os sentidos inferidos pelos leitores dos textos de Drummond? Esses sentidos podem ser categorizados e analisados para se fazer a partir deles classificações diferentes da ação leitora? Pretende-se debruçar sobre essas questões e transformar o objeto, que são os sentidos das respostas dos leitores, em categorias analíticas para levantar relevante resultado sobre o papel do interpretante na sua forma de leitura.

O trabalho com o *corpus* se dá pela seguinte estratégia metodológica: de cada uma das respostas, extraiu-se categorias semânticas que as representaram. Uma categoria é, para o contexto desta tese, uma palavra substantivada que reproduz o sentido da sentença. Como exemplo deste método: da sentença “Tudo se modifica com o tempo” pode-se extrair a categoria de “temporalidade”. Usando esse princípio, pode-se sintetizar as respostas dadas pelos pesquisados em categorias e, a partir delas, formar uma tabela com as categorias a fim de analisá-las.

Uma questão surge após essa etapa do trabalho: como verificar se essas categorias são: a) significados extraídos do texto lido; b) sentidos enriquecidos por uma leitura criativa; c) interpretações exageradas do leitor?

O método avançou com o objetivo de analisar cada categoria afim de categorizá-los em uma dessas três classes. Assim, cada questão agrupa uma quantidade de categorias extraídas das respostas dos leitores. Se uma categoria for identificada nas repostas de, pelo menos, metade dos leitores (dez leitores) da mesma questão, é provável que essa categoria já estava inscrita no senso do texto. Ou seja, o sentido do texto dado por um leitor é semelhante (em categoria semântica) ao sentido dado por outros leitores, isso ocorre provavelmente porque os interpretantes usaram e se fixaram nas **intenções textuais** para responder. Esse fenômeno ocorre pelo uso da inferência de parafraseamento, pois o sentido encontrado é uma paráfrase do texto fonte, e tal resgate de sentido também é feito por outros interpretantes.

Para classificar uma categoria como **Autoria compartilhada** usa-se o raciocínio metodológico seguinte: tal categoria não pode aparecer mais que duas vezes nas respostas dos leitores, mas, ao mesmo tempo, deixe margem para que se perceba que o aforismo se permite ser lido por essa categoria. A autoria compartilhada é uma categoria que implica o uso da inferência de particularização, pois é uma leitura pessoal da intenção textual de forma crítica, criativa e astuciosa.

O método que identifica a **superinterpretação** é prático: as categorias que não encontrarem respaldo nos critérios de análises propostos anteriormente serão rotuladas como superinterpretação. Ou seja, são categorias que aparecem em apenas um leitor e, além disso, tal sentido não encontra respaldo coerente no aforismo tomado como texto fonte para interpretação. O tipo de inferência capaz de gerar um sentido superinterpretativo é a inferência de falseamento.

As formações de tabelas e quadros que facilitem a visualização dos dados é uma forma metodológica de analisar e oferecer os números finais de pesquisa.

O **capítulo quatro** é a parte da análise propriamente dita. Os dados são listados tabelados e destrinchados com a finalidade de produzir respostas para as questões de pesquisa postas de início. Apresenta as formas e quantidades de respostas que se enveredaram pelas pistas textuais, pelas superinterpretações e pelas leituras críticas. Quantos leitores reagiram criticamente frente às frases que lhes foram apresentadas? Quantos categorias desses leitores foram apenas leituras finitas no texto lido? Quantos interpretantes devanearam em categorias insustentáveis no texto apresentado como fonte? O que esses resultados podem dizer sobre a maneira e a prática de leitura e interpretação de universitários?

Qualquer pesquisa que se valha da interpretação de textos, de questões como inferências, intenções, leitura e outros temas semânticos difíceis, corre riscos de que as subjetividades nas análises promovam respostas finais insuficientes. Desde já pode-se advertir que as dificuldades encontradas neste trabalho estão sobretudo no tenso espaço da natureza da significação, pois esse fenômeno da linguagem é de difícil contenção e enquadramento para uma análise próxima ao senso científico idealizado (quantitativamente).

Embora as pesquisas da semântica sempre pousem sobre resultados que podem ser avaliados por múltiplos olhares, as possibilidades de recorte deste trabalho apontam para uma construção proveitosa de análise das proximidades e afastamentos dos leitores. Pois a leitura é responsável pela aproximação e pela distância entre os homens, a interpretação é que reúne as dispersões ao tempo em que causa a individualização de cada novo olhar interpretativo.

Talvez se possa oferecer mais uma visão importante sobre o ato de ler por meio deste trabalho. E não apenas isso, pode-se neste esforço perceber o desenvolvimento de uma ferramenta de análise de leitura que fomentará aplicações posteriores em sala de aula e em espaços diversos de educação.

2 A LEITURA E SUAS FRONTEIRAS CONFLITANTES

2.1 Introdução

Muitos caminhos poderiam ser tomados quando se designa estudar a leitura, mas algumas nuances deste universo podem ser mais essenciais nesta investigação que outras, para estabelecer que um entendimento seja mais especial, deve-se perpassar por uma breve visita ao leitor na história. Assim como ocorreu (e ocorre) uma evolução na teorização da criação textual, nos estudos de gêneros da linguagem, nas críticas textuais, nos espaços das ciências da linguagem e humanas em geral, também há muitas mudanças que se desdobram para os entendimentos sobre a leitura, e em especial ao que diz respeito a posição do leitor e sua importância enquanto sujeito ativo que participa do processo da significação.

O ato de leitura é uma ação essencialmente vinculada ao universo de significados, ou seja, independente das propostas teóricas adotadas, dos critérios que regulam a ação leitora, das estratégias culturais, históricas e ideológicas do interpretante, ou mesmo das superinterpretações que concebem liberdade extrema ao leitor, em todos os casos, ler é atribuir um dado significado ao objeto lido: “A leitura é a compreensão dos textos por meio do estabelecimento de um efeito de sentido” (TRAVAGLIA, 2009, p. 62). Porém essa objetividade de definição não simplifica o problema, visto que definir o próprio ato de significar é custoso. “Não se tem em linguística uma resposta inequívoca para a pergunta: ‘o que é significado?’ As respostas são múltiplas e divergentes” (MARQUES, 2011, p. 15). Dizer o que é o sentido ou explicar a noção de significado dos atos da linguagem não é uma tarefa fácil.

Barthes entende que a leitura dificilmente terá doutrinas tão evidentes e fechadas, dada a natureza significante e emaranhada que deste ato se extrai. O seu fluido caminho entre os leitores, textos e autores pode ser uma vereda misteriosa:

Esse desamparo vai às vezes até a dúvida: nem mesmo sei se é preciso ter uma doutrina da leitura; não sei se a leitura não é, constitutivamente, um campo plural de práticas dispersas, de efeitos irredutíveis, e se, conseqüentemente, a leitura da leitura, a Metaleitura, não é nada mais do

que um estilhaçar de ideias, de temores, de desejos, de gozos, de opressões [...] (BARTHES, 2004b, p. 31)

Talvez, pela grandeza e indefinições que pertencem ao campo das semânticas e das semióticas, seja tão impreciso conceber a leitura e a interpretação num plano simples e rápido, e talvez esse fenômeno nunca seja tecnicamente explicado em sua plenitude. Como atentamente considerou Barthes, não apenas a leitura como simples ato é uma prática de difícil decifração, mas a “leitura da leitura”, ou as teorias da leitura que foram sendo desenvolvidas sobretudo a partir do início do Século XX, por consequência, são permeadas por indefinições e debates.

Embora seja trabalhoso explicar tais questões, não é difícil instintivamente compreender quando algo faz sentido ou quanto não faz. É assim que a propriedade de significar cobre toda a tarefa de leitura em quaisquer escolhas teóricas ou estratégias para a interpretação.

Existem maneiras diversas de realizar a tarefa da leitura, o que leva a compreender que o ato de ler é múltiplo e muitas estratégias interpretativas podem ser acionadas quando um interpretante se detém frente a um objeto. Pode-se ler tudo, pois: “[...] o verbo *ler*, aparentemente muito mais transitivo que o verbo *falar*, pode ser saturado, catalisado, com mil objetos diretos: leio textos, imagens, cidade, rostos, gestos, cenas, etc.” (BARTHES, 2004b, p. 32).

Mas mesmo se se considerar a leitura de textos escritos, como é a restrição desta tese, o ato da leitura ainda é muito complexo em sua amplitude, pois ler se desdobra em muitas estratégias e metaleituras, como aponta Santaella:

A leitura, portanto, não é um ato univalente e seu conceito está longe de ser monolítico. Por mais simples que seja o texto que se apresenta a leitura, o ato de ler sempre cria uma situação de perplexidade que só aumenta quanto mais complexo o texto é. (SANTAELLA, 2013 p. 73)

Qual a mais competente forma de ler? A que aborda as questões históricas quando da produção do texto? O modelo que busca a concretude da intenção do escritor? Os misteriosos esquemas que acionam os devaneios do leitor? A leitura que está inscrita previamente na história, na ideologia ou na cultura do interpretante? As intenções do texto

orientadas pela coerência, coesão ou gênero textual? A leitura formalista do purismo linguístico?⁴

Para Compagnon, nenhum método teórico é exclusivo e contém em si explicações suficientes para dar conta de todas as interpretações possíveis de um texto, sobre a leitura diz: “[...] nenhum método exclusivo é suficiente” (COMPAGNON, 2010, p. 94). Umberto Eco também considera que a leitura se movimenta por várias direções, varrendo diferentes estratégias para fixar um sentido final, que na sua opinião é uma atividade caracterizada pelo meio econômico de esforço mental possível:

O ato de ler deve evidentemente considerar todos esses elementos, embora seja improvável que um leitor sozinho possa dominar todos eles. Assim, o próprio ato da leitura é uma transação difícil entre a competência do leitor (o conhecimento de mundo do leitor) e o tipo de competência que um dado texto postula a fim de ser lido de forma econômica. (ECO, 2012 p. 80)

Vale observar alguns caminhos que as estratégias de leitura percorrem para finalmente apontar o porquê da adesão escolhida nesta dissertação: que será a observância da leitura por meio das inferências.

Há alguns desenhos teóricos da leitura formulados ao longo de poucas décadas – já que a preocupação efetiva com esse tema é algo relativamente novo. Ao que parece, conceber uma proposta de leitura implica em destacar um ou alguns elementos que sejam mais relevantes no processo: daí sugere-se uma tendência que delinea o escritor enquanto aspecto importante, outra que aponta para o leitor como elemento definidor do significado, outra que assinala a história e o conhecimento de mundo de uma dada cultura, ainda há quem recorra a autoridade suprema da própria linguagem como item referencial, outras ainda alinham-se aos objetivos estratégicos e cognitivos do ato de leitura, há quem defina que os significados não são encontrados exatamente nos textos, mas já estão inscritos na história pelo discurso etc. Algumas outras subdivisões são efetuadas no seio dessas tendências principais e as teorias da leitura ganham uma razoável distribuição de pesquisas expandidas.

⁴ As diferentes abordagens de leitura e os conceitos estão mais expandidos na subseção 3.3 - Leituras e leituras.

Para Possenti, na realidade, não há tantas teorias diferentes quanto se pensa. O que há, muitas vezes, são formas e nomenclaturas diferentes de olhar o mesmo movimento de interpretação:

É que, na verdade, não há tantas ou tão diversas teorias quanto parece haver se considerarmos os numerosos autores que trafegam no campo. O que há, mais frequentemente, são ângulos mais ou ângulos menos privilegiados, e muitas polêmicas sobre pontos ou textos específicos. (POSSENTI, 2010 p. 15)

Por esse prisma, talvez seja possível, ajustar em tese uma boa parte das estratégias de interpretação e condensar as principais teorias de leitura; analisar como os leitores de multiformes maneiras executam a atividade de leitura, e tentar agrupar essas dispersões considerando o grau de importância de cada forma de interpretação.

2.2 O leitor é um autor: alguém já disse isso

Sempre foi necessário atribuir autores às coisas, aos textos, aos fatos e até aos crimes. E não só autoria é uma busca incessante, mas as intenções que levam o sujeito ao ato da criação e realização sempre são buscadas quando se pretende entender as manifestações humanas. Essa busca justifica-se pelo próprio racionalismo (seja de que vertente for), pois é impensável que um texto não tenha um criador, ou que esse criador não expresse intenções a partir dele (do texto).

Por outro lado, não seria um ato de criação por parte do leitor quando este desvenda um texto à sua própria maneira? Se se considerar que em geral muitos leitores percorrem caminhos distintos no momento da sua interpretação, seria coerente atribuir um manifesto a este ato. Esse tipo de pensamento já ocupa os holofotes de muitos pesquisadores a bastante tempo.

Como essa pesquisa visa desenvolver uma estratégia de identificação das intenções textuais e a partir delas conceber a autoria compartilhada (participação do leitor), vê-se que é necessário cursar uma trilha histórica de abordagem dos pensadores que se dedicaram intensamente aos temas de autoria na leitura. Então, a partir deles, encontrar os conceitos que mais se afinem com a pretensão desta tese, que são: 1) tentar verificar as possíveis e

manifestas intenções do texto, 2) identificar a autoria no leitor; e 3) as suas Superinterpretações. Presume-se que esses três movimentos interpretativos se dão pelos caminhos das inferências.

Alguns teóricos já se arriscaram em atribuir a autoria no ato da leitura, deve-se levantar alguns importantes pensadores que escreveram sobre esse importante entendimento.

2.2.1 Bakhtin e o dialogismo: a introdução do leitor no universo autorial

Para Mikhail Bakhtin (1895-1975), a ação intelectual de criação textual põe, por ordem da linguagem, o autor na posição em que manifesta seus valores, seus discursos ou os discursos dos quais faz apologia ou retaliação, daí a concepção de autor ser uma posição axiológica. Desta forma, apresenta-se um autor que se estabelece na sua relação axiológica com a escrita:

A unidade da forma é a unidade da posição axiológica ativa do autor-criador. Realizada por meio da palavra (tomada de posição pela palavra), mas que se refere ao conteúdo. Essa posição ocupada pela palavra e apenas pela palavra, trona-se produtiva e conclui o conteúdo de maneira inteiramente criativa, [...] (BAKHTIN, 2014a, p. 67)

A tomada de posição é o nascimento do autor, é a tomada de posição do sujeito⁵. A partir de sua aparição pela enunciação, o autor realiza sua arte escrita pelo lugar axiológico que ocupa, transformando o conteúdo dos seus valores em forma pela palavra e tão somente por ela.

Um ato criativo, pela visão bakhtiniana, é posicionar-se valorativamente frente a outras posições de valores, os valores dos outros. Ainda uma síntese de Faraco seria suficiente para completar essa compreensão:

⁵ Aqui há uma referência ao sujeito com efetiva autonomia, não ao modelo da Análise do Discurso de Linha Francesa que adota a ideia de um sujeito assujeitado (ORLANDI, 2009, p. 51; Cf. PÊCHEUX, 1975), mas, conforme Possenti resume o pensamento de Ducrot, refere-se a um sujeito integrante do processo de interpretação e consciente da sua ação axiológica: “[...] é um sujeito que: a) sabe o que diz; b) faz manobras; c) é, consequentemente, tático” (POSSENTI, 2004, p. 224).

[...] o autor-criador – materializado como uma certa posição axiológica frente a uma certa realidade vivida e valorada – que realiza essa transposição de um plano de valores para outro plano de valores, organizando um novo mundo (por assim dizer) e sustentando essa nova unidade. (FARACO, 2005, p. 39)

A “nova unidade” é a obra realizada, é o “novo mundo” criado pela tomada da palavra frente à valores.

O autor – na estética bakhtiniana – é a consciência criadora que rege as múltiplas vozes (polifonias) que bailam pela narrativa em posições conflitantes que se chocam, se agrupam, se refratam e dialogam. Essa consciência global dentro do romance tende a apresentar uma posição axiológica dominante (geral) que seria a posição do autor. Isto é, embora muitas vozes se cruzem e, por meio delas, muitos valores apresentem-se, sobressai-se a voz e os valores de uma cosmovisão que orientará o olhar do leitor em contato com o texto: “[...] a posição axiológica do autor-criador é um modo de ver o mundo, um princípio ativo de ver que guia a construção do objeto estético e direciona o olhar do leitor” (FARACO, 2005, p. 42).

Esse diálogo é o que põe o autor em contato com tudo que ele pode estabelecer de relações presentes ou virtualmente presentes na sua estética criativa.

Embora a proposta analítica bakhtiniana tinha objetivos numa explicação estética das literaturas no âmbito de sua criação, a noção de dialogismo e o conceito de autoria são princípios esclarecedores no que tange ao trabalho do leitor. Esses princípios apontam claramente para uma autoria que não se encontra estritamente relacionada ao autor, mas ao leitor. Arán considera essa possível relação (autoria x leitor) ao relatar que as análises bakhtinianas sofrem significativas evoluções no que diz respeito a autonomia do autor e o seu o dialogismo:

Resgatamos, então [...] a mudança de uma posição estética abstrata e universalizante para outra com forte orientação histórica e social da função autoral na obra de arte verbal, mantendo o distanciamento necessário para o acabamento estético. E de uma postura autoritária e controladora de suas personagens, a uma posição equitativa e dialogal, que não tem a última palavra porque esta, talvez, seja do leitor. (ARÁN, 2014, p. 16)

É possível dizer até que os textos bakhtinianos visualizam a figura do leitor como sendo um autor de sua significação, visto que: se o universo dos discursos está interligado como um conjunto de elementos e dizeres significativos e, frente a ele, o romance “toma partido nesse dizer” (ARÁN, 2014, p. 19), então o leitor, que é uma consciência dialógica da linguagem, também manifestará posicionamentos próprios e axiologias ao ler tal romance; “Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário, um ser cheio de palavras interiores.” (BAKHTIN, 2006, p. 153 e 154).

Se o autor é uma posição ideológica na escritura, na leitura haverá igualmente uma posição axiológica tomada pelo interpretante a partir do texto, esse posicionamento não é menos autoral que aquele tomado na escrita.

Essa concepção de coautor⁶, visualizado no leitor por meio de uma posição axiológica tomada por este, é o principal argumento bakhtiniano para este trabalho que tentará enxergar de que modo o leitor manifesta sua particularidade dialogando como um tipo de criador-interpretante.

Considerando esse suporte de referência, tem-se que as múltiplas vozes constitutivas do/no texto são manifestações autorais que encontrarão ressonâncias, dissonâncias ou contra-sonâncias aos olhos do leitor. E este se torna o autor de sua interpretação, pela existência de uma relação dialógica das consciências envolvidas na narrativa ou em outros gêneros.

2.2.2 Barthes e o suposto nascimento do leitor

O ensaio *A morte do autor*, datado de 1968, desperta a geração dos teóricos da literatura e textuais para uma discussão que não era recente, e que reclama a realidade da interpretação textual deslocada de compromissos para com o escritor e o autor. Nesse

⁶ Os termos *coautoria* e *coautor* aparecerão neste trabalho como a manifestação criativa de um leitor em resposta a um texto lido, desta forma, quando um leitor produz um texto manifestando sua interpretação crítica a um texto lido, pode-se considerar uma coautoria ou uma autoria compartilhada (termos equivalente). Em momento algum, essas expressões farão alusão a trabalhos escritos por mais de uma pessoa, como por exemplo: um artigo feito por mais de um aluno.

ensaio, Roland Barthes (1915-1980) sugere que o leitor seja reconhecido como verdadeiro sujeito da interpretação a partir do seu movimento de leitura que é realizado pelo desejo e pela sedução existente na própria linguagem.

O compêndio da obra de Barthes não é de fácil interpretação. Suas escrituras são, em geral, ensaios excessivamente poéticos e sugestivos à subjetividade, muitos trechos (até os considerados teóricos) são repletos de termos com múltiplas significâncias como: “prazer”, “desejo”, “desfrute”, “erotismo”, “corpo”, “destino”, “metamorfose cega”, “mitologia pessoal”, “metamorfoseado em sapinho”.

Mas há uma concordância significativa entre os teóricos aqui arrolados quando o assunto é ressignificação da figura do leitor de um texto:

[...] aparece no texto de Barthes um desejo de libertação a ser obtido na conceituação de uma intertextualidade aberta e de um leitor produtor de sentidos que se opõe à obra e aos leitores tradicionais. (BELLEI, 2014, p.166)

Em Barthes, o leitor é ilusoriamente apresentado como centralizador das significações, quando dele é decretado em seu momento natalício. Porém logo o estruturalismo presente nas linhas teóricas barthesianas vai colocar o leitor em seu lugar, sem individualidade e universal. O termo que toma espaço em lugar do leitor é a linguagem.

Tenta-se geralmente identificar qual ou quais as vozes presentes numa narrativa, num texto científico, numa poesia etc. Os esforços para identificar quem está falando através do texto são muitos, haja vista a quantidade de entidades teórico-textuais relacionadas nas muitas categorias em teses: a voz do narrador, do autor, do escritor, do interlocutor, das personagens, do herói, as vozes das ideologias, das psicologias, da história, da filosofia. Barthes foge a todos esses recursos explicativos, adotando a iniciativa de Mallarmé, ao afirmar que (num texto) quem fala é a própria linguagem:

Em França, Mallarmé, sem dúvida o primeiro, viu e previu em toda a sua amplitude e necessidade de por a própria linguagem no lugar daquele que até então se supunha ser seu proprietário; para ele, como para nós, é a linguagem que fala, não é o autor; escrever é, através de uma

impessoalidade prévia [...], atingir aquele ponto em que só a linguagem atua, <<performa>>, e não <<eu>>: (BARTHES, 2004c, p. 59)

Citado por Barthes, Mallarmé (1945 [1894], p. 366) inaugura a perspectiva e oferece as primeiras sementes para este pensamento ainda no Século XIX, ao declarar que: ““L’œuvre purê implique la disparition élocutoire du poete, qui cede l’initiative aux mots”⁷.

A questão interpretativa para este teórico consiste inicialmente na recolocação da linguagem como elemento fundamental na existência textual e comunicativa, simplesmente porque, ninguém nunca saberá realmente qual voz fala num texto, mas a linguagem é a voz que, indubitavelmente, fala.

A força da estrutura que subjuga o sujeito está em todas as categorias gramaticais e discursivas:

Não são somente os fonemas, as palavras e as articulações sintáticas que são submetidos a um regime de liberdade condicional, já que não podemos combiná-los de qualquer jeito; é todo o lençol do discurso que é fixado por uma rede de regras, de constrangimentos, de opressões, maciças ou tênues no nível retórico, sutis e agudas no nível gramatical: a língua afluí no discurso, e o discurso refluí na língua, eles persistem um sobre o outro, numa brincadeira de mão. (BARTHES, 1989, p. 31-32)

No ponto alto da interpretação das figuras de retórica, assegura: “[...] nada mais existe exceto a língua” (BARTHES, 2006b, p. 14).

É possível perceber que a proposta de alocar o leitor como figura iminente e potente na interpretação era, na verdade, um logro barthesiano:

Começamos hoje a deixar de nos iludir com essa espécie de antífrases pelas quais a boa sociedade recrimina soberbamente em favor daquilo que precisamente põe de parte, ignora, sufoca ou destrói; sabemos que para devolver à escrita o seu devir, é preciso inverter o seu mito: o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor. (BARTHES, 2004c, p. 64)

Matar o autor seria a única ação teórica que permitiria ao leitor aproximar-se da interpretação com “liberdade”. Visto que, vigorando a voz do autor sintetizada na frase “o que o autor quis dizer?”, não haveria espaço minimamente para a voz do leitor,

⁷ “Uma escrita pura implica no desaparecimento do poeta enquanto enunciador, dando preferência às palavras”. Tradução do autor desta tese.

compreendida na expressão “o que o leitor compreendeu?”. Porém, o mito invertido, permanecia sendo mito.

Em Barthes, o autor morre quando a escritura acaba; mas há apontamentos em que “autor” e “leitor” são convenientemente colocados lado a lado. Quando elogia um texto de Severo Sarduy, Barthes comenta que:

Trata-se verdadeiramente de um texto paradisíaco, utópico (sem lugar), de uma heterologia por plenitude: todos os significantes estão lá e cada um deles acerta na mosca; o autor (o leitor) parece dizer-lhes: amo a vocês todos [...]; uma espécie de franciscanismo obriga todas as palavras a se apresentarem, a se apressarem, a tornarem a partir; (BARTHES, 2006b [1973], p. 14).

O autor nesse trecho é o mesmo que o leitor, é o que propõe o texto de Sarduy no seu fluxo de palavras e significações, autor e leitor estão seduzidos pela língua numa plenitude, numa acertada escritura cheia de amor, utopia e prazer. Neste ponto, ao comparar autor e leitor como entes idênticos, a teoria de Barthes elabora que as funções escrita e leitura têm pertencimentos. Não é mais uma referência sobre o ente que morreu na escritura, mas ao leitor (agora um novo autor) que sobrevive no lugar paradisíaco do prazer na leitura de um texto.

Mesmo tendo dado preferência ao leitor no processo de interpretação, não é por isso que Barthes o põe como figura dominante. Como visto, a língua no texto é a controladora das relações, ela é quem ganha os holofotes: “Na cena do texto não há ribalta: não existe por trás do texto ninguém ativo (o escritor) e diante dele ninguém passivo (o leitor); não há um sujeito e um objeto. O texto prescreve as atitudes gramaticais” (BARTHES, 2006a [1973], p. 23).

Os entes “autor” e “leitor” são elementos prisioneiros da língua que se conectam a ela no prazer e gozo do escrever e do ler. Tendo o leitor barthesiano a utópica preferência, torna-se ilusoriamente o novo autor do texto. Autor e leitor revezam-se de lugares e posições estando ambos cativos no deleite da linguagem. Em Barthes, o autor morre, a linguagem nasce e o leitor permanece numa “incubadora”, sempre esperando nascer.

2.2.3 – Eco e o leitor: entre o bosque e o jardim particular

Na escapada o estruturalismo que já se achava decadente na segunda metade do Século XX, Umberto Eco (1932-2016) apresenta conceitos de leitor que – em contrapartida às teses da intenção do autor e de sua morte – tenta solucionar o problema da intenção no ato da interpretação.

Eco volta a sua atenção para a categoria enunciativa chamada autor-modelo, que é a experiência literária de escrever sob os domínios dos pactos realizados frente a um leitor idealizado. Ao escrever, o autor-modelo imagina um possível leitor (leitor-modelo) do seu texto e constrói sua escrita considerando esta frequência de interpretação que se realizará quando o texto for lido:

Um texto é um dispositivo concebido para produzir seu leitor-modelo. Repito que esse leitor não é o que faz a “única” conjectura “certa”. Um texto pode prever um leitor-modelo com o direito de fazer infinitas conjecturas. (ECO, 2012c, p. 75)

O lugar da recepção que o autor idealiza não é um leitor real, mas um interpretante formulado na sua ideia ao escrever um texto. Essa entidade pode elaborar quantas significações o texto permitir que ela as faça, mas se o leitor fizer conjecturas para além do que o texto intenciona (no universo de sua permissividade), ocorrerá não mais uma manifestação do leitor-modelo – projetado pelo autor –, mas a manifestação do leitor-empírico.

Eco relata um evento em que um dos seus leitores interpreta mal as pistas deixadas num dos seus textos e em sua réplica o autor teoriza:

Meu amigo esqueceu as regras e sobrepôs suas próprias expectativas de leitor empírico às expectativas que o autor queria que um leitor-modelo tivesse.
Naturalmente, o autor dispõe de sinais de gênero específicos que podem usar a fim de orientar seu leitor-modelo. (ECO, 1994, p. 16)

As pistas de interpretação são marcas no texto que constroem o leitor-modelo para que se chegue aos sentidos propostos pelo autor ou permitidos pelo texto.

Eco usa uma metáfora extraída do pensamento de Borges quando vê em um texto os caminhos de um bosque por onde o leitor pode passear: “‘Bosque’ é uma metáfora para o

texto narrativo, não só para o texto dos contos de fada, mas para qualquer texto narrativo. [...] o leitor é obrigado a optar o tempo todo”. (ECO, 1994, p. 12)

Mas o bosque não oferece todos os caminhos, embora permita alguns, em outras palavras, o texto não permite todas as formas de interpretações a partir dele, mas se abre para algumas. Se o leitor caminhar por seus próprios devaneios interpretativos, desprezando as pistas que o autor deixou no texto, então não seria um passeio pelo bosque, mas uma viagem por um jardim particular:

Nada nos proíbe de usar um texto para devanear, e fazemos isso com frequência, porém o devaneio não é uma coisa pública; leva-nos a caminhar pelo bosque da narrativa como se estivesse em nosso jardim particular. (ECO, 1994, p. 16)

O leitor-modelo é uma estratégia que possibilita ao interpretante passear pelo bosque da narrativa, essa liberdade é condicionada pelas pistas deixadas pelo autor-modelo no texto. Ponderadas as devidas possibilidades de entendimento do leitor, o autor vai construindo esse espectro e o faz considerando os possíveis resultados de interpretação, embora não preveja outros: “[...] o autor de um texto é obrigado a prever constantemente o tipo de competência de que dispõe seu destinatário para decifrá-lo. (MAINGUENEAU, 2005, p. 47).

O leitor empírico, por seu turno, tem a liberdade de passear pelo jardim, seu espaço particular, porém, sem nenhum aval de que sua interpretação tem assentamento e conformidade com a intenção textual. Esse passeio pelo jardim é chamado de: superinterpretação ou hiperinterpretação.

Seria possível dizer que o que ocorre entre o autor e o leitor é um tipo de interação, de comunicação orientada, a interação dialógica em Bakhtin é mais transcendental. Por muitas minúcias, pode-se ver o dialogismo bakhtiniano nos pensamentos de Eco, mas Bakhtin adentra-se mais no teor estético da criação verbal, ao passo em que Eco se ocupa com a estética da recepção ficcional e seus termos.

Há uma perspectiva dialógica (tomando emprestado o termo bakhtiniano) na qual Eco aponta para a autoria do leitor vinculada à autoria do autor: uma espécie de coautoria, chamada de congenialidade:

A poética da obra “aberta” tende, como diz Pousseus³, a promover no intérprete “atos de liberdade”, pô-lo como centro ativo de uma rede de relações inesgotáveis, entre as quais êle instaura sua própria forma, [...] qualquer forma de arte, embora não se entregue materialmente inacabada, exige uma resposta livre e inventiva, mesmo porque não poderá ser realmente compreendida se o intérprete não a reinventar num ato de congenialidade com o autor. (ECO, 1971, p. 41).

A ação do leitor sobre o objeto é uma manifestação econômica, mas criativa, sobretudo quando o texto poético se sugere mais “aberto” ou quando crises interpretativas proponha intervenções mais libertas.

Quando crises ocorrem no polo interpretativo, por possibilidades múltiplas ou indefinições, uma instabilidade semântica provoca uma tentativa de estabelecer um novo significado gerando uma nova possibilidade de sentido:

Agora a ênfase é dada ao processo, à possibilidade de individualizar muitas ordens. A recepção de uma mensagem estruturada de modo aberto faz com que a *expectativa* de que se falou não implique tanto uma *previsão do esperado* quanto uma *expectativa do imprevisto*. Assim, o valor de uma experiência estética tende a emergir não quando uma crise, depois de aberta, se fecha consoante os costumes estilísticos adquiridos, e sim quando – imergindo-nos numa série de crises contínuas, num processo em que domine a improbabilidade – exercemos uma liberdade de escolha. Então instauramos, no interior dessa desordem, sistemas de probabilidade puramente provisórios e tentativas complementares [...]. (ECO, 1971, p. 144, 145).

Quando as crises semânticas se abatem sobre o leitor, ele recorre a modalidades interpretativas que conectam pontos de significações possíveis e assim age como autor reconstruindo novos sentidos.

Eco foi acusado de “desconstrutor” por alguns críticos de posições teóricas vinculadas às correntes de abordagem expressiva – comprometida com o autor – (Cf. COMPAGNON, 2010, p. 137), então ocupou-se em explicar que sua *Obra aberta* teria sido usada inadequadamente para justificar o exagero na liberdade do leitor, daí passou a se opor relativamente à superinterpretação:

Em 1962, escrevi minha *Opera Aperta* (Obra aberta)². Nesse livro eu defendia o papel ativo do intérprete. Quando aquelas páginas foram

escritas, meus leitores focalizaram principalmente o lado aberto de toda a questão, subestimando o fato de que a leitura aberta que eu defendia era uma atividade provocado por uma obra (e visando à sua interpretação). Em outras palavras, eu estava estudando a dialética entre os direitos dos textos e os direitos de seus intérpretes. Tenho a impressão de que, no decorrer das últimas décadas, os direitos dos intérpretes foram exagerados. (ECO, 2012b, p. 27)

Apesar de Eco usar os caminhos da arte para trazer para dentro da teoria da literatura a interpretação próxima do infinito em sua *Obra aberta*, críticas ou más interpretações o fizeram se reposicionar próximo ao paradigma conhecido por “Abordagem objetiva” – dedicada à obra.

2.2.4 Adotando conceitos de Bakhtin e Eco

É possível associar alguns pensamentos de Bakhtin e Eco que nortearão certos passos deste trabalho.

É preciso que o texto e o leitor tenham primazia quando se analisa o processo de interpretação, sendo que a linguagem, a história, a cultura, o autor ou quaisquer outros fatores, que se apresentem intencionais, sejam assessórios e nunca sejam superiores a esses dois elementos que são essenciais. E acredita-se que, na conexão entre esses dois teóricos, é possível encontrar uma variável de leitura muito razoável para a análise do *corpus* desta investigação.

Eco é visitado essencialmente pela sua construção teórica de intenções do texto e das noções de leitor-modelo e leitor empírico. Tais pensamentos vão definir inclusive o método de análise do *corpus*, pois é na posição que se coloca o leitor (modelo), disposto a compreender o universo do texto, que se pode definir a intenção de uma escrita (a intenção que interessa aqui é a do texto). Para chegar a um ponto sólido da discussão, faz-se necessário aprofundar-se no estudo da intenção.

Bakhtin mantém-se indispensável pois é na compreensão do dialogismo que não só a escritura se torna possível, mas também a leitura. Deste modo se reconhece que qualquer leitura se executa na base de um diálogo, entre o leitor e o texto, entre o leitor e o mundo, entre o leitor e a história, entre o leitor e os discursos.

2.3 – Leituras e leituras

Além desses nomes listados nas subseções anteriores, muitos outros pensadores e filósofos da linguagem enveredaram-se nessa proposta. Como se verificou, a ideia de leitor operante no ato da significação já está em circulação há certo tempo e ganhou enfoque mais robusto na metade do Século XX com o advento das teorias de recepção, do estruturalismo e das Análises do Discurso, que propõem o deslocamento da força do sujeito-autor. Para perceber esse deslocamento, vale adentrar brevemente na figura do leitor e no seu percurso na história.

2.3.1 O leitor na história

Apesar da figura do leitor ser tão antiga quanto a do autor, passaram-se muitos séculos até que esse papel fosse visto como um lugar importante na esfera interpretativa. Como é largamente conhecido, durante muito tempo o primado da voz do autor dava as lógicas da leitura. Mallarmé pode ser considerado o primeiro – para Barthes (2004c, p. 59) “sem dúvida, o primeiro” – a sugerir outro elemento de importância que não o autor. Fato é que o leitor foi aos poucos, entre as brechas dos pensamentos analíticos do formalismo russo, do *New Critics*, do estruturalismo francês e das teorias de recepção, ganhando minimamente a atenção para sua presença:

Assim, a desconfiança em relação ao leitor é – ou foi durante muito tempo – uma atitude amplamente compartilhada nos estudos literários, caracterizando tanto o positivismo quanto o formalismo, tanto o *New Critics* quanto o estruturalismo. O leitor empírico, a má compreensão, as falhas de leitura, como ruídos e brumas, perturbam todas as abordagens, quer digam respeito ao autor ou ao texto. Daí a tentação, em todos os métodos, de ignorar o leitor ou, quando reconhecem sua presença, como é o caso de Richards, a tentação de formular sua própria teoria como uma disciplina da leitura ou uma leitura ideal, visando a remediar as falhas dos leitores empíricos. (COMPAGNON, 2010, p. 141)

Mas essa importância não foi sendo percebida rapidamente, pois deslocar a interpretação do autor para outros lugares (leitor, linguagem, discurso, texto, ideologia etc.) custou o nascimento e o declínio de correntes importantes, como o caso do estruturalismo.

Tal modificação no pensamento tradicional não ocorre por acaso, a própria mudança na mentalidade do homem moderno aponta para novas formas de pensar e entender a linguagem.

Enquanto as explicações da hermenêutica clássica e a filologia fincavam o valor da interpretação unicamente na intenção do autor pelo seu historicismo, o formalismo russo e o *New Critics* usavam, de forma ilusória, outras razões para deslizar a relevância do autor e seu vigor para os outros componentes que poderiam proporcionar a significação do discurso.

O estruturalismo também ofereceu um caminho para o enfraquecimento do mando da produção dos discursos. Como visto anteriormente, em Barthes a figura do autor encontrou no leitor um significativo oponente, mas o interpretante esteve sujeito ao poderio da linguagem soberana:

Mais precisamente: é o papel da literatura *representar* ativamente à instituição científica aquilo que ela recusa, a saber, a **soberania da linguagem**. E o estruturalismo deveria estar bem colocado para suscitar tal escândalo: consciente, em alto grau, da natureza linguística das obras humanas, só ele pode hoje realçar o problema do estatuto linguístico da ciência; por ter como objeto a linguagem –, ele veio rapidamente a definir-se como a metalinguagem da nossa cultura. (BARTHES, 2004a, p. 11, 12, *grifo nosso*)

No trecho, o estruturalismo é visto como uma maneira subversiva e única para o sentido da leitura, como se, apenas por ele, linguística e ciência pudessem definir-se. O leitor achou no estruturalismo barthesiano uma vida inacessível, posto que nessa corrente, o esvaziamento do autor não proporciona o espaço ao leitor efetivamente, mas à linguagem e a sua definição estrutural. O centro da leitura nesta corrente é a estrutura com bases em Saussure. Apesar de apresentar o nascimento do leitor em termos, Barthes faz da linguagem um campo impossível de escapar, mesmo ao literato, que só pode se contentar com uma ilusão de liberdade:

Para a teoria literária, nascida do estruturalismo e marcada pela vontade de descrever o funcionamento neutro do texto, o leitor empírico foi igualmente um intruso. Ao invés de favorecer a emergência de uma hermenêutica da leitura, a narratologia e a poética, quando chegaram a atribuir um lugar ao

leitor em suas análises, contentaram-se com um leitor abstrato ou perfeito: (COMPAGNON, 2010, p. 140)

A tentativa de pôr o leitor no espaço da interpretação não parece ter sido claramente compatível com o descentramento do sujeito, pois quanto mais central e dominante a linguagem for, menos preponderante será o sujeito. E assim ocorre com o leitor no modelo da estrutura, como comenta Henriques (2011, p. 77): “Por outro lado, também se equivocou quando almejou a centralização excessiva na forma, tão enfatizada pelos formalistas e estruturalistas”.

Há um mérito nesta corrente de origem saussuriana ao desvencilhar-se das raízes fixadas na hermenêutica clássica; ao repensar a significação nas entranhas do signo linguístico, o estruturalismo mina a soberania do autor, porém, submergiu excessivamente a interpretação no universo da linguagem. Possenti mostrou que há, no estruturalismo pechetano (Análise do discurso de linha francesa), uma orientação de leitura com a qual concorda:

Ao invés de propor uma teoria da leitura que se organize em torno da relação texto-leitor, Pêcheux insere antes uma questão sobre a legitimidade dos textos, [...] a questão da leitura deixa de ser prioritariamente uma questão de texto (ou uma relação texto-leitor), para ser, antes de qualquer coisa, uma questão de sentidos mais ou menos assentados, conforme um campo ao qual um texto está associado. Ou seja, não lemos simplesmente textos, lemos literatura, ciência, religião ou publicidade [...] A primeira chave de leitura, portanto, está nesta descoberta do leitor, que na verdade, não precisa fazê-la, porque o texto vem sempre acompanhado de todas as indicações de como deve ser lido. (POSSENTI, 2010, p. 16)

Nesse ramo do estruturalismo, o autor desaparece e a leitura ganha espaço, porém, a semelhança do que acontece com Barthes, a leitura é oferecida não ao leitor, mas a outro movimento: ao sentido inscrito na história por meio dos conhecimentos fixados na ciência, na literatura, na religião etc. O sentido é dado pelo modelo ideológico historicamente inscrito no sujeito, e mesmo que o texto seja opaco – não mais transparente como se pensava – a interpretação é dada dentro do sentido histórico-ideológico, não na relação leitor-texto.

Esse também é o pensamento defendido por Orlandi:

Sem esquecer que os sentidos não são propriedades privadas: nem do autor, nem do leitor. Tampouco derivam da *intenção* e *consciência* dos interlocutores. São efeitos da troca da linguagem. Que não nascem nem se extinguem no momento em que se fala. (ORLANDI, 2004, p. 60)

O sentido, sendo decalcado sobre as condições da discursividade faz com que a leitura seja definida por algo externo à interação texto-leitor.

Como visto, os caminhos do estruturalismo esvaziaram o lugar do autor e a busca pela sua intenção, colocando sobre outros elementos os parâmetros do sentido. O leitor (na condição de sujeito) é claramente descentralizado e sua influência no processo de interpretação dos textos é descaracterizada.

Em um dado momento da participação do leitor na história, sua voz foi idealizada como única e suficientemente capaz de decidir o sentido do texto e as intenções. O que antes acontecia com o autor (soberano e auto funcional) passava a ocorrer com o leitor, daí nascia a valorização da superinterpretação: qualquer texto está aberto a qualquer sentido que o leitor divisar.

Pode-se destacar Stanley Fish, Compagnon escreve que ele:

[...] transferiu para o leitor toda a significação [...] Fish, depois de ter substituído a autoridade do autor e a autoridade do texto pela autoridade do leitor, julgou necessário reduzir as três à autoridade das ‘comunidades interpretativas’. (CAMPAGNON, 2010, p. 157, 158)

Então cai-se novamente no domínio de questões sociais e de interpretações inscritas culturalmente, historicamente e de formações discursivas.

Por fim, Fish reconhece que o modelo interpretativo que funciona na hegemonia do leitor pode carecer de equilíbrio tanto quanto carecia a busca exclusiva pela intenção do autor:

Na realidade, o primado do leitor levanta tantos problemas quanto, anteriormente, o do autor e o do texto e o leva a sua perda. Parece impossível à teoria preservar o equilíbrio entre os elementos da literatura. (COMPAGNON, 2012 p. 161)

Após percorrer o campo da história, da filologia, da ideologia, após serem afetados pela meta da cognição e do psiquismo, os estudos de leitura alcançam o outro extremo de

autoridade, o do leitor em plena liberdade de leitura. Essa liberdade passa a ser identificada, como já havia sido previsto, como um abandono ao texto e as propriedades interpretativas que dele deveriam ser extraídas:

A ênfase quase que exclusiva nas habilidades e conhecimentos do leitor como fator determinante da leitura, sem qualquer referência aos elementos textuais, deixava a desejar, uma vez que não cuidava de explicar os mecanismos que levavam o leitor a realizar as estratégias de predição e seleção responsáveis pela reconstituição do texto. (FARIAS, 2009, p. 59)

As teorias da recepção instauradas por Wolfgang Iser e desdobradas por Hans Robert Jauss, e as concepções pensadas por Umberto Eco, sobre as intenções que permeiam a leitura de um texto, contribuíram para encontrar um certo equilíbrio em relação à leitura literária e os componentes nela envolvidos.

2.3.2 O que é o ato de ler?

A busca pela forma mais econômica de interpretar é um indicativo cognitivo que faz com que o leitor execute trilhas mais ou menos mais fáceis e comuns. É essa economia interpretativa que leva o leitor a considerar que os textos são, em essência, classificados em tipos. Alguns elementos textuais mostram que um texto é informativo e outro é subjetivo, um permite menores possibilidades interpretativas enquanto outros solicita maiores intervenções e inferências do interpretante.

Para muitos teóricos da leitura, os tipos e gêneros textuais (ou discursivos⁸), orientam como devem ser as possibilidades de concretizar a(s) sua(s) significação(ões). Perini aponta que:

⁸ Não se discutirá o mérito dos termos, sendo que alguns teóricos usam *Gêneros textuais* (MARCUSCHI, 2007, p. 22; COSTA, 2008, p. 6, 7, 8) outros escrevem *Gêneros discursivos* (BAKHTIN, 2003, 261, 262); e há o uso de nomenclaturas fazendo uma distinção entre as noções de *Tipo* e *Gênero* (SILVA, 1999, p. 87). Conquanto tais denominações podem variar entre formatos, suportes do texto e o seu conteúdo. Não é temática desta tese a questão de Gênero, então arbitrariamente se usará apenas o termo *Gênero textual* para descrever as várias formas em que os conteúdos dos textos se apresentam em seus enunciados: texto poético, texto informativo etc.

[...] o alvo muda conforme o gênero do texto em questão: compreender um texto literário é algo radicalmente diferente de compreender um texto informativo (é “informativo e/ou argumentativo”, mas vou dizer apenas *informativo*, para abreviar), acredito que a falta dessa discriminação de gêneros é uma das muitas raízes do problema. (PERINI, 2005 p. 33, 34)

Este caminho de leitura é uma orientação geral, porque, em geral, leitores automaticamente fazem um reconhecimento inicial do modelo do texto que começa a ler, e aplica modalidades próprias da leitura do gênero identificado no texto. A partir desta análise inicial, o leitor deduz o tipo de leitura que irá obedecer a devidas condutas determinadas pelo gênero em questão: [...] “admitindo que *gênero* possa funcionar como matriz a priori para a percepção de certos efeitos de sentido” (MARI, WALTY, 2007 p. 15).

Evidentemente, vários outros fatores serão determinantes numa leitura, porém a economia manifestada na identificação do gênero parece ser (pela orientação dos autores aqui listados) uma ação inicial e quase seletiva. Diz-se seletiva pois, ao ler uma piada, seleciona-se estratégias de interpretação diferentes de quando se lê um manual de instruções de um equipamento.

Em síntese, o modo pelo qual textos diferentes estruturam sua base de significação representa um primeiro desafio para o leitor: qualquer pretensão interpretativa precisa dar conta dessa dimensão primária do texto. (MARI; MENDES, 2005 p. 164)

Não são poucos os investigadores da leitura que apontam a dimensão dos gêneros como um primeiro passo para a recepção de um escrito. Seria a primeira instrução inscrita na interface do texto a dar ao leitor as pistas para sua leitura numa atitude econômica. Seria como um contrato entre o leitor e o texto, o qual se manifesta imediatamente quando se inicia uma leitura qualquer.

Ler inicialmente implica no reconhecimento econômico do gênero de texto usado pelo autor como um “contrato enunciativo” – entre o autor (inscrito no texto) e o leitor. Porém, essa relação (gênero x economia) é uma operação que se faz na leitura quando se busca a intenção textual. Nesse caso, é provável que muitos leitores cheguem a significações parecidas quando estão diante de um texto informativo, mas a economia pode

ganhar outros investimentos quando o texto em questão for um poema ou um romance realista.

Além deste momento inicial de reconhecimento do texto, a leitura é, como colocado anteriormente, um ato múltiplo que mobiliza diversas estratégias linguísticas, textuais, discursivas, cognitivas, culturais, ideológicas etc. e não somente encontra-se economia neste ato pela orientação de gênero, mas num teor geral ao significar.

Pode-se listar uma gama de táticas ou regras acionadas no ato da leitura, umas obrigatórias outras opcionais (caso o leitor disponha):

Que regras são essas, afinal?

Para simplificar, podemos admitir que são todas aquelas que contribuem para construção primária do sentido, representando desde o traço mais elementar do plano fonológico até os mais complexos no plano semântico. (MARI, MENDES, 2005, p. 158)

Algumas dessas estratégias são: O conhecimento lexical e linguístico, os objetivos na e pela leitura, o princípio da economia, o princípio da coerência, a regra da distância mínima, o princípio da relevância, o princípio da não contradição, o conhecimento de mundo, as inferências, as pressuposições, os subtendidos, as implicaturas, os fatores pragmáticos, as intertextualidades ou interdiscursos, o reconhecimento das figuras de retórica, a gerenciamento dos gêneros, as paráfrases, o reconhecimento de elipses, os papéis contextuais, valores de verdade, a representatividade, as ambiguidades, as passagens paralelas, as leituras tematizadas, as informações visuais na concretude do texto, dentre muitas outras estratégias que parecem contribuir para que cada leitura seja, de certo modo, única em cada leitor.

Talvez todo o sumário de livros de interpretação, semântica e enunciação poderia ser listado como operações que serviriam no ato de leitura, estas foram coletadas sem critérios das obras: Chierchia (2003), Kock e Travaglia (2003), Kleiman (2007a) e Eco (1995).

O uso de múltiplas formas de estratégias de leitura é, de fato, abundante. Mas é importante observar não apenas a tática (teoria) de leitura, mas o lugar onde essa leitura ocorre: a interação entre texto e leitor.

Se fosse possível determinar um Objetivo geral para o ato de ler seria: **Significar**. E o processo que estabelece as bases para qualquer significação é a **interação**.

Para isso é preciso corroborar uma afirmação feita por Fish e parafraseada por Compagnon, sobre o momento da leitura: “[...] a literatura, não mais como objeto, fosse ele virtual, mas como ‘o que acontece quando lemos’” (2010, p. 157) em concordância com Sartre quando diz: “O objeto literário é um estranho pião que só existe em movimento. Para fazê-lo surgir é preciso um ato concreto que se chama leitura e ele só dura enquanto essa leitura puder durar”. (Apud. COMPAGNON, 2010, p. 146).

Pode-se afirmar então que: a leitura é um estabelecimento de significações através de um processo de interação, ou, para ser mais consistente, um processo dialógico de significar.

2.3.3 O leitor e o texto

Os desígnios desta tese pretendem individualizar o momento da leitura, reconhecendo que essa ação é o mais próximo do real. O leitor e o texto são, em meio ao emaranhado de suposições interpretativas, os agentes onde se concentram as outras múltiplas esferas associadas à compreensão. Leitor e texto são as duas materializações visíveis deste processo, como delinea Marcuschi: “A leitura não passa de uma espécie de processo geral para um conjunto de atividades interativas e cognitivas, em parte dirigidas pelo texto, em parte orientadas pelo leitor ou ouvinte”. (2004, p. 55).

Evidente que, na materialidade do texto, estão permeados: intenções do autor, história, metáforas, intertextos etc. Também é claro que na atividade do leitor estão presentes interfaces como: conhecimento de mundo, objetivos pessoais, interdiscursos, valores de verdade etc., mas por meio desses dois agentes os outros elementos serão acionados para compor a ação leitora:

Será a leitura esse ato solitário, que afasta *o* mundo e *do* mundo? Só o leitor e o texto? O isolamento, o mundo ausente, espaço/tempo de incontaminada intersubjetividade?

Não. Leitura não é esse ato solitário; é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na

estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; entre os dois: enunciação; diálogos? (SOARES, 2004, p. 18)

Esse compêndio de dependências entre sujeitos e ações pede uma revisão dos papéis tradicionalmente determinados para leitor e autor.

Para esta reflexão, a segunda divisão⁹ estabelecida por Eco, que será apresentada aqui, é a mais razoável: trata-se das duas faces do leitor, duas entidades ligadas ao processo de leitura: o leitor empírico e o leitor-modelo:

O leitor empírico é você, eu, todos nós, quando lemos um texto. Os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine como devem ler, porque em geral utilizam o texto como um receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas pelo próprio texto. (ECO, 1994, p. 14)

A primeira figura dessa dicotomia é o leitor-empírico, o leitor real. Assim como existe o escritor real, reconhecido na figura humana do escritor de um livro, um poema ou uma obra de uma vida, há o leitor físico do seu texto. O leitor-empírico executa toda a liberdade de interpretação que desejar a respeito de um texto, usa as estratégias que quiser ou nenhuma, usa a superinterpretação, realiza uma leitura que poderá achar discordância em todos os outros leitores e críticos, e isso não fará diferença alguma pois sua liberdade é garantida pelo direito de “uso” do texto.

Como metaforizou Eco, neste caso o leitor estará passeando pelo seu jardim de particular interpretação, desprezando o bosque elaborado pelo autor e orientado no texto, reformulando-o com medidas infinitas de significações e deduções.

Porém, há o leitor-modelo que é uma idealização de leitor realizada por parte do autor:

[...] que eu chamo de leitor-modelo – uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar. O leitor-modelo que propus é [...] um conjunto de instruções textuais, apresentadas pela

⁹ A primeira divisão de Eco (1994, p. 17) trata-se da dicotomia Autor empírico e autor-modelo, que estabelece a divisão entre o ser real (escritor) e o ente enunciativo (voz do autor na narrativa). Essa divisão não tem tanta importância nessa pesquisa que visa enfoques no leitor.

manifestação linear do texto precisamente como um conjunto de frases ou de outros sinais. (ECO, 1994, p. 15-22).

Ao contrário do leitor empírico, o leitor-modelo tem suas próprias regras. Esse ente é na verdade uma posição inscrita no texto. Assim, o leitor-modelo é a tática que mostra um passeio pelo bosque público criado pelo autor. Claro que a ficção proporciona múltiplos caminhos e muitas vezes o leitor será convidado a optar; mas, a condição de leitor-modelo não permite que o leitor siga por qualquer abertura que desejar.

A noção de uma semiótica ilimitada não leva a conclusão de que a interpretação não tem critérios. Dizer que a interpretação (enquanto característica básica da semiótica) é potencialmente ilimitada não significa que a interpretação não tenha objeto e que corra por conta própria⁴. Dizer que um texto potencialmente não tem fim não significa que todo ato de interpretação possa ter um final feliz. (ECO, 2012b, p. 28)

Na realidade do leitor-modelo, o texto é infinito em leituras possíveis relacionadas a ele (o texto). O encontro sistemático de um final feliz (que podem ser vários) é o leitor se colocando na posição de modelo e encontrando as pistas deixadas pelo autor: “um texto pode admitir várias interpretações, mas não todas” (FIORIN, 2004, p. 113). O mesmo pensamento norteia as convicções de Mari e Mendes:

No espaço das estratégias, a leitura implica reinvenção do leitor, mas somente na dimensão em que o código pode aceitar, ou somente na dimensão em que podemos justificá-las a partir de uma forma particular de seu funcionamento. Qualquer texto impõe um modelo de produção como matriz a ser seguida pelo leitor; (MARI, MENDES, 2005, p. 161)

Iser idealizou uma dicotomia semelhante ao recortar do texto dois polos: o artístico e o estético, o primeiro vinculado ao texto (do seu autor) e o segundo ligado ao leitor (no ato da leitura). A semelhança também ocorrer quando Iser adota as conjecturas de Wayne Booth (1961) para os conceitos de: o autor-implícito e o leitor-implícito. As categorias são as mesmas postas por Eco, convém entender que são nuances de um mesmo pensamento numa questão pontual, embora Eco e Iser prossigam por desfechos distintos.

Mas até o método dos exageros interpretativos tem suas razões, daí surgem os dois verbos relacionados à leitura nessa teoria: *uso* e *interpretação*:

Enfatizei a diferença entre interpretar e usar um texto. Posso, com certeza, usar o texto de Wordsworth para uma paródia, para mostrar como um texto pode ser lido em relação a diferentes contextos culturais, ou para finalidades estritamente pessoais (posso ler um texto em busca de inspiração para as minhas meditações); mas, se quiser interpretar o texto de Wordsworth, terei de respeitar seu pano de fundo cultural e linguístico. (ECO, 2012b, p. 81)

Usar um texto é lê-lo da maneira que desejar, sem submeter-se a nenhuma regra ou limites de leitura, essa ação é realizada quando o leitor se põe a passear pelo jardim particular. Mas *interpretar* um texto é lê-lo negando o individualismo, submetendo-se aos limites da interpretação dosados no texto, essa ação é realizada quando o leitor passeia pelo bosque construído pelo autor:

Podemos concordar que a avaliação de um poema que se funda numa falsa interpretação (sobre um contrasenso(*sic*)), não é uma avaliação desse poema, mas de um outro. Existem, por assim dizer, dois homens (ou duas mulheres) em cada leitor: aquele que se comove com a significação que esse poema tem para ele, e aquele que é *curioso* em relação ao sentido do poema e àquilo que seu autor quis dizer ao escrevê-lo. E essas duas *libidos* não são inconciliáveis. (COMPAGNON, 2010, p. 85)

Pode-se *interpretar* um texto, considerando suas possibilidades coerentes, razoáveis e econômicas, ou pode-se *usar* um texto ao sabor das infinitas extrapolações do leitor em suas superinterpretações. Sempre usando inferências: possíveis ou exageradas.

Seja qual for a opção do leitor, o produto de suas especulações interpretativas é um resultado da interação do dueto leitor-texto, e essa é a engrenagem essencial:

Levar em conta a interação leitor-texto para discutir literatura parece dar conta de forma mais adequada do modo de inserção da literatura na vida escolar, uma vez que a prática da leitura patrocinada pela escola é dirigida, planejada, limitada no tempo e no espaço. (LAJOLO, 2002, p. 43-44)

Embora se possa perceber as forças dos outros elementos circundantes do interpretante, como história, o autor, os conhecimentos de mundo, a linguagem, a ideologia etc., o mecanismo da interpretação está efetivamente situado nessa essencial dicotomia, e é essa interação que deve ser apreciada prioritariamente.

2.4 Superinterpretação e Hiperinterpretação

Os termos Superinterpretação e Hiperinterpretação são equivalentes. Esse fenômeno no âmbito da leitura ocorre quando o leitor abandona as pistas textuais possíveis de interpretações “‘seguras’ ou moderadas” (CULLER, 2012, p. 130-131) e delibera uma leitura que é arrastada pelo seu personalismo envolvido no seu conhecimento de mundo. Essa forma de interpretar pode seguir aberturas infinitas nas margens do que o leitor considera importante dentro da sua história, sua cultura, seus lugares enunciativos, dos interdiscursos, das suas ideologias e até de elementos que não se pode prever ou definir:

Essa imaginação de um leitor total – quer dizer, totalmente múltiplo, pragmático p tem talvez uma coisa de útil: permite inverter o que se poderia chamar de Paradoxo do leitor; admite-se comumente que ler é decodificar: letras, palavras, sentidos, estruturas, e isso é incontestável; mas acumulando as decodificações, já que a leitura é, de direito, infinita, tirando a trava do sentido, propondo a leitura como roda livre (o que é a sua vocação estrutural), o leitor é tomado por uma inversão dialética: finalmente, ele não decodifica, ele *sobrecodifica*; não decifra, produz, amontoa linguagens, deixa-se infinita e incansavelmente atravessar por elas: ele é essa travessia. (BARTHES, 2004b, p. 41)

Essa liberdade sem dose na leitura superinterpretada foge inteiramente da posição de leitor-modelo, e inscreve-se a partir do texto uma leitura que para Barthes é um tipo de produção infinita. O uso de todas as mobilidades que o leitor pode fazer ao seu gosto é uma “inversão dialética”, ou seja, não mais os sentidos propostos no autor ou no texto, mas a partir do leitor, que por sua vez não tem preocupação com o princípio da economia ou de uma inferência unicamente baseada no texto.

Na avaliação de Todorov, tal proposta mereceu uma comparação pitoresca: “um texto é um piquenique onde o autor entra com as palavras e os leitores com o sentido” (ECO, 2012b, p. 28).

O próprio Eco inicia suas primeiras convenções semióticas com a proposta de abertura de sentidos (*Obra aberta*, 1962), mas, com o tempo, define-se por um pós-estruturalismo hermético. Mesmo assim, Eco não escapa de críticas de Compagnon por seu início de análises consideradas anárquicas:

A posição moderada de Iser, [...] que identifica imposições no texto, não tem certamente a radicalidade da tese de Umberto Eco, para quem toda a obra de arte é aberta a um leque ilimitado de leituras possíveis. (COMPAGNON, 2010, p. 153)

Posicionando-se posteriormente ao lado da interpretação com base nas intenções textuais, Eco abandona a Superinterpretação e suas nuances e passa a criticá-la, adotando uma teoria de entremeios e justificando sua antiga posição formuladas nos livros *A Estrutura Ausente* (1968) e *Obra Aberta* (1962):

Naqueles tempos ainda não fora proposta uma completa teoria da recepção, e nós nos valíamos – como bricoleurs – tanto das pesquisas sociológicas, cujo método contestávamos, como das idéias de Jakobson e do estruturalismo francês em sua fase inicial (ainda que assumindo uma posição um tanto herética com respeito a este último que privilegiava o puro estudo da mensagem como objeto autônomo. [...] À sombra de tradição diferente, gostaria de citar o meu *Obra Aberta*, a saber, um livro que – escrito entre 1958 e 1962, com instrumentos ainda inadequados [...] (ECO, 1995 p. 4-5)

A partir desta reformulação, a interpretação que depende exclusivamente do olhar do leitor é chamada por Eco de “interpretação paranoica” (2012, p. 57). Mas muitos pontos positivos foram levantados pelos defensores da teoria da Superinterpretação (ou, nos termos de Culler, “interpretação extrema”):

A interpretação moderada, que articula um consenso, embora possa ter valor em certas circunstâncias, é de pouco interesse. [...] acho que a produção de interpretação de obras literárias não devia ser considerada como objetivo supremo, e muito menos o único objetivo, dos estudos literários, mas, se é para os críticos gastarem seu tempo elaborado e propondo interpretações, então devem aplicar a maior pressão interpretativa possível, devem levar seu pensamento o mais longe possível. Muitas interpretações “extremas”, como muitas interpretações moderadas, sem dúvida terão pouco impacto, por serem consideradas pouco convincentes, redundantes, irrelevantes ou aborrecidas, mas, se forem extremas, terão mais possibilidade, parece-me, de esclarecer ligações ou implicações ainda não percebidas ou sobre as quais ainda não se refletiu, do que se tentarem manter-se “seguras” ou moderadas. (CULLER, 2012, p. 130-131)

Culler justifica a proposta da Superinterpretação pois, em sua concepção, ambas as leituras (moderada ou extrema) têm certo grau de descarte, mas as leituras extremas (superinterpretativas) são as mais susceptíveis a novas reflexões ainda impensadas. Dessa

forma, os esforços de compreensão deveriam, a seu ver, ser empregados no modelo superinterpretativo sempre.

A leitura descomprometida com tais pressupostos de verdade inscritos no texto poderia proporcionar ou testar novas suposições de significações, tal como um experimento em busca de novos resultados.

Para os partidários da liberdade interpretativa, trilhar os caminhos das pistas textuais em busca das marcas deixadas pelo autor para encontrar a sua intenção é um exercício mecânico e de pouco proveito. Culler, comentando Frye – que desdenha desse modelo –, mostra que os adeptos da interpretação moderada são leitores aficionados pela obediência ao autor em detrimento da compreensão criativa existente no ideal proposto pela superinterpretação:

A ideia de que a obra literária é como uma torta que o autor “diligentemente recheou com um determinado número de primores ou efeitos” e que o crítico, como Little Jack Horner, extrai complacientemente um a um, dizendo: “Oh, que bom menino que sou.” Frye chamou essa ideia, num raro acesso de petulância, “Uma das muitas bobagens iletradas que a ausência de uma crítica sistemática permitiu desenvolver-se.” (CULLER, 2012 p. 137)

A considerada radicalidade da soberania absoluta do leitor é um ponto importante na história dos estudos sobre a leitura (ainda que tal juízo seja criticado por muitos), pois esse momento conseguiu trazer para o centro da discussão o papel desse ator que não mais poderia ser visto como coadjuvante. Mas o curso dos estudos de interpretação parece ter chegado ao extremismo nos pressupostos Booth, Frye e Culler, pois neles, e nos seguidores da hiperinterpretação, o leitor encontrou espaço e liberdade nunca antes encontrados em teoria:

[...] uma vez ocupado esse lugar, foi como se os adeptos do leitor quisessem, por sua vez, excluir todos os seus concorrentes. O autor e o texto – e, finalmente, o próprio leitor – revelaram-se impossíveis de serem excluídos das exigências dos teóricos da recepção. (COMPAGNON, 2012 p. 161)

O estudo da superinterpretação, como feito até o presente ponto, é relevante para esta pesquisa, visto que, na análise do *corpus*, os resultados serão categorizados e uma das categorias em questão será a Superinterpretação.

Como já visto anteriormente, há estudiosos que consideram a superinterpretação um movimento nocivo, errado, pernicioso. Em outros termos, aceitar que o leitor, orientado pelo seu gosto particular, possa ter de um texto todas as leituras e interpretações que achar conveniente é um erro didático.

Considera-se uns exemplos de maus leitores¹⁰:

Borges, em seu conto *Pierre Menard: autor do Quixote*, relata a exaustiva experiência de um escriba que decidiu reescrever o livro de Cervantes. Borges ironicamente descreve a reescrita do livro apontando os equívocos da leitura do clássico. Em um dos trechos diz: “Menard (talvez sem querê-lo) enriqueceu, mediante uma técnica nova, a arte retardada e rudimentar da leitura: a técnica do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas” (BORGES, 1975, p. 51 e 52). Reescrever o clássico *Dom Quixote* já era um empreendimento impossível aos olhos de Borges, mas as leituras erradas chamaram ainda mais atenção.

Outro exemplo de uma leitura contaminada está presente nas linhas de *Alice no país das maravilhas*. O escritor Carroll monta um diálogo onde ocorre um equívoco de leitura expressamente vocabular:

– Minha história é um **rabisco** longo e triste – disse o rato, suspirando.
– É, de fato, um **rabicho** muito longo – comentou Alice, entendendo mal o que o Rato havia dito e olhando surpresa para o rabinho dele. Mas por que você diz que ele é triste?
(CARROLL, 2002, p. 28, *grifos do autor da tese*)

A personagem Alice confunde “rabisco” com “rabicho” e estabelece uma relação própria de interpretação. Muitos escritores registram a má leitura em suas narrativas de diversos gêneros, e não poucas vezes a nocividade de uma leitura superinterpretativa é apresentada abertamente.

¹⁰ “Mau leitor” é uma expressão que representa o pensamento da corrente que considera a superinterpretação como um movimento nocivo de leitura.

A superinterpretação é, para esta pesquisa, uma leitura distorcida. Um leitor em abuso do texto.

2.5 Caminhos da intencionalidade

Ao longo da história dos estudos no campo da leitura, algumas correntes¹¹ tentaram explicar as formas de interpretação e todos caminhando por uma linha pungente da qual é impossível escapar: a intenção.

Não se quer entender “intenção” como um processo estritamente lexical pois apenas esse aspecto reduziria a multiplicidade desse fenômeno ao nível estrutural, seria chamada de “intensão”. Mas a intencionalidade pretendida está relacionada aos aspectos interpretativos para além dos pressupostos da língua enquanto sistema, mas precisamente das análises de inferências, da discursividade, das figurativizações e dos diversos movimentos de leitura que orientam os olhares numa percepção diversificada de interpretação de um texto.

A intencionalidade já foi ignorada, abolida, sacralizada, cooptada, mas seu caráter evidente na produção de uma obra, dentro do texto ou no ato da leitura, não se apaga e nem pode ser silenciado. A intenção existe como ato humano e racional. Esse axioma reflete uma expectativa antiga que advém das primeiras noções do Racionalismo e das Lógicas. As clássicas noções de Razão plenificam a necessidade da existência de intencionalidade das ações humanas, de forma que seria irracional conceber os atos humanos como não intencionais, sobretudo os atos de escrita e leitura: “Na realidade, interpretar um texto não é sempre fazer conjecturas sobre uma intenção humana em ato?” (COMPAGNON, 2010, p. 49).

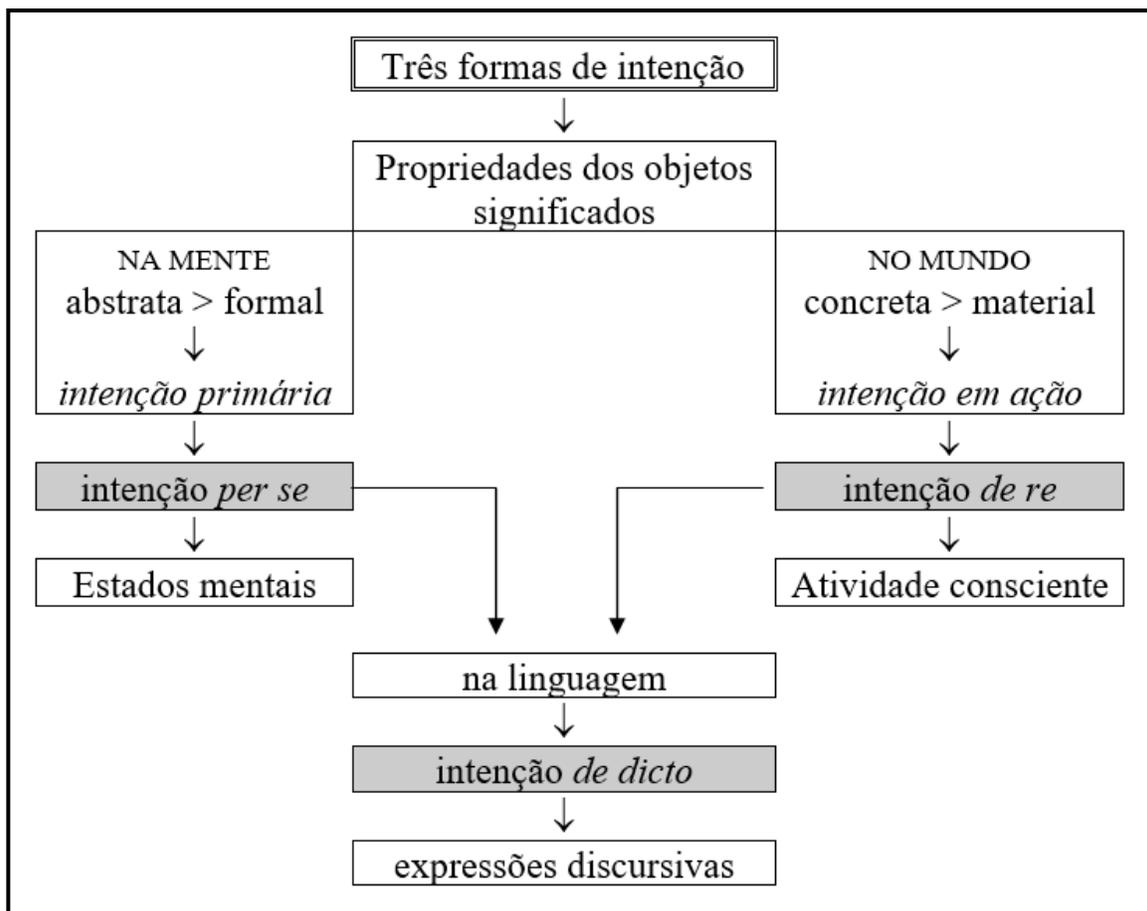
Não há como desprezar ou desacreditar da existência das intenções pois elas regem todos os atos dos seres humanos, e não seria diferente com a produção escrita e sua leitura que são manifestações da intelectualidade muito mais sofisticadas em relação a outras formas de atividades.

¹¹ A exemplo dos estudos explicativos da intenção pelo viés filologia, no historicismo, no positivismo, o formalismo russo, o *New Critics*, o estruturalismo francês, nas teorias da recepção etc.

Geralmente se entende a intenção como uma realização com a finalidade de atingir propósitos, aquilo que se pretende através de um meio. Essa definição generalizada pode ser suficiente popularmente, mas pelo menos dois principais pontos muito polêmicos partem dessa simples definição: 1) sobre quais tipos se manifestam as intenções; 2) sobre a clareza das intenções entre os interlocutores.

Sobre o primeiro ponto, pode-se destacar que existe um tipo de intenção mental, que se manifesta na consciência antes mesmo da execução de um ato de fala ou de uma ação orientados por essa intenção (chama-se intenção primária); existe o segundo tipo de intenção que é a manifestação concreta das intenções humanas, a realização material do pensamento primário intencional, (chama-se intenção secundária). Essas duas faces da intencionalidade são comuns ao espírito medieval segundo Geach citado por Cayla (Apud. MARI, 2014, p. 1). Porém, a realização do produto mental em intenção/ação gera um terceiro tipo de intencionalidade obrigando o ser social a uma dimensão de linguagem e discurso. Livet & Petit (Ibidem) desdobram as teorizações de pesquisadores da intencionalidade como Pacherie e Searle, e na compreensão de que a intenção se manifesta em 3 (três) tipos, esse trabalho de tese se destina a destacar e estudar o tipo de intenção que se desdobra na linguagem e pelos discursos, portanto o terceiro tipo. Esse modo intencional pode ser visualizado (juntamente com os outros dois) no diagrama formulado por Mari (Ibidem, p. 2) e apresentado a seguir:

Quadro 1: Três formas de intenção



Fonte: (MARI, 2014, p. 2)

O terceiro tipo de intencionalidade é demarcado pelos termos: “Na linguagem”, “intenção de *dicto*” e “expressões discursivas”.

O segundo ponto polêmico sobre intencionalidade é a respeito da sua clareza. Se as relações de linguagem humana fossem transparentes, como há muito se pensou sobretudo na exegese clássica, não haveria dissensões e diferenças nas interpretações dos textos, das falas, dos atos e de toda manifestação social. É justamente porque quase sempre as intenções são opacas que o significado se dispersa multiplamente quando uma intenção *per se* torna-se pública e materializada. Mesmo porque a própria intenção na materialidade da língua pode ser (e quase sempre é) incompleta para representar com plenitude a intenção

primária que inicialmente se abrigou no pensamento, pelo que se usa outros meios para completar as ineficiências frasais.

A opacidade da linguagem obriga o homem a habituar-se a uma multiplicidade interpretativa e ao trabalho infinito de busca da objetividade e/ou a conviver com as possibilidades da não transparência da expressão da linguagem e transformá-la em autoria e arte.

É neste caminho que o conceito oportuno de intenção ganha entendimento para esta investigação, considerando as intenções no âmbito da linguagem como processos que acompanham a materialização dos discursos a propósito de realizar efeitos de sentidos, e finalmente compreendendo que as expressões humanas são dotadas da capacidade de opacidade.

No intento de avançar no propósito deste trabalho, passa-se a considerar a intencionalidade a partir dos três monumentos clássicos dos estudos textuais, são eles: autor, texto e leitor.

Quando se fala em intenção do autor, pode-se questionar: ao querer extrair do texto as suas significações, o que se busca é exatamente a intenção do autor? Essa busca tornou-se (principalmente nas atividades escolares) um resgate de uma intenção única e verificável da opinião do escritor clássico:

A tese intencionalista é conhecida. A intenção do autor é o critério pedagógico ou acadêmico tradicional para estabelecer o sentido literário. Seu resgate é, ou foi por muito tempo, o fim principal, ou mesmo exclusivo, da explicação do texto. Segundo o preconceito corrente, o sentido do texto é o que o autor desse texto quis dizer. [...] se sabemos o que o autor quis dizer, ou se podemos sabê-lo fazendo um esforço – e se não o sabemos é porque não fizemos esforço suficiente –, não é preciso interpretar o texto. (COMPAGNON, 2010, p. 49)

Como visto desde o início desta explanação, a demanda da intenção autoral tornou-se cansativa, então uma jornada longa levou a transferência da capacidade legítima da leitura para o interpretante e sua intenção. Notou-se que o desequilíbrio apenas mudou de lado na balança.

Considere-se os dois extremos intencionais:

Duas posições polêmicas extremas sobre a interpretação – intencionista e anti-intencionista – podem ser colocadas em oposição, como quando da controvérsia entre Barthes e Picard:

1. É imprescindível procurar no texto o que o autor quis dizer, sua “intenção clara e lúcida”, como dizia Picard: esse é o único critério de validade da interpretação.
2. Nunca se encontra no texto senão aquilo que ele (nos) diz, independentemente das intenções do autor; não existe critérios de validade da interpretação. (COMPAGNON, 2010, p. 78)

É precisamente isso, dois extremos, um que regula a interpretação em direção da descoberta do que o escritor quis dizer em sua alma, clara e lucidamente; e outro extremo que determina ser impossível encontrar qualquer validação da intenção autoral, como reitera Compagnon:

[...] dois extremos que reúnem as posições antitéticas: de um lado, as abordagens que ignoram tudo do leitor, e de outro, as que o valorizam, ou até o colocam em primeiro plano na literatura, identificam a literatura à sua leitura. (COMPAGNON, 2010, p. 137).

Tem-se em Barthes um dos maiores expoentes do extremismo em favor do leitor e contra a existência do autor e suas intenções, e em Picard encontra-se o inverso deste pensamento, o autor real e suas intenções são as únicas importâncias e devem ser encontradas. Por esses dois caminhos, ou o texto pode significar qualquer coisa, ou significa uma só:

Na querela entre Barthes e Picard estaríamos, segundo Hirsch diante de um caso de extremos: Barthes negaria qualquer interesse pelo sentido original do texto de Racine, enquanto Picard se recusaria a fazer a menor diferença, não somente entre o sentido original e significação atual, como também entre sentido original e significação original (“a intenção clara e lúcida”). (COMPAGNON, 2010, p. 87).

Esses extremismos são chamados por Compagnon (2010, p. 87) de “diálogo de surdos”.

Para tentar acomodar os mistérios da interpretação, Eco (1995) adota a expressão “intenção do texto” (*intentio operis*), negando a intenção do autor (*intentio auctoris*) como conteúdo importante ou decifrável, ao mesmo tempo em que rejeita a intenção do leitor (*intentio lectoris*) e suas ferramentas de “infinitas” liberdades.

Em outros termos, uma boa interpretação não é uma “inútil” busca da intenção do autor, tão pouco uma Superinterpretação que possibilita os ilimitados devaneios do interpretante; mas uma interpretação apropriada está definida e calculada a partir de uma intenção expressa no e pelo texto:

Em alguns dos meus escritos recentes, sugeri que entre a intenção do autor (muito difícil de descobrir e frequentemente irrelevante para a interpretação de um texto) e a intenção do intérprete que (para citar Richard Rorty) simplesmente “desbasta o texto até chegar a uma forma que sirva a seu propósito” existe uma terceira possibilidade. Existe a *intenção do texto*. (ECO, 2012, p. 29)

A intenção do texto é uma hipótese que desloca a interpretação para a tutela da escritura ao mesmo tempo em que exclui o leitor de possíveis intervenções superestimadas, propondo uma voz no texto para os caminhos do sentido. Entretanto, essa formulação não é uma idealização iniciada em Eco: Compagnon (2010, p. 70) apresenta o livro de J. M. Chladenius, onde aparecem as discussões distinguindo “aquilo que o autor quer dizer, daquilo que o texto diz”.

Mas pode-se objetar: “buscar a intenção do texto não é o mesmo que busca a intenção do autor?” Esse foi o argumento de Compagnon em sua crítica a Eco, pois não bastava substituir a expressão “intenção do autor” por “intenção do texto”, se na essência do interpretante ele estaria mais uma vez fadado a tentar descobrir unicamente o que o autor quis dizer:

Como Umberto Eco introduziu, entre a intenção do autor e a intenção do leitor, a *intentio operis*. Mas essas curiosas atrelagens – “intenção do texto”, *intentio operis* – são solecismos, em ruptura com a fenomenologia da qual fingem extrair o termo *intenção*, já que, para ela, intenção e consciência estão fundamentalmente relacionadas. Como o texto não tem consciência, falar da “intenção do texto” ou de *intentio operis* é reintroduzir, sub-repticiamente, a intenção do autor como guardião da interpretação, com um termo menos suspeito ou provocador. (COMPAGNON, 2010, p. 82)

O senso de Compagnon mostra-se legítimo, já que o texto não tem consciência, a intenção que se busca é, de fato, a do autor. Se for esse o caso, a teoria da semiologia de

Eco apenas estaria voltando ao começo das elaborações de estudo de leitura do início do Século XX:

O que interpretamos quando lemos um texto é, indiferentemente, tanto o sentido das palavras quanto a intenção do autor. Quando se começa a distingui-los, cai-se na casuística. Mas isso não implica a volta do homem à obra, uma vez que a intenção não é o objetivo e sim o sentido intentado. [...] Denominar essa “intenção do texto”, sob o pretexto de tratar-se de uma intenção em ato e não de uma intenção *preexistente*, somente concorre para gerar confusão (COMPAGNON, 2010, p. 91-93)

Para Compagnon, mesmo tentando apagá-lo, o autor-modelo (na terminologia de ECO) está visivelmente encarnado no texto e gera uma polêmica tanto em relação aos que buscam a intenção do autor quanto em relação aos que afirmam que ele está morto.

A intenção do texto, embora esteja camuflando a intenção do autor, é um movimento intermediário que faz com que não exista uma intenção autoral a ser perseguida filológica, histórica ou misticamente, nem exacerba os limites da leitura.

Mari descreve o pensamento de Cayla como algo semelhante à defesa de Compagnon, no qual o texto não tem em si uma intenção própria e presente em sua materialidade:

Segundo Cayla [...] diríamos que a intencionalidade não está na coisa (na materialidade imediata de um texto) mas em um ponto de vista que um sujeito-leitor constrói sobre objetos e eventos desse texto. (MARI, 2014, p. 2-3)

Roncarati semelhantemente afirma que as significações textuais não se encontram na realização física de sua construção, mas na interação texto-leitor. Para a autora, o sentido de um texto:

... não está propriamente no texto e tampouco no leitor: emerge como um efeito de relações entre eles, fruto de uma atividade inferencial e colaborativa. O sentido se torna um efeito e não um *a priori* inscrito no texto. (RONCARATI, 2010, p. 50)

Mesmo diante dessas palavras, é preciso reconhecer que existe no texto dados claros que conduzem a vários leitores a inferências conectadas. Há de se presumir algumas

propriedades no texto que impelem a muitos leitores para que cheguem a um resultado de sentidos semelhantes, embora muitos se distanciem eventualmente. Mesmo que se reconheça que a interpretação não se realiza a menos que pela interação texto-leitor, deve-se considerar que há na materialidade linguística uma manifestação prévia que aponta para compreensões de suas intenções. Do contrário não haveriam interpretações semelhantes para um mesmo texto.

Fiorin, ao condensar um capítulo explicativo sobre a inferência, considera que “Certos enunciados tem a propriedade de implicar outros [...] essas implicações derivam dos próprios enunciados” (2006a, p. 168). Tem-se que há propriedades inferenciais próprias do texto e existem propriedades inferenciais de natureza da interação, e provavelmente exista uma conexão razoável entre esses dois mundos.

Se tantos leitores quanto suficientes apresentam respostas semelhantes em teor de significados a respeito de um texto, há de se acreditar que nele haja uma intenção presente e encarnada na sua concretude textual, ainda que ela possa ser rejeitada e até criativamente suplantada pelo leitor.

A proposta da Intenção Textual é uma volta em busca de algo perdido no percurso, esse algo não é o autor, mas o texto, mesmo que este revele o que essencialmente o autor nem pensou dizer.

Eco tentou fixar a necessidade de uma leitura que busca a intenção do texto com exemplos pessoais, pois, enquanto autor real, recebia comentários, análise, críticas, resenhas sobre seus romances. Muitas vezes as interpretações dadas pelos seus leitores não coincidiam em nada com intenção que teve o autor ao escrever a narrativa, porém, ao ler novamente seu próprio texto, o escritor pode admitir (ou não) que o texto permite coerentemente tal interpretação, embora não tenha sido propósito do autor construir esse sentido:

Há casos em que o autor ainda está vivo, [...] então seria possível obter dele dois tipos diferentes de reação. Em certos casos, poderá dizer: “Não, não quis dizer isso, mas concordo que o texto o diz, e agradeço o leitor que me fez percebê-lo”. Ou: “Independente do fato de eu não querer dizer isso, penso que um leitor razoável não deveria aceitar tal interpretação, porque soa antieconômica. (ECO, 2012, p. 86)

A *intenção do texto* procura eliminar esses extremos considerando que o texto pode trazer questões de validação de sua intenção, mesmo que, por meio de uma réplica, o autor discorde posteriormente da compreensão dada, no texto algumas intenções são claramente verificáveis.

Também estão no texto as aberturas por onde o leitor pode implementar leituras possíveis de sua marca pessoal, e isso também seria intenção do texto: pedir ao leitor que complete o espaço deixado para a estética de sua recepção.

Neste trabalho é preciso definir recortes de análises que cooperem para responder as demandas e pretensões pertinente a ele. Para isso, reforça-se a adoção do texto e do leitor como elementos centrais, postura semelhante encontram-se a seguir: “Em se tratando do tema leitura, vamos isolar as dimensões do autor que poderiam ser relevantes no processo, destacando o papel de duas categorias em relação aos movimentos de um leitor sobre o texto”. (MARI & MENDES, 2005, p. 170-171).

Tal binômio mostra-se mais eficaz – deixando de lado a figura do autor enquanto ser que transige a escritura – e passa-se a operar com uma interpretação que tenha sua dinâmica entre o texto e o leitor via intenção textual: “um ponto central na questão da leitura de qualquer texto, seja literário ou não, é a interação entre sua estrutura e o receptor.” (HENRIQUES, 2011, p. 49).

A leitura ativa e consciente passa a compreender que, apesar do leitor ter a liberdade de exacerbações interpretativas, mantém a serenidade de respeito. Nem transforma o texto em algo solidificado numa opinião cabalística do autor, nem superinterpreta estouvadamente: “[...] se consubstancia a ideia da leitura como um fenômeno complexo de interação do leitor com o texto” (FARIAS, 2009, p. 49).

“Dizer que a compreensão reside na busca da *intentio operis* não significa dizer que o enunciatário não colabora na construção sentido (*sic*).” (FIORIN, 2004, p. 113), é nessa interação que reside a presença do leitor e o valor do texto (enquanto representante do discreto autor).

Ler em busca da intenção do texto não ignora que o autor teve intenções, mas se entende que somente no texto e em suas modulações pode-se formar uma compreensão do que está posto. É uma operação que requer mobilizar quantas ferramentas forem

necessárias na composição da significação coerente. Ao se perceber na posição de leitor-modelo, o interpretante buscará a intenção do texto e perseguirá os trajetos de leitura sempre buscando orbitar no que o texto se permitirá ser entendido.

As considerações de Eco sobre intenção do texto passam a ser os requisitos basilares desta pesquisa, juntamente com o reconhecimento dialógico bakhtiniano, as noções de Superinterpretação e inferência, e a abordagem da leitura criativa, que é objeto de discussão da próxima subseção.

2.6 O leitor criativo e a autoria compartilhada

Uma tarefa em parceria é a melhor definição de uma leitura e de uma compreensão acertadas. Todo texto já é em si uma manifestação elaborada que espera com expectativa por uma intervenção coerente do leitor ou ouvinte, a leitura é uma participação, como definiu Marcuschi:

Se o autor ou falante de um texto diz uma parte e supõe outra parte como de responsabilidade do leitor ou ouvinte, então a atividade de produção de sentidos (ou de compreensão de texto) é sempre uma atividade de co-autoria (*sic*). (MARCUSCHI, 2008, p. 241)

Porém, embora Marcuschi considere que sempre há um trabalho de co-autoria entre o leitor e o texto, a leitura aqui apresentada compreende a tarefa de leitor como um trabalho ativo, mas nem sempre co-autoral. Quando se lê um texto, elaboram-se e ajustam-se informações, conceitos, dados, fatos, acolhem-se densidades ideológicas, abrigam-se vivências, interfere-se nas formas como se acolhe o teor lido, realizam-se reações e réplicas, etc. Pode-se deduzir que existe um tipo de limbo, de subsídios de significações como em um lugar de acúmulo de leitura existente na consciência do leitor. Mesmo sendo difícil de definir esse sítio cognitivo, os seres humanos dispõem dele, que seja chamado de arquivo, de memória, de ideologia, de interdiscursividade, de conhecimento de mundo, outros. Pelo subjetivismo individual (ainda que seja uma expressão redundante), os leitores percorrem caminhos distintos, muitas vezes:

A elaboração dessas cadeias de conhecimento em que estamos incluídos não poderia acontecer sem o que estamos chamando de leitura. Essa leitura, entretanto, se por um lado nos une, por outro, nos diversifica. Mas por que a leitura nos une e nos diversifica? (GOULART, 1999, p. 99-100).

A singularização da leitura é um terreno do qual não se pode escapar¹², a partir dela a leitura criativa pode nascer. A leitura se singulariza. Da multiplicidade de leituras que um texto pode ter em centenas de milhares de leitores, em um leitor ela se afunila e se torna única, a significação se particulariza, mesmo guardando nela um tanto de convenções comuns, mostra um tanto de particularidades críticas, pois, segundo Chartier no seu comentário sobre a leitura:

[...] ela não cria dispersões ao infinito, na medida em que as experiências individuais são inscritas no interior de modelos e de normas compartilhadas. Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todos que pertencem a mesma comunidade. (CHARTIER, 1999, p. 91-92)

Os leitores são unidos e separados pela leitura, mas isso ainda não demonstra a criticidade a ser contemplada.

Quando o leitor se propõe a interpretar um texto e a partir dessa interpretação reage com outro texto, pode ser que esteja agindo com criticidade. Nem sempre esse novo texto é fixado em suporte escrito, mas o gatilho da autoria que emana do leitor criativo chama-se: resposta, e essa resposta é um novo texto:

Na academia não é suficiente a apreensão da temática ou das ideias principais do autor. A leitura na universidade impele a uma constante tomada de posição do aluno-leitor ante aos argumentos do autor. Para Kleiman (1995), o leitor não apenas percebe a intenção do autor, como é capaz de realizar outro texto com base no texto lido. (FARIAS, 2009, p. 77)

¹² Embora a concepção barthesiana apresentada no início desta tese aponta para um leitor universal e despreza o sujeito livre e dono do seu interpretar, este trabalho transita por um pensamento de diversidade de leitor e leituras, pela individualização criativa do interpretante.

A reação (resposta) do leitor pode ou não mostrar graus de criticidade, mas qualquer movimento que faça em direção a significância, está reconstruindo seu repertório individual.

Se o leitor atualiza o texto sem cometer distorção, mas com refração coerente, a criticidade desse leitor está manifesta; em outras palavras, o lugar desejável para o leitor nesta investigação é entre os traços estabelecidos do texto e as marcas de sua liberdade, sem que o interpretante quebre limites possíveis e coerentes de significação (ou seja, respeitando a posição de leitor-modelo), nem seja prisioneiro do texto incapaz de preencher espaços de sua coautoria e autonomia. Então, parece ser este o desejo de todo professor de redação em relação aos seus alunos:

Os professores dão as melhores notas aos estudantes que se afastam mais – sem, no entanto, fazer contrassensos ou cair no absurdo – da leitura “normal” de um texto, aquela que fazia parte do repertório até então. (COMPAGNON, 2010, p. 153)

Este trabalho não é um croqui de como deve ser o leitor ideal, mas um reconhecimento de que esse leitor existe, é o **leitor criativo**, e é dele que advém a autoria na leitura. A pretensão deste relatório de tese é identificar esse ideário no *corpus* pesquisado, pois, com eficácia e com um pouco de sobriedade na avaliação, pode-se encontrar a autoria no lugar da interpretação. O leitor que age com criticidade e criatividade é um leitor que existe e não é apenas uma miragem teorizada, é o que se pretende verificar pelos métodos aqui montados.

Geralmente tenta-se tanto encontrar o lugar da criatividade, a manifestação desigual que fomenta um rótulo de autoria, e é no intuito de explicar esse encontro que os pensadores aqui arrolados entendem o movimento de leitura criativo como algo que foge e permanece ao mesmo tempo, como uma resposta de um interpretante a um texto, como se fosse possível *estar* e *sair* simultaneamente:

Toda leitura ocorre no interior de uma estrutura (nem que múltipla, aberta), e não num espaço pretensamente livre de uma pretensa espontaneidade; não há leitura “natural”, “selvagem”, a leitura não *extravasa* da estrutura; fica-lhe submissa: precisa dela, respeita-a, mas perverte-a. (BARTHES, 2004b, p. 33)

Ao fechar o pensamento com a predicação “perverte-a”, Barthes proporciona o espaço possível para uma criatividade dosada nos limites do texto. Pensar a resposta ao texto de forma subvertida.

A realidade crítica de uma leitura fomenta no leitor um senso de atualização e complemento do texto lido, lê-se sempre com o intuito de, ao compreender as posições axiológicas do texto, afastar-se dele (do autor) em direção a um novo ponto a partir dele (do texto). O leitor freiriano, como sintetizado por Kleiman, é o desenho bem definido do leitor criativo:

A concepção freiriana contrapõe, então, ao leitor ingênuo e passivo, um leitor ativo; ao leitor que memoriza, um leitor que compreende; ao leitor que foge do texto e das experiências aí retratadas, um leitor que as enriquece pela imaginação, ao leitor vazio, oco, sem palavras, um leitor de palavras próprias. (KLEIMAN, 2007b, p. 109-110)

A autoria não pode nascer senão do pensamento subversivo, das mobilizações que o interpretante faz acionando sua própria história de leitura e os conceitos e modulações nela retidos. Não apenas rastreando elementos registrados na memória (como uma mecânica busca de dados armazenados), mas questionando-os, modificando-os e usando-os criticamente:

Por mais que a decodificação (leitura) de uma mensagem exija um esforço concentrado na linguagem utilizada, para permitir a apreensão do significado pelo receptor, na verdade a sua compreensão só se concretiza através da sintonização com o universo cultural de que se valeu o emissor e que possui componentes extralinguísticos, vale dizer histórico-contextuais. (MELO, 2004, p. 102)

O leitor criativo deve saber se o texto permite ou não ser contemplado por uma semântica que mova amplitudes ou aponte delineações definitivamente ousadas, esse leitor sabe que um texto é relativamente objetivo enquanto outro é potencialmente subjetivo, e mesmo no lastro do seu subjetivismo textual, sabe operar a balança das possibilidades de leituras coerentes.

A ação de uma leitura criativa sempre supõe que do texto lido, algo pode ser revisto, repensado, verificado, melhor ordenado, comparado, acrescentado, reorientado, criticado, refratado.

2.7 O leitor e a inferência

Inferência é um fenômeno presente no conjunto de movimentos interpretativo nas leituras em geral. Quando um leitor identifica espaços vazios no texto que interpreta (o que ocorre sempre), há uma predisposição cognitiva em inserir um esforço para promover coerência ao resultado do trabalho de leitura. A inferência é uma ferramenta da parte do leitor para gerenciar a coerência, embora também se considere que há textos que propõem obrigatoriamente inferências predefinidas¹³, como já citado anteriormente.

Em todos os casos de leitura, há inferências presentes.

Para Marcuschi, existem duas formas de entender o movimento de leitura. A primeira é uma forma obsoleta de explicação da leitura, compreendida como uma decodificação do sistema linguístico, de maneira que as significações estão sempre presentes no texto. A segunda forma esclarece que compreender um texto é inferir, explicar a leitura por esse prisma implica que a significação está na interação entre o texto e o leitor, que a interpretação não pode ser representada por uma manipulação do código, mas ela é um trabalho de diálogo entre interlocutores que mobiliza muitas nuances enunciativas, de conhecimento de mundo, de situacionalidade, etc.: “Compreender um texto é realizar inferências a partir das informações dadas no texto e situadas em contextos mais amplos” (MARCUSCHI, 2008, p. 239).

Pode-se dizer que não é possível uma leitura coerente sem a ação mental e particularizada de inferências, do contrário, a comunicação humana se resumiria a decodificações necessariamente matemáticas e calculadas, e, se assim fosse, não haveria

¹³ Como já notificado, há enunciados que podem implicar outros. Significa que o próprio texto tem inferências ou sentidos implícitos de interpretação obrigatória. É preciso exemplificar: “Se tivesse chovido, não haveria falta de energia” (FIORIN, 2006a, p. 168), coerentemente se interpreta que *choveu* e que também *faltou energia*. Não há como escapar desse tipo de dedução inscrita no texto. Considerar essas informações inferidas como verdadeiras é apenas uma consequência textual, não uma posição crítica.

“mal-entendidos” entre os interlocutores. A inferência é responsável tanto pela multiplicidade de sentidos e da particularização das leituras individualizadas, quanto pela natureza da comunicação humana ser como é.

Há muito conceitos e tentativas de conceitos sobre a inferenciação. Koch e Travaglia (2003, p. 70-75) sintetizam a noção de inferência por vários teóricos: de Beaugrande e Dressler (1981), mostram que ela é uma ação interpretativa para preencher lacunas deixadas pelo texto a fim de dar continuidade no sentido; em Brown e Yule (1983), descrevem que esse fenômeno é sempre uma conexão de ideias presentes no discurso e é sempre um movimento de ligação; e em Charolles (1987), mostram que a inferência está responsável pela coerência e a operação inferencial é que gera uma interpretação inteligentemente fundada.

Roncarati define a inferência como uma:

... atividade cognitiva discursivamente situada, não resulta de um processo de associações e operações lógicas; é antes uma leitura de entrelinhas e de implícitos, com cálculo interpretativo de uma projeção de natureza lexical, sociocontextual, experiencial e pragmática. (RONCARATI, 2010, p. 50-51)

A autora apresenta uma noção mais completa sugerindo a natureza cognitiva, os movimentos interpretativos em busca das implicaturas e refutando as associações e operações lógicas.

Adota-se para este trabalho a noção de inferência descrita por Marcuschi, que não se diferencia muito das demais apresentadas, mas entende-se que esteja textualmente melhor definida:

As inferências na compreensão de texto são processos cognitivos nos quais os falantes ou ouvintes, partindo da informação textual e considerando o respectivo contexto, constroem uma nova representação semântica. [...] pode-se dizer que as inferências introduzem informações por vezes mais salientes que as do próprio texto. (MARCUSCHI, 2008, p. 249)

Destacam-se desta definição as relações textuais e contextuais, quase sempre possíveis de serem resgatadas, a abordagem da “nova representação semântica”, que é onde reside a autoria compartilhada, ou seja, a participação do leitor como contribuinte pessoal

no aprimoramento do texto. Sobre esse ato, o teórico considera que a inferência parte de um processo cognitivo e reforça que o leitor geralmente enriquece a produção textual por meio de uma leitura criativa.

É possível deduzir que as leituras consideradas exageradas (Superinterpretações), as leituras criativas e as leituras consideradas moderadas (justas e coerentes) partem de ações de inferências por parte de leitores. Koch e Travaglia, em meio ao diálogo com os teóricos dessa temática, apontam que invariavelmente:

Sempre se pode fazer muitas inferências a partir dos elementos de um texto. Como *limitar essas inferências* apenas às necessárias e/ou relevantes à interpretação autorizada pelo texto e desejada pelo seu produtor? [...] Diante da dificuldade de limitação das inferências, poder-se-ia considerar ideal que se construíssem textos que exigissem pouca (ou nenhuma) inferência para sua compreensão. (KOCH e TRAVAGLIA, 2003, p. 72,73)

Mas, de imediato, os autores explicam a impossibilidade em relação a ideia de se produzir textos que não careçam de inferenciações:

Como bem observam Brown e Yule (1983), “tais textos requereriam muito espaço para veicular pouquíssima informação, se bem que não exigiriam por parte do leitor (ouvinte) muito trabalho interpretativo via inferência. Todavia os textos reais não são assim, [...] normalmente requerem que o leitor (ouvinte) faça, sejam quais forem as inferências.”. [...] frequentemente, o produtor do texto deseja que as inferências não sejam limitáveis, que o texto abra muitas linhas de possíveis inferências. (KOCH e TRAVAGLIA, 2003, p. 73)

Marcuschi também realiza a mesma justificativa dando ao texto o caráter limitado quando muitos querem que sua textualidade seja capaz de dispensar o fenômeno da inferência no ato da leitura:

Também não é possível dizer tudo, já que para isso teríamos que produzir uma grande quantidade de linguagem e os textos não terminariam nunca. Até por uma questão de economia, o autor de um texto sempre vai ter que deixar muita coisa por conta do leitor ou ouvinte. (MARCUSCHI, 2008, p. 241)

Portanto, tanto para uma interpretação coerente como para uma leitura extrapolada ou ainda para uma leitura criativa, opta-se por uma ação inferencial em sua realização, e

muitas vezes, como se viu no trecho citado, o próprio autor de um texto o constrói com finalidades de uma leitura múltipla.

A linguagem e a sua materialização em texto é uma entidade múltipla e opaca em sua própria natureza, ou seja, todo texto já é em si um convite a multiplicidade interpretativa. Porém, não é só pelo universo produtivo textual que a leitura se diversifica, mas (e principalmente) pela ação leitora pois:

[...] toda compreensão será sempre atingida mediante processo em que atuam planos de atividades desenvolvidas em vários níveis e em especial com a participação decisiva do leitor ou ouvinte numa ação colaborativa. Aqui poderíamos adotar a metáfora da compreensão como construção. (MARCUSCHI, 2008, p. 238)

Marcuschi aprimora um estudo avançado de inferências através de um vasto quadro de seus tipos¹⁴. Para essa pesquisa preferiu-se destacar três tipos que são, em geral, os mais usuais e que aparecerão com grande frequência nas análises. Essas escolhas justificam-se sobretudo porque esses três tipos de inferência manifestam as expectativas dos três movimentos interpretativos que são fundamentos: a autoria compartilhada, a intenção textual e a superinterpretação.

O primeiro movimento inferencial é chamado de parafraseamento, embora geralmente a paráfrase não seja referendada como um tipo de inferência, Marcuschi aloca esse movimento no quadro de “Tipo de operação inferencial”, e conceituando-a como “Alteração lexical para dizer a mesma informação sem alteração fundamental do conteúdo proposicional” (Ibidem, 2008, p. 255). Nesse movimento, o leitor apenas redige em outros termos o mesmo conteúdo lido no texto de origem. O leitor utiliza as informações de base textual para efetuar um texto semelhante, essa inferência tem por base a intenção textual (IT).

O segundo movimento é a inferência de particularização, aqui lida como autoria compartilhada (AC). Essa ação é a “Tomada de um elemento geral de base lexical ou fundado em experiências e conhecimentos pessoais individualizando ou contextualizando num conteúdo particular com um lexema específico” (Ibidem, 2008, p. 255). Essa

¹⁴ O variado estudo inferencial encontra-se em Marcuschi (2008, p. 228 à 287).

inferência de base textual e contextual opera quando o leitor se designa e ser um sujeito efetivo nas ações interpretativas, operando criticamente e criativamente sobre o texto. Essa é uma inferência que mobiliza atividades para além das referências textuais, sem desvirtuá-las ou falseá-las.

Neste ponto é possível considerar um efeito extraído do pensamento bakhtiniano (BAKHTIN, 2014a, p. 67): se o autor é uma posição axiológica no texto, pode-se conferir que uma inferência de particularização (em outros termos, uma autoria compartilhada realizada na e pela leitura) é uma posição axiológica por parte do leitor. O interpretante executa uma ação de inferência muito particular e nela registra uma resposta na qual se posiciona criticamente em sua compreensão textual. É a axiologia na posição do leitor de um texto, ou ainda, o leitor-autor, termo que será muito utilizado nas operações analíticas desta investigação.

Finalmente aparecem as inferências de falseamento, as quais Marcuschi chama de “extrapoladoras”. O falseamento é uma “atividade de introduzir um elemento e afirma uma proposição falsa que não condiz com as informações textuais ou não pode ser dali inferida” (Ibidem, 2008, p. 255). A má leitura pode ser descrita de muitas formas, mas aqui se convencionou chamar de Superinterpretação (SI).

Como se sabe, toda réplica de qualquer leitor ou respondente é uma forma de inferência. Essas responsabilidades podem ser classificadas em categorias, embora as palavras de cada indivíduo que faça soar a sua voz ou exprima-se em textos escritos sejam diferentes, guardam similaridades de discurso, ou seja, os textos são sempre novos, mas os discursos sempre se repetem, como afirma Fiorin:

O texto é, pois, individual, enquanto o discurso é social. Há um nível grande de liberdade no âmbito da textualização, enquanto no nível discursivo, o homem está preso aos temas e as figuras das formações discursivas existentes na formação social em que está inserido.

Todos os discursos têm, para usar uma expressão de Edward Lopes, uma “função citativa” em relação a outros discursos. Por isso ele não é único e irrepetível. (FIORIN, 2006b, p. 41)

É considerando que as inferências textuais de leitores são manifestações textuais individualizadas, mas que também são materializações de discursos existentes e replicantes que se levanta a possibilidade de categorizar as respostas. Daí propões uma breve

apresentação da noção de Categorias Semântica que é uma ferramenta para formatar as respostas de leitores deduzindo os discursos a que essas respostas se propõem materializar.

A noção de Categoria Semântica é inspirada nas análises desenvolvidas por A. Greimas em suas propostas do Percurso Gerativo do Sentido. Nelas, o pesquisador encontra no texto os “sentidos-síntese” e os representa por meio de termos ou unicamente por uma palavra. “A semântica do nível fundamental abriga as categorias semânticas que estão na base da construção de um texto” (FIORIN, 1989, p. 18). Ou seja, uma palavra ou expressão que simbolize o teor do sentido de uma resposta.

Essa noção pode ser verificada quando textos completamente diferentes em suas estruturas e sequência de palavras abordam mesmo tema como: trabalho, ternura ou velhice.

Espera-se verificar as ocorrências de inferências no *corpus* deste trabalho e, a partir da percepção dos movimentos inferenciais, classificar os modos de leitura pelas categorias semânticas identificadas.

2.8 Uma síntese do capítulo

O capítulo apresentou inicialmente teóricos que apontaram para uma forma autoral que pertence ao movimento interpretativo do leitor. Embora cada um desses pensadores (Bakhtin, Barthes e Eco) realizaram desenvolvimentos teóricos em torno de correntes e tendências desiguais, a proposta de inserir o espectro do leitor está presente nas suas abordagens.

Em seguida, esboçou uma breve historiografia da leitura e do leitor. Expôs como a história das teorias de interpretação, da literatura e da crítica passou por inúmeras metamorfoses, deste o prestígio exagerado ao autor, passando pela exaltação da linguagem autônoma até o privilégio desmensurado dado ao leitor. Elegeu-se o “significar” como objetivo geral para todo ato de leitura, e a interação como o processo no qual o “significar” efetivamente acontece.

O esforço ao tentar proteger o significado “real” levou muitas teorias de semântica a caminhos mais formais do que criativos, ou mais históricos do que democráticos¹⁵. O capítulo releu os vários apontamentos de autores que descreviam a leitura como um ato múltiplo e mostrou como as questões de perspectivas teóricas e pessoais podem alterar o valor de interpretação na leitura e definir resultados a depender da intenção em questão, daí adota-se o conceito de intenção textual (*intentio operis*), formulação desenvolvida por Eco (2012, p.29).

Em seguida aborda-se o par efetivamente eficaz para se trabalhar a compreensão assertiva em relação a intenção (*intentio operis*) que é Texto-Leitor, elementos centrais e essenciais para a teoria da interpretação adotada. Nessa direção, foram discutidos os caminhos teóricos e práticos da Superinterpretação enquanto fenômeno polêmico de leitura, dando exemplos das imagens dos defensores deste fenômeno bem como das más leituras que ocorrem a partir dele.

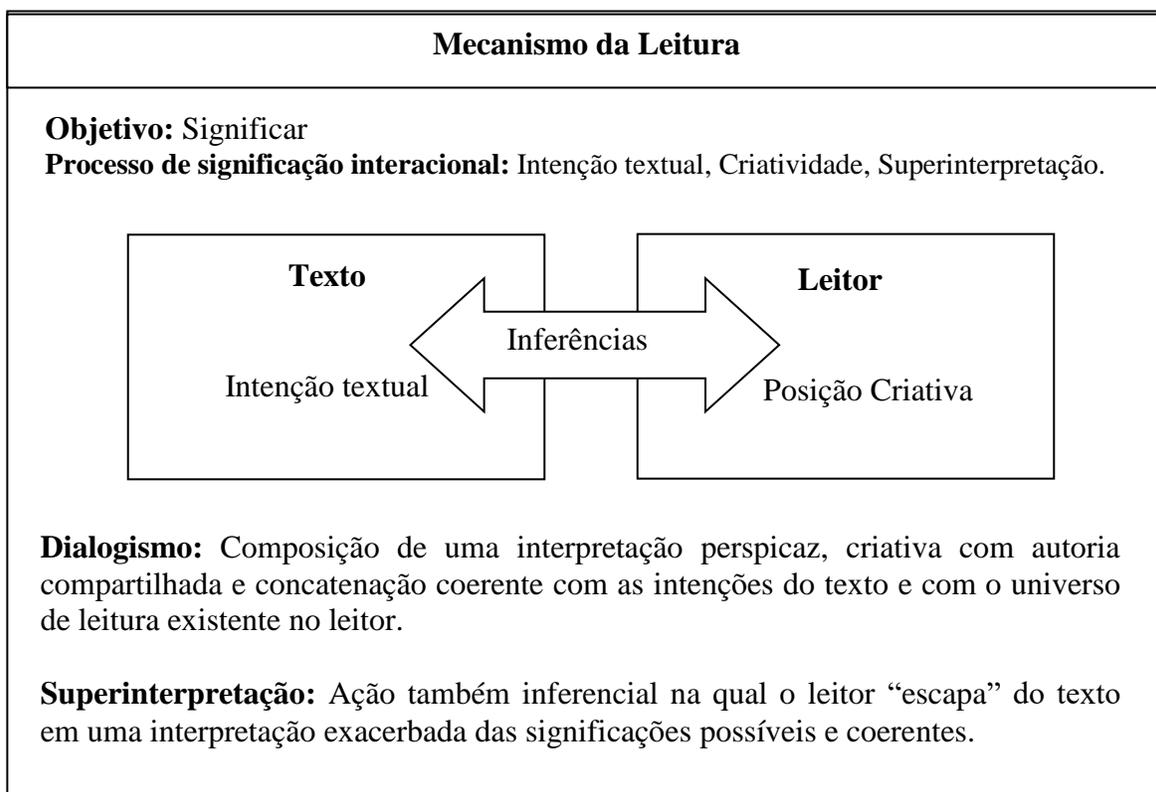
Foram apresentados os âmbitos dos estudos de intencionalidade e as formas em que ela se manifesta, notificando a questão da clareza pois, ao se observada a natureza da comunicação humana, intencionalidade e clareza nem sempre se resvalam muito facilmente.

A partir desse olhar, visualizou-se o leitor criativo que é um interpretante que lê considerando os elementos do texto (intenção textual) ao mesmo tempo em que atualiza essa intenção por meio de um posicionamento crucial e crítico, daí adota-se o conceito de posição axiológica por parte do leitor (que é uma adaptação da axiologia do autor, idealizada por Bakhtin, porém afixada nas competências do sujeito interpretante no ato da sua interpretação e réplica).

Pode-se sintetizar este capítulo por meio de um diagrama que resume as teorias adotadas e sinaliza as propostas que servirão como fundamento para as análises que se seguirão:

¹⁵ Democráticos porque são posicionamentos reconhecidos como pessoais e autorias.

Quadro 2: Mecanismo de Leitura



Fonte: Quadro elaborado pelo autor desta tese.

A relação entre texto e leitor, como esquematicamente descrita no quadro acima, reporta à concepção de que ser autor para Bakhtin é posicionar-se axiologicamente, tal ato pode ser executado no momento de leitura, nesse caso o leitor torna-se autor quando manifesta sua axiologia no produto textual de sua inferência. Em Eco, quando o leitor-modelo completa as lacunas do texto lido durante o passeio pelo bosque de sua leitura, também age usando o texto com coerência e interferência. A leitura autoral é uma eficaz maneira de ocupar uma posição de sujeito com voz e ingerência: cunha-se o termo autoria compartilhada.

Assim, é precioso apreciar que: quando Bakhtin visualiza a autoria enquanto tomada de posição frente a valores, ele encontra uma conexão no leitor de Eco, que vê a autoria como manifestação de criação a partir das pistas que só poderão ser desvendadas se o leitor aceitar os valores do texto sem submeter-se unicamente a intenção textual, mas recriando-a criativamente.

Em Eco não aparecem as limitações do sujeito que ocorrem no estruturalismo pela prisão da linguagem (estrutura) ou dos sentidos plenamente inscritos na história (como a Análise do Discurso de linha francesa), essa posição de sujeito leitor livre também abre possibilidade para, se o leitor conscientemente desejar, fugir das pistas e caminhar pela superinterpretação.

De Bakhtin ainda se extrai as noções de dialogismo. Quando ao teorizar seu pensamento dialógico no romance, considerando o diálogo das consciências como um fenômeno para além do texto materializado (cooptando o leitor para o ato da criação), Bakhtin reverbera nos pensamentos de Eco a autoria no lugar do interpretante, nas brechas da criação.

Esses dois teóricos estarão conectados por um ponto de congruência a fim de dar base teórico-metodológica nessa pesquisa que se assenta na inferência e em seus sub conceitos.

Certamente muitos outros escritores realizaram abordagem sobre os temas em questão, mas os autores que aqui foram elencados definiram categorias de interpretação no campo dos discursos que os fizeram destacar-se, ao menos para o que se pretende neste trabalho.

Por fim, um leitor criativo, em resumo, é um interpretante que sempre objetiva buscar a significação de um texto pela intenção textual, mas que, através de uma posição crítica frente ao entendimento da leitura, manifesta uma inferência numa resposta dialógica, dando acréscimos sem, no entanto, fugir ou distorcer a interpretação, isso seria a **autoria-compartilhada**.

3 BASES: METODOLÓGICAS, ANALÍTICAS E DO OBJETO

3.1 Introdução

Frente a uma discussão teórica e muitas vezes histórica de temas como leitor, leitura, interpretação, coautoria, intenção, inferência, percebe-se a inúmera quantidade de caminhos e desdobramentos que se pode ter a partir de cada tema, e ainda mais numerosas são as veredas quando vários desses assuntos estão em diálogo, como é o caso dessa pesquisa.

Contudo, há uma finalidade específica para esta longa reflexão. Essa razão pode ser resumida em questões:

- 1 – É possível verificar que algumas intenções são inerentes ao texto?**
- 2 – É possível verificar um tipo autoria na leitura (autoria compartilhada)?**
- 3 – É possível verificar Superinterpretações realizadas pelos leitores?**

Para montar um aparato de análise que ofereça dados significativos que sustentem a positividade das hipóteses, lança-se mão de um *corpus* (que será explicitado subsequentemente) e sobre ele aplicam métodos (também explicados na sequência) de análise. Os métodos analíticos aplicados ao *corpus* produzem respostas que se categorizam em três tipos:

- Intenção de texto (representada pelas iniciais IT);**
- Autoria Compartilhada (representada pelas iniciais AC);**
- Superinterpretação (representada pelas iniciais SI).**

O objetivo é verificar no *corpus* a possibilidade de identificar, no ato da leitura: a intenção do texto (IT), a autoria no leitor (AC) e da extravagância interpretativa (SI). A busca por uma análise mais utilitária da leitura e da crítica à leitura pode oferecer ao analista de um texto a consciência de que se pode fazer o que se quer com ele (o texto), mas

por fim, sempre se estará fazendo dele uma das três coisas: repetindo o seu teor (IT), recriando-o pela criatividade coerente (AC) ou esquecendo-o relativamente (SI). O objetivo é mostrar esses três possíveis movimentos inferenciais para que se possa usar mais a recriação ao ter essa consciência, do que a repetição e/ou o esquecimento. No espaço desta tese, entende-se que a interpretação poderá ser classificada em 3 (três) movimento de leitura inferenciais:

Quadro 3: Esquema de Movimentos da Leitura

Esquema de Movimentos da Leitura		
1 (IT)	2 (AC)	3 (SI)
Inferência de parafraseamento	Inferência de particularização	Inferência de falseamento
Afixa-se nas pistas textuais	Exprime a Coautoria	Manifesta a Superinterpretação
Repete-se em parte o teor do texto	Recria-se pelo texto	Esquece-se em parte o texto
Leitura comedida	Leitura criativa	Leitura extravasada

Fonte: Quadro elaborado pelo autor desta tese.

Aqui se vê a recuperação das teorias listadas: Leitura moderada na intenção textual (ECO, 2012, p. 29, CULLER, 2012, p. 130-131), as propostas de leitor criativo e a concepção de autoria compartilhada (COMPAGNON, 2010, p. 153), a Superinterpretação (ECO, 2012, p. 86), as inferências (MARCUSCHI, 2008, p. 254, 255) e o dialogismo que é a recriação e diálogo do leitor com o texto (que suportam as ideias do autor) numa atitude intervencionista, dialógica, participativa e interativa, que merece ser balizada mais uma vez pelas palavras de Bakhtin:

Assim é toda exposição talentosa e criativa das opiniões qualificativas do outro: ela sempre permite variações estilísticas livres da palavra do outro, expõe o pensamento do outro no seu próprio estilo, aplicando-o num novo material, numa outra formulação da questão, ela experimenta e recebe uma resposta da linguagem do outro. (BAKHTIN, 2014b, p. 147)

Como propósito final de discussão, a tese objetiva fazer um levantamento de como os universitários de diversas áreas compreendem um texto literário. Pode-se, por meio deste

trabalho, traçar um perfil sobre as múltiplas e conectadas responsabilidades desse público que se sugere acostumado às diversidades textuais e à norma culta comumente utilizada nesses gêneros literários em questão.

3.2 Do *corpus* e do objeto em estudo

Aforismos são textos curtos, pequenas reflexões, ditos frasais, pensamentos e conceitos que se iniciam e encerram-se em uma ou duas linhas escritas (raramente maiores que isso). Os ditados populares são parecidos com os aforismos, com a diferença que os ditados já estão popularizados, são conhecidos e basta que alguém cite o início deles para que o interlocutor os complete; ao passo que os aforismos são reflexões específicas de um escritor, escritas de uma forma bem particular, às vezes enigmáticas, às vezes metafóricas. Aforismos são máximas de cunho moral, conceitual ou crítico.

Mas os aforismos **NÃO** são o *corpus* de análise desta investigação, eles apenas servem de textos-fonte (TF). A partir deles (dos aforismos), alguns leitores escreveram interpretação e essa escrita produzida pelos leitores é que compões o *corpus* de análise.

O objeto analisado nesta tese é a própria interpretação inferencial, analisa-se como a interpretação (enquanto materialidade) pode ser textual (intenção do texto - IT), crítica (autoria compartilhada) ou extravagante (superinterpretação - SI).

A formulação que possibilita o *corpus* perseguiu os seguintes pensamentos: é preciso analisar a interpretação, para isso, deve-se fazer um levantamento de textos que interpretem outros textos e, a partir desta interpretação, realizar as análises.

Os textos interpretados (TF) foram 20 (vinte) aforismos retirados do livro *O avesso das coisas [aforismos]* (2007) de Carlos Drummond de Andrade.

Entende-se que texto curtos (como os aforismos) forneceria aos interpretantes (respondedores dos questionários) a melhor capacidade e maior facilidade para dar suas respostas sobre o que compreendeu. Ou seja, se fosse dado um poema longo, o leitor poderia ater-se a um verso e esquecer-se ou desprezar deliberadamente outro, e ainda, outro leitor poderia fazer o contrário. Desta forma, ter-se-iam interpretações de trechos diferentes, com impossibilidade de serem comparadas. O aforismo conduz os interpretantes a fixarem

suas leituras diretamente no texto/frase em questão. Acredita-se que, quando um texto em análise é um (pequeno) aforismo, é possível fazer com que todos os interpretantes delimitem o olhar para uma ou duas frases por vez, isso não significa que terão interpretações iguais, mas apenas que leram o mesmo texto para interpretá-lo.

Então é necessário salientar que os aforismos em questão não são oportunizados de contextos.

Mas uma vez lembra-se, o *corpus* de análise são, na verdade, as interpretações dadas a esses aforismos. Vinte (20) aforismos foram selecionados por dois critérios. Aforismos que:

- não ultrapassem duas linhas;
- não dependam de específicas informações históricas, geográficas, políticas, e desses tipos de natureza pontual para promover uma possível interpretação;

Vinte (20) pessoas foram selecionadas como público interpretante pelo critério de terem completado o Ensino Superior.

Assim sendo, tem-se o recorte de vinte (20) aforismos interpretados por vinte (20) sujeitos, finalizando uma composição de *corpus* de quatrocentas (400) respostas a serem analisadas.

Objeto: a interpretação pelas formas de inferências

Corpus: quatrocentas (400) respostas [de vinte (20) sujeitos, interpretadas a partir de vinte (20) aforismos].

3.3 Dos respondentes

Ao se pensar num público-alvo que pudesse responder ao questionário proposto, optou-se por sujeitos que tivessem concluído um curso superior de qualquer natureza pois estarão, em tese, acostumados com a norma culta e as complexidades dos textos em geral. Então o que se terá ao final das análises será uma visão múltipla de como o universitário interpreta um texto literário curto.

Inclui-se nesse contingente acadêmico: advogado, geógrafo, professor de Letras, químicos, enfermeiro, filósofo, teólogo, psicólogo, historiador, farmacêutico. Embora fosse interessante verificar os lugares e formações individualizadas de cada sujeito, preferiu-se fazer as análises gerais sem considerar as particularidades, mas sim o texto/resposta.

Os respondentes não foram informados que os aforismos apresentados para serem interpretados eram de Carlos Drummond de Andrade. Esse posicionamento técnico desta pesquisa intentava não interferir ideologicamente nas respostas, pois se soubessem que as fases em análise eram de um escritor renomado (como é o caso), as réplicas ganhariam as mais diversas atitudes de respeito e talvez uma possível anulação do sujeito leitor em uma ação mais livre de criação.

Ao se estipular vinte (20) aforismos a serem interpretados por vinte (20) participantes, chega-se ao resultado de quatrocentas (400) respostas. Pensou-se ser um número razoável para avaliar. Poderia ser um número maior ou menor de participantes, ou um número maior ou menor de aforismo. Importa que 400 respostas que se cruzam em análises finais tornar-se um material generoso para observação das intenções.

O período de aplicação dos questionários compreendeu o espaço temporal entre as datas 02 de abril de 2016 a 25 maio de 2016. Alguns entrevistados entregaram prontamente as respostas, outros nem tanto.

Os contatos com os participantes foram realizados via redes sociais e *e-mails*, a maioria dos sujeitos vivenciam de alguma forma as atividades acadêmicas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em vários *campi*. A partir deste ambiente comum os entrevistados receberam as propostas e alguns responderam prontamente, outros demoradamente, outros, porém, não responderam. Foram eliminados alguns participantes que responderam poucas questões, aproveitando os que responderam mais. Ao final afunilou-se nesse número apresentado.

Em geral os respondentes sinalizaram as dificuldades de responder questões que chamaram de “complexas”, “filosóficas”, “confusas”, “difíceis” e “contraditórias”. Também justificaram alguns que a falta de tempo e exaustão mental (devido a questões pessoais) impediram que os questionários fossem respondidos com maior atenção e cuidado.

3.4 Do método

Durante a exposição de várias teorias no capítulo anterior, os fatores chamados intenção, coautoria, inferência e leitura ganharam muitos investimentos e atenção, eles são os principais recortes deste trabalho e serão acionados como finalidades do método.

A pretensão desta investigação é analisar as respostas (*corpus*) dos leitores e classificá-las em 3 (três) categorias:

1 – Leituras na base da **IT**: quando o leitor se atém única e precisamente às pistas textuais existentes no aforismo;

2 – Leituras com manifestação da **AC** (ou coautoria): quando o leitor se atém as pistas do texto, mas acrescenta fatores inferenciais de enriquecimento e desdobramento na interpretação, sem contradição ou fuga das possibilidades existentes no TF;

3 – Leituras realizadas no campo da **SI**: quando o leitor abandona as reais possibilidades de interpretações válidas e envereda-se em argumentos sem associações reais com o aforismo analisado.

Seria possível verificar esses acontecimentos? Que métodos podem ser usados para identificar as leituras que seguem esses três (3) caminhos?

Também objetiva-se notabilizar que a leitura criativa (ii) (coautoral; re-criativa; autoria compartilhada) é o modelo de leitura mais eficiente, coerente e almejado, em especial pelos professores.

O método de trabalho para a classificação das leituras (*corpus*) consiste nos seguintes passos:

- 1) Agrupar as respostas por aforismo;
- 2) Extrair das repostas dadas os sentidos que serão representados por uma termo ou expressão (categorias semânticas¹⁶, que pode ser representadas por **CS**), que

¹⁶ Nestas análises seguintes, sempre que aparecer o termo “categoria”, refere-se ao conceito de categoria semântica, ou seja, uma palavra ou expressão que simbolize o teor do sentido de uma resposta.

serão postos em uma tabela¹⁷. As categorias que representam o sentido dado nas respostas dos leitores aparecerão sempre com a letra inicial maiúscula;

Por exemplo: o leitor (L11) respondeu: “... **algumas amizades baseadas em interesses**”; tal argumento pode ser representado pela categoria semântica Falsidade;

- 3) Essa classificação das frases em categorias será realizada em todas as respostas;
- 4) Se a categoria identificada em uma resposta (para o mesmo aforismo) também for identificada nas respostas inferidas por outros leitores, ocorrerá a identificação da IT. Ou seja, se o sentido de uma resposta de um leitor for semelhante ao sentido dado por outros leitores, esse acontecimento é um razoável indicativo de que esses interpretantes usaram as pistas textuais para interpretar o TF;
- 5) Para assegurar uma expressividade quantitativa na classificação de um sentido de IT, adota-se que uma categoria deve ser uma IT se aparecer em ao menos metade das respostas contabilizadas nos leitores. Até este ponto, pode-se dizer que é o lugar mais sólido de análise;
- 6) Há, porém, categorias que ocorrem apenas uma vez em um único leitor. Neste caso não será classificado como intencional ao texto, mas uma particularização do leitor. Sendo que essa categoria pode ser uma AC ou uma SI;
- 7) Para essa definição, faz-se uma verificação entre a categoria da resposta e a categoria do aforismo. De tal modo que, se a inferência realizada (interpretação dada pelo leitor) apresentar a categoria de Egoísmo, por exemplo, é preciso verificar se essa categoria existe no TF, ou, ao menos, um desdobramento desta categoria. É preciso conferir se o sentido de Egoísmo dado pelo leitor é

¹⁷ Todas as tabelas estão à disposição no capítulo Apêndice desta tese.

referendado por algum termo ou sentido no aforismo em questão. Se tal categoria achar respaldo no TF, será uma inferência da ordem da AC, a ser explanada nas análises, se não achar respaldo será classificada como SI.

Em outros termos, para a categoria ser classificada como da ordem da AC é preciso que ela seja identificada apenas por 1 (um) leitor, e que se possa perceber que o aforismo se permite ser lido por essa categoria. Quando a AC aparece, aponta para uma inferência que não está na IT (pois se estivesse, seria percebida por muitos), mas está na possibilidade de sua leitura. A realização dessa coautoria é a ação de uma leitura criativa em primeira instância, é, além de tudo, um posicionamento de autonomia do leitor-autor frente a uma questão posta.

- 8) As categorias que não encontrarem respaldo no TF serão sumariamente categorizadas como **SI**;
- 9) Antes de cada análise, aparecerá uma breve interpretação sobre o aforismo, do ponto de vista do analista que é o autor desta tese;
- 10) Após as classificações (dispostas em tabela no capítulo Apêndice) das categorias em IT, AC e SI, o capítulo de análise fará um estudo detalhado de 8 (oito) aforismo. Apesar do estudo inicial compreender um total de 24 (vinte e quatro) respondentes e 20 (vinte) aforismos, expor as análises do montante final seria muito exaustivo, então prefere-se recortar o trabalho de análise;
- 11) Os 8 (oito) aforismo analisados passam pelas seguintes ponderações: 1) comparar a grande quantidade de leitores que descreveram categorias comuns (IT) com os únicos leitores que descreveram as categorias próprias (AC e SI). Nesta comparação, justificar porque cada categoria foi classificada da forma que foi;

12) Finalmente, após tabular das categorias identificadas em suas classificações, se realizará um balanço final e quantitativo das ocorrências de leitura pelos vieses: **intenção textual, autoria compartilhada e superinterpretação**. E a partir das verificações, realizam-se discussões sobre a natureza dessas inferências e de suas realizações em formas de leituras.

4 ANÁLISES

4.1 Relevâncias sobre análises comparativas das categorias semânticas

Para esclarecimento e verificação da construção das referências seguintes, deve-se considerar as respostas dos interpretantes (Ver Apêndice B).

O Aforismo “A” representa o aforismo apresentado na questão “a)” do questionário aplicado, Aforismo “B” refere-se à questão “b)” e assim consequentemente.

Os leitores são identificados por números de acordo com a ordem do seu aparecimento no capítulo de “Apêndice”. “L1” é o primeiro leitor na ordem dos questionários, “L2”, o segundo etc.

Conforme descrito no capítulo anterior, as análises aqui propostas tendem a listar e comentar separadamente os movimentos interpretativos que compõem as 3 ordens de leitura: IT, SI, AC. Nesse espaço serão justificadas quantitativamente e logicamente por quais ferramentas inferenciais cada interpretação dada pelos entrevistados é categorizada como o é.

4.1.1 Aforismo A

“Tudo é mais simples diante de um copo d’água” (p. 8)

A percepção do analista considera que esse aforismo diz que: num momento difícil qualquer, tomar um copo d’água pode trazer clama e promover reflexão para uma solução simples.

No entanto, é uma frase que proporciona uma possibilidade múltipla de significados, tanto da ordem literal como metafórica, mas pode-se comparar os seguintes posicionamentos dos leitores: a maioria dos entrevistados ajustaram sua leitura nas categorias como Adversidade (como Problemas, Conflitos e Angústias), conforme se verifica a seguir:

L1: “...problemas que muitas vezes **são mais simples do que imaginamos**”;

- L1: “Costumeiramente **damos uma dimensão** aos problemas...”;
- L2: “... muitas vezes **complicamos** demais as coisas...”;
- L3: “Enxergamos/enfrentamos os **problemas**...”;
- L9: “... as grandes coisas e/ou **problemas** da vida...”;
- L11: “... reduzir a intensidade de eventuais **problemas**”;
- L14: “...os **problemas** resolvidos”;
- L15: “Não devemos **complicar** as coisas, pois são mais simples do que parecem”.
- L16: “Porque em **situação conflituosa**...”;
- L17: “...recebem alguma **notícia desagradável ou angustiante**...”.

No total, 11 (onze) leitores adotaram esse sentido nas repostas. Esse número significativo de leitores associou essas categorias como se realizassem interpretações pautadas em um fundamento comum: o TF. E é exatamente esse o percurso de orientação de leitura proposta pela IT, do contrário não haveria uma quantidade significativa de leituras de teor semelhante.

Porém, alguns leitores adotaram uma estratégia de interpretação própria. Realizaram movimentos de leitura que não se repetem nos outros leitores, esse desdobramento particular de leitura não está associado a uma percepção lexical, mas a uma inferência possível perceptiva apenas para esse leitor.

Nenhum outro interpretante sinalizou o fator Modéstia como uma forma de simplicidade buscada. A apreciação pode mudar de ânimo quando o evento se torna simplório ao servir água ao invés de uma bebida mais sofisticada ou pertinente ao momento:

- L4: “O evento mais **sofisticado pode ficar simplório** se se serve um copo d’água”.

O movimento criativo de réplica encontra-se na CS Modéstia, suscitada pelo leitor (L4). Esse interpretante argumenta que um evento sofisticado mereceria uma bebida de requinte, mas quando se serve água em lugar da bebida esperada, o evento fica modesto, simplório.

O leitor empírico completa as pistas textuais com um dialogismo rico e inusitado. É uma leitura única dentre todos os respondentes. Esse leitor diferencia-se em seus argumentos pois redefinem o TF sem, no entanto, deformá-lo, o interpretante apresenta categoria semântica (Modéstia) que é pertinente ao texto mediante uma inferência criativa que nenhum dos outros entrevistados vislumbrou. Mesmo verificando que Modéstia não é sentido explícito do TF, não se pode dizer que do texto é impossível extrair tal categoria, pelo que se podem considerar sua ação como autoral, ou mais tecnicamente: autoria compartilhada.

O sintagma que norteia as inferências realizadas pelos leitores (tanto os que ajustaram suas leituras pela IT quanto o leitor diferencial) é a expressão “Tudo é mais simples”. O valor abrangente desse conjunto de termos abriu razões para os dois grupos de sujeitos respondentes, porém o primeiro considerou o termo “Tudo” como ligado a aspectos de Adversidade (Problemas, Conflitos e Angústias) que podem ser simplificados mediante um tipo de alívio representado no copo d’água; o leitor-autor considerou “Tudo é mais simples” como o ambiente que se torna empobrecido e modesto se se serve água em lugar de qualquer outra bebida que seria melhor apreciada. Desde modo, o leitor-autor realiza uma inferência particularizada, nos termos de Marcuschi.

O leitor (L4), ao propor uma interpretação diferenciada (AC), constrói em oposição em relação aos demais leitores da ordem da IT, que poderia ser entrecruzada com o seguinte dueto de categorias de sentidos: SIMPLES X SIMPLÓRIO (ou SIMPLICIDADE X MODÉSTIA).

Porém, algumas leituras do aforismo “A” realizaram distâncias semânticas consideráveis. Como já visto, as SI’s desprezam o lugar de LM em razão de uma leitura demasiadamente distante das IT’s, é o que acontece com as categorias de Complexidade. Tais distanciamentos podem ser vistos em:

L5: “A composição do universo e a humana nos faz pensar na **complexidade**...”;

Argumentando a categoria de Complexidade, o sentido é apresentado como análogo à categoria semântica de Simplicidade, gerando uma incoerência e um distanciamento em

relação às IT's. Marcuschi descreve esse movimento como inferências de falseamento ou inferência extrapoladora.

4.1.2 – Aforismo B

“Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)

Na interpretação do analista, o aforismo denuncia que a falsidade entre amigos corrompe o verdadeiro sentido de amizade enquanto sentimento sublime que induz a práticas altruístas.

O TF sugere uma revisitação ao conceito de amizade considerando que há práticas diferenciada de pessoas consideradas amigas. O sintagma “Certas amizades” inspira 11 (onze) respondentes ao sentido de Falsidade. A quantidade de interpretações que vinculam essa leitura faz crer que essa é a intenção dominante e, portanto, tal leitura é parte da IT. Apresentam-se algumas respostas que seguem essa linha interpretativa:

L1: “São raras as pessoas em quem você pode confiar”;

L3: “Alguns amigos **não são tão confiáveis** quanto pode parecer”;

L4: “**como se espera que pessoas amigas se comportam**”;

L5: “A **falsidade** no relacionamento entre amigos”

L7: “Os **comportamentos**, muitas vezes **inadequados**...”;

L8: “O comprometimento pode ser causado pela **falsidade**...”;

L10: “Amigos que **não são realmente amigos** é melhor não tê-los (*sic*)”;

L11: “... **amizades baseadas em interesses**”;

L17: “... porque não agem **como** realmente os verdadeiros amigos **deveriam agir**”.

Pode-se assegurar que o TF carrega em sua materialidade uma intenção marcada, que, não por tipo algum de interpretação sofisticada, induz o leitor à CS de Falsidade. Para uma leitura econômica, o leitor realiza um diálogo em comum com os outros leitores sem, é

claro, ter contato uns com os outros. Os interpretantes aceitam o encaixe de LM proposto pelo texto.

Diferentemente dos caminhos da IT, a AC demanda uma atividade entre o texto e o leitor, com diálogo de ambos, sem dilacerar nenhum, mas com uma proposta criativa de resposta. O TF tem intenção primordial em destacar a Falsidade disfarçada de amizade, mas possibilita secundariamente uma visão de uma amizade verdadeira acima até da ideia comum de amizade. Isso ocorre com o leitor (L6) que se apropria do texto gerando um fenômeno que não pode ser visto senão como um movimento autoral:

L6: “Há amigos que nos fazem **alargar o sentimento** da própria amizade”

O leitor-autor elaborou um desdobramento interpretativo pertinente, embora tal categoria não esteja explícita para os demais leitores. Pode-se dizer que a categoria semântica visualizada pelo leitor em questão é a Irmandade, que se torna um meio pelo qual o leitor transforma-se em coadjuvante pela sua resposta na construção do sentido enriquecido do texto. Assim, para além do que os demais leitores interpretaram, a categoria realiza uma interpretação na direção de uma amizade superior. “Certas amizades” são tão sublimes que “comprometem” (alargam) a ideia de amizade, em direção a algo ainda maior: Irmandade.

O sintagma que claramente pode ser posto em questão (para os dois tipos de CS’s listadas) é “comprometam”. O grupo de leitores que responderam pela ordem da IT aferiram um sentido de “comprometem” como sendo algo corrosivo, que negativa o termo, afeta prejudicialmente o complemento “ideia de amizade”; o leitor (L6), por seu turno, positivou o termo, como quem compactua com a responsabilidade de melhorar o complemento “ideia de amizade”.

Pode-se opor as categorias semânticas FALSIDADE X IRMANDADE como inferência de parafraseamento e inferência de particularização, respectivamente, do aforismo.

É bem possível inferir que o aforismo esteja tratando de uma amizade mais sublime que todas as outras, porém, nenhum outro leitor percebeu essa possibilidade. Por essa razão, essa leitura diferenciada pode ganhar o *status* de AC.

Outro sintagma proponente para os leitores que expressaram a IT e a AC é “Certas amizades”, sendo que os que em massa entenderam a IT consideraram o sintagma “Certas amizades” como Falsidade, enquanto o leitor diferenciado entendeu “Cartas amizades” como Irmandade.

Outros leitores, ao invés de interpretarem o texto criativamente, usam-no de forma superinterpretativa. É o caso da categoria Imediatismo. É uma CS que não se associa claramente às pistas textuais do aforismo em questão, nem encontram sustentação inferencial coerente.

L1: “O **imediatismo** tem falado alto na vida das pessoas”;

O assunto não aparece na elucubração de nenhum outro leitor, nem mesmo pode ser compatível com a comparação com o seu TF. Os valores dessa categoria distanciam-se do que pode derivar da coerência e da economia interpretativa. Por tal afastamento, a categoria é considerada como leitura da ordem da SI, por ser derivada de uma inferência de falseamento.

4.1.3 – Aforismo E

“Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)

A leitura do analista entende que o aforismo descreve como o homem muitas vezes assegura preceitos que no fundo são dúvidas, pois ao se penetrar nesses valores, percebe-se que deles não há fundamento nem seguridade suficientes. Sendo a dúvida uma rosa, o jardim onde essa rosa é cultivada é um lugar de conhecimento incerto, duvidoso, posto que é “jardim que não possuímos”.

A categoria Dúvida é apontada por 16 (dezesseis) consultados, mas todos os sentidos desta CS estavam voltados para a natureza intrapessoal do sujeito, das dúvidas correntes na mente e sobre as incertezas dos sentidos das coisas e das relações humanas, como exemplos:

L2: “problema e a incerteza estão, única e exclusivamente **dentro de nós mesmos**”;

L8: “**A solução** de nossos problemas não está efetivamente...”;

L9: “Muitas vezes alimentamos coisas **em nossa cabeça**”;

L10: “**Queremos respostas** para as nossas dúvidas”.

L13: “Dúvidas **sempre** existirão”;

L14: “**Nos consumimos** em dúvidas, medos e inseguranças”.

L15: “Alimentamos **angústias** que não podem ser plenamente resolvidas”;

L17: “Criamos e alimentamos dúvidas e incertezas”;

As nuances intrapessoais surgem fortemente e sugerem que esteja presente na IT uma reflexão do sujeito sobre si mesmo. A reincidência dessa categoria prediz uma marca que está presente na materialidade do aforismo, não apenas na individualidade do leitor. Embora seja um aforismo com grande dose de metáfora, houve significativa semelhança nas respostas dos leitores.

“Dúvidas” e “rosas” são postos no aforismo como o mesmo “objeto”, como se a rosa fosse a materialização discursiva da dúvida, e a dúvida fosse a figurativização da rosa. Enfim, entende-se que o que se fala de um termo, conseqüentemente se está falando do outro.

Num processo de leitura considerado AC, o leitor (L7) ofereceu uma interpretação diferenciada e indispensável como exemplo de coautoria. Fugindo do intrapessoalismo vislumbrado pelos demais respondentes (sem, no entanto, fugir do TF) esse leitor em questão destaca uma interpretação denotada no discurso e na ideologia, e argumenta Alienação:

L7: “Somos representações e ecos de uma sociedade, e até o que **achamos ser nosso, não é**”.

Destacam-se as formas individualizadas de interpretação que demonstram o dialogismo entre o leitor e o texto, onde o texto não apenas fala, mas o leitor responde numa atitude diferencial. Essa interação não se desprende do TF totalmente, mas assegura uma atitude crítica (dialógica) construída pelo leitor-autor. Nessa leitura, não se trata de dúvidas e incertezas personalizadas, individualizadas e isoladas nas mentes das pessoas (como todos os demais sugeriram), mas das alienações as quais todos os homens estão sujeitos e não percebem pois pensam que a consciência é individual. O leitor chama a atenção para a consciência coletiva disfarçada de individualidade, de fato há uma proposta dialógica muito competente deste leitor, pois sobre esse tema muitos significativos teóricos¹⁸ já dissertaram. Não é só com o texto que o leitor dialoga, mas com os grandes pensadores dessas razões.

A categoria semântica Alienação orienta que o sujeito não percebe que não é dono do “jardim que não possuímos”. Cultiva dúvidas num espaço de pensamento coletivo e, alienado a esses “ecos”, não percebe sua filiação.

Pode-se imaginar uma oposição de termos PESSOALISMO X ALIENAÇÃO SOCIAL (ou CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL X CONSCIÊNCIA COLETIVA), sendo que a primeira CS está associada à ordem da IT (inferência de parafraseamento) e a segunda à ordem da AC (inferência de particularização).

Essas categorias operam como um tipo de diálogo entre o texto e o leitor, como se o texto, não intencionalmente, permitisse ao leitor uma gama de intervenções criativas na leitura, e, por outro lado, o leitor percebesse as brechas por onde pode manifestar-se enquanto consciência criativa e crítica sem perder as propriedades das questões propostas na materialização dos discursos apresentado em forma de aforismo.

¹⁸ Bakhtin (2006), Fiorin (2006b), Gramsci (em variados pontos) Marx e Engels em *A ideologia alemã* abordaram o mito da consciência individualizada e a impossibilidade de o homem fugir das coerções socialmente impostas.

Nas respostas deste aforismo aparece uma categoria que se afasta das condições de leituras vinculadas do texto e por isso é classificada como da ordem da superinterpretação. Segue o texto:

L13: “Dúvidas sempre existirão, **não adianta evitá-las**” (argumenta: Inevitabilidade).

Embora possa ser aceita a afirmação como verdadeira por muitas pessoas, o aforismo não sugere nem permite essa verdade em sua leitura. Aqui destaca-se a inferência de falseamento.

4.1.4 – Aforismo J

“A estátua faz o herói” (p. 101)

A interpretação do aforismo que se tem a partir do olhar preliminar do analista é que um herói é construído pelas homenagens que recebe, pelas memórias, pelas condecorações e reconhecimentos em geral que se faz e se tem dele.

Uma massa significativa de interpretantes percorreu caminhos interpretativos semelhantes à ideia do analista, 17 (dezesete) respondentes assinalaram leituras que associaram o herói, um ser histórico conhecido, a uma homenagem. A IT pode ser registrada na CS Homenagem. Esse sentido diz respeito à representação de uma lembrança de algo ou alguém por algum feito ou de quem se diz ter feito. Como se vê nos trechos seguintes:

L2: “**A estátua** eterniza ‘grandes feitos’”;

L3: “**A estátua** legitima os heróis e seus feitos”;

L4: “É a homenagem que **constrói o mito**”;

L9: “... **a estátua** seria uma forma de lembrar dos seus atos...”;

L10: “Os heróis são **imortalizados** através das estátuas”;

L15: “Mais do que os fatos, vale-se a **versão que deles construímos**”;

L18: “Pessoa dotada”;

L19: “... a “imagem” e **a propaganda que se faz** é determinante para que um indivíduo se torne reverenciado”.

Eternizar, legitimar, imortalizar, cristalizar são operações dos sentidos indicados para consagração de um herói e seus feitos por meio de uma homenagem (a estátua), mesmo que as vezes os argumentos de alguns respondentes apontem para a manipulação de quem faz um herói medíocre, ou seja, é unicamente o manipular da história recontada por meio de monumentos e reconhecimentos que construirá o mito.

As inferências que advém da IT são inspiradas pelo verbo na sua forma conjugada “faz”. Todos os leitores que participam das respostas consideradas de mesmo teor visualizam esse sintagma como a concretização de um herói que recebe homenagem, merecida ou não. No entanto, pode-se verificar o “não fazer” na próxima CS apresentada, que pertence a ordem da AC.

Por meio de uma inferência muito perspicaz o leitor (L20) desperta uma leitura na CS Esquecimento que pode ser classificada como AC. A exclusividade da resposta mostra que o leitor se diferenciou no diálogo com o texto.

L20: “Enquanto outros tantos heróis escondidos nas massas populares nunca foram e **nem serão representados**”.

A categoria indica que, se muitos imerecidos homenageados estão representados nas estátuas, os verdadeiros heróis ficam sem representação e no esquecimento. Sua função de leitor atualizador do texto foi cumprida com um posicionamento axiológico crítico pertinente. Os espaços das trilhas textuais do TF permitiu uma intervenção relacionada ao oposto da Homenagem, o Esquecimento. Está é uma manobra que não entra em desacordo com o TF, não foge dele, mas enriquece-o.

A CS que submerge da leitura diferenciada sugere uma oposição de termos HERÓI X ANÔNIMO, pois enquanto os demais leitores incorreram em opções como “herói”,

“imagem”, “imortalizar”, “legitimar”, “pessoa dotada”, o leitor-autor opta pela direção do anonimato do verdadeiro herói.

O trato com o sintagma “faz” do aforismo é o valor adotado para a construção das compreensões dos leitores. Têm-se as inferências de parafraseamento nas leituras de ordem da IT, e as inferências de particularização na leitura de ordem da AC realizada pelo leitor (L20).

Não houve, para este aforismo, argumentos perceptivos que possam ser relacionados à SI nas respostas ao TF.

4.1.5 – Aforismo K

“O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)

Pode-se dar uma versão de leitura inicial do aforismo por parte de quem realiza essas análises, que seria: as experiências vivenciadas pelo homem são importantes para a construção de seus valores e caráter, em especial os experimentos considerados negativos, pois eles farão o homem mais forte a medida em que supera os maus momentos de sofrimento.

Vivência é uma CS que engloba a maioria dos sentidos apontados nas respostas dos entrevistados. Um total de 12 (doze) respostas consideraram os mesmos sentidos de experiência e vivencia como conformação da essência do homem, como sendo um sentido que orienta a ideia de âmago do homem, de seu caráter, da natureza de como é e do que pode tornar a ser a partir de experiências vividas. Conforme verifica-se nas frases relacionadas a seguir:

L1: “Amadurecimento e crescimento chegam até nós por meio da dor e do sofrimento”;

L2: “**A experiência de vida** é o resultado do que vivemos, ou não”;

L4: “A capacidade de sofrer e esquecer é o que **valoriza o homem**”;

L5: “**O caráter do homem** é moldado a partir de suas experiências”;

L7: “É desta forma que o **homem irá se constituindo**”.

L8: “A ideia cristã de **superação**”;

L10: “Esquecer o sofrimento e **saber reinventar o viver**”;

L13: “Somos resultados de **tudo que vivemos**”;

L15: “A vida faz-se por **superações**”.

L16: “O homem sofre transformações pelas **experiências vivenciadas**”.

L17: “Quando um homem passa por algo que **causou sofrimento...**”;

L19: “A grande virtude humana é superar **sofrimentos**”.

Certamente não são respostas iguais, mas tem uma vertente semelhante de conexão como TF pela ideia de vivência, experiência e superação, o que leva a considerar que essa categoria semântica está concretizada no texto origem mais do que na manifestação da individualidade do leitor.

Por outro lado, a CS Perdão manifesta-se na resposta com senso crítico mais criativo, e representa a autoria na leitura. Seu sentido renova as possibilidades de interpretação sem perder seu fundamento no TF.

L3: “O valor do homem está no **perdão**”.

Perdão é um sentido possível quando há uma leitura criativa do sintagma “esqueceu”, quando se resume “sofrer” e “esquecer” num mesmo verbo: “perdoar”, esse senso faz com que Perdão seja classificado por AC. Embora seu sentido não esteja claramente exposto no aforismo, pois “sofrer” e “esquecer” não quer dizer necessariamente “perdoar”, mas esse é um jogo dialógico que se traduz quando há uma inquietação no leitor-autor em deixar registrada sua marca autoral e diferenciada no ato da interpretação do texto.

Todos os leitores que operaram na esteira da classificação da IT, representada na CS Vivência, adotaram o elemento intrapessoal, pois descreveram experiências do sujeito em relação a si mesmo. Porém o leitor (L3) preferiu abordar as relações entre o sujeito e o outro, no aspecto do Perdão. Pode-se opor as categorias EU X OUTRO. Sendo que a

abordagem do EU é uma inferência de parafraseamento, enquanto OUTRO, de particularização.

Há, porém, uma tentativa relativamente frustrada de ser diferente enquanto leitor, esse ato pode ser classificado como uma SI na medida em que a categoria semântica apresentada na resposta não acha respaldo algum no TF. Neste caso a categoria é Aparência:

L12: “Você é o que você **demonstra ser**”.

O movimento interpretativo encontra-se distante do que se podia ponderadamente ser extraído do TF, ou seja, não foi possível relacionar nenhuma noção razoável do aforismo com a ideia de Aparência argumentada na resposta deste interpretante. Talvez por algum vigoroso esforço algum analista possa achar algum vínculo possível, mas para isso, seguramente terá que subscrever seu argumento que justificará tal conexão à resposta do leitor (L12) para que se possa ser aceita como coerente. Essa interpretação ocorreu pelo uso de uma inferência de falseamento.

4.1.6 – Aforismo N

“O gozo do Poder é entremeado de cólicas” (p. 177)

Uma possível interpretação desse aforismo pelo analista seria: ser uma pessoa poderosa, em qualquer aspecto, implica em ser uma pessoa que experimentará dificuldades advindas deste poder. Pode-se considerar que a CS que representa esse pensamento seja: Poder.

Os movimentos de interpretação que mais ocorrem também analisam o TF por um viés semelhante ao do analista: refere-se a algum tipo de desprazer vivenciado por quem detém um tipo de poder. São 18 (dezoito) interpretantes que apontam para sentidos semelhantes e, por ser um número bastante expressivo, pode ser considerada uma CS da ordem da IT. Como se segue:

- L1: “... os que vivem no poder estão entremeados por maledicência, corrupção...”;
- L2: “Exercer o poder tem seu preço. Muitas vezes dói e machuca”;
- L3: “O poder não traz apenas vantagens”;
- L4: “Não há poder feito só de regozijo”;
- L5: “Toda busca excessiva traz consigo **circunstâncias penosas**”;
- L11: “O poder é [...] mesclado de angústia e dor”;
- L13: “O poder é prazeroso, mas que pressupõe a dor da parte de quem o deseja e exerce”;
- L15: “As realizações implicam de algum modo em **sacrifício**”;
- L16: “Não se chega ao poder sem perdas, conflitos...”;
- L19: “Usufruir do poder consiste, também, em conviver com as dificuldades que ele traz”;
- L20: “O poder vem **acompanhado de** suas mazelas”.

A categoria Poder é claramente textual, e exerce uma influência massiva sobre os interpretantes. É expressa na palavra “poder” componente do TF. Essa categoria – que representa uma posição que assegura vantagens, mas que inevitavelmente retribui com reveses – induz o leitor à trilha interpretativa de uma desvantagem sofrida por quem exerce tal poder. Esse é um dado importante, pois o sujeito que sofre “as mazelas” não será o mesmo, quando se observa a interpretação dada pelo leitor (L14).

Apenas um interpretante considerou que o texto apontava para uma situação de injustiça e desmandos, onde as desvantagens, dor e “cólicas” (obviamente no sentido metafórico) eram sofridas por quem está sujeito às pessoas poderosas. Essa leitura única entre os respondentes deve ser classificada como AC e pode ser nomeada como a CS Exploração, reconhecidamente criativa em relação aos demais respondentes, segue o trecho da resposta:

L14: “... mas diria que a dor das cólicas é **sofrida por seus governados**”.

A partir dessa inferência de particularização, o leitor (L14) provoca o senso de Exploração, e mostra uma compreensão capaz de gerar uma dicotomia em relação à compreensão dos demais leitores: PODER X EXPLORAÇÃO, sendo que a categoria Poder é a inferência de parafraseamento. Para o leitor-autor, o aforismo não é sobre quem detém o poder e sofre, mas sobre quem sofre “as mazelas” diante de um governante poderoso e explorador.

Os posicionamentos críticos que fazem dialogismo entre o texto e o leitor podem ser verificados quando as “cólicas” não foram interpretadas como sentidas por quem detém o poder, mas por quem sofre a dominação, por quem é explorado pelo dominante. Nenhum outro leitor realizou esse sentido, e bem se pode dizer que o texto permite essa interpretação, portanto se tem uma AC sofisticada;

Finalmente, a resposta que mostrou excesso de intervenção do leitor com o esquecimento dos sentidos textuais é categorizada como SI. É o caso da manifestação argumentativa de Insatisfação:

L10: “... o poder **não é algo que satisfaça as pessoas**, [...] dominar não deve ser prazeroso”.

O leitor não se refere a Insatisfação em relação aos males trazidos pelo poder, mas diz que o próprio poder não é satisfatório ou prazeroso, essa CS é contraditória ao teor do TF, pois o aforismo aponta no termo “gozo” que existe um tipo de vantagem desfrutada por quem tem poder. Essa superinterpretação se dá, como já teorizada, pela emergência da inferência de falseamento.

4.1.7 – Aforismo O

“Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)

O movimento interpretativo da parte do analista é: é difícil de entender e explicar como alguns políticos conseguem sorratamente encontrar tantas formas de disfarçar a corrupção e a hipocrisia.

O TF possibilita uma quantidade múltipla de significações, mas uma quantidade significativa de leitores sinalizou uma CS que aqui é representada por Ardilosidade por parte de “certos políticos”. Para esses leitores, “andar velozmente de cócoras” é uma metáfora da degradação, corrupção, descaso, proveito próprio, usurpação, manipulações, maquiavelismo:

L1: “Tudo gira em torno do jogo de conveniência e dos **benefícios próprios**”;

L2: “Alguns políticos andam de **modo sorrateiro**”;

L3: “Políticos praticam ações que não são...”;

L5: “Mesmo que isso **custe seu amor próprio ou suas convicções**”;

L7: “... quais quer outras ações que possibilitem **se beneficiar**”;

L9: “... sempre querendo **tirar proveito das coisas e das pessoas**”;

L10: “A participação do homem **na política**, quando **não é bem feita**”;

L14: “Andam **sorrateiros**...”;

L18: “**Degradação**”.

A Ardilosidade, no sentido do modo sorrateiro e malicioso com que sarcasticamente o político executa suas falcatruas, é uma aparição inequivocadamente intencional ao texto (IT), porque quantitativamente as inferências dos leitores aqui arrolados foram conduzidas de modo semelhante, o que demonstra muito mais uma força das pistas do texto que uma tensão pessoal do leitor. Essa categoria aparece 11 (onze) vezes nos sentidos dados pelos leitores.

A partir da imagem “andar velozmente de cócoras”, que é uma execução deveras improvável para o ser humano, nota-se que uma parcela de respondentes generalizou a classe política (ignorando que o TF trazia uma particularização nos termos “Certos políticos”) considerando a ilegalidade e o senso de astúcia como se fossem de todos os políticos.

A AC como maneira crítica e dialógica de interpretar podem oferecer saídas diferenciadas, sem se afastar do texto que as inspira. Esse é o momento autoral do leitor (L20) quando pensa na categoria: Constrangimento.

L20: “A culpa os levou (sic) a posições de **vergonha e constrangedora** (sic)”.

Culpa é a causa de uma reação constrangedora e vergonhosa, essa reação pode ser uma imagem de “andar velozmente de cócoras”, ou seja, passar por constrangimentos quando descoberto da ilegalidade e por isso reagir de forma vexatória. Ainda que se possa (particularmente) objetar da improbabilidade de um político sentir culpa, o aforismo permite essa interpretação.

Muitas outras insatisfações poderiam ser ditas sobre essa leitura como: ser infantil, ser inocente, ser pouco engajada politicamente; mas somente o fato de essa ser uma leitura com sentido possível frente ao aforismo e diferente de todas as demais réplicas dos outros leitores, a CS Constrangimento deve ser alocada dentro do movimento interpretativo de AC.

A interpretação alternativa dada pelo leitor (L20) proporciona a oposição ARDILOSIDADE X CONSTRANGIMENTO, considerando que a primeira CS se realiza pela manifestação da inferência de parafraseamento enquanto a segunda pela inferência de particularização.

Um manejo diferente, mas pouco eficiente ocorre com o leitor (L19) ao sugerir a categoria Contaminação:

L19: “Alguns políticos desenvolveram a agilidade em **contaminar** o ambiente por onde passam”.

Essa argumentação ganha uma distância do TF que a inspirou. Dificilmente se pode associar “andar velozmente de cócoras” a um sentido da CS Contaminação, não é razoável calcular sua relação com a fonte, por essa razão a categoria deve ganhar o *status* de superinterpretação.

4.1.8 – Aforismo T

“Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)

Pela versão do elaborador desta tese, o sentido que se extraiu do texto é: o envelhecimento físico do ser humano traz dificuldades próprias e irreversíveis, talvez maiores que todas as outras adversidades ao longo da vida, é quando se percebe que a juventude está se esvaindo, deve-se suportar isso como parte da prova da vida.

Evidente que muitas nuances interpretativas poderiam surgir deste TF, mas pode-se considerar que a relação Juventude X Envelhecimento foi a conexão mais abordada entre os leitores participantes. O trecho “peso da idade” propõe Envelhecimento – que aqui se coloca como CS – que está relacionado ao desgaste físico do corpo combalido pelos anos, a condição de ser idoso fisicamente. Também foi abordada a maturidade mental como fator imbricado ao envelhecimento físico, mas todas as abordagens orientavam o sentido da categoria Envelhecimento por uma lógica intrapessoal, do idoso para consigo mesmo. Seguem os trechos:

L2: “... **convive** melhor com as mazelas que advém com a velhice”;

L5: “A idade traz consigo **responsabilidades** das quais não podemos nos eximir”;

L8: “... a **aceitar** a fragilidade da perda de forças”;

L9: “A pessoa **aceitar** a condição ajudará em manter a autoestima”;

L10: “Vejo o peso da idade como resultado das experiências vividas...”

L11: “... aceitar as **limitações** impostas pelo tempo”.

L18: “Maturidade”;

L19: “... se preparar para lidar com as novas fazes da vida, com o passar dos anos”;

“Peso da idade” suscitou inferências variadas de Envelhecimento: como sendo uma forma de desafio, uma prova, uma etapa, responsabilidades, mazelas, cargas, dissabores, limitações, perdas, dificuldade do envelhecimento. Não se pode deixar de notificar que

alguns leitores contornaram essas dificuldades com ações espontâneas do idoso como: espírito jovial, aceitação, cuidados próprios, respeito, sabedoria adquirida. Porém todos carregam um traço comum da relação do sujeito consigo mesmo. Pode-se considerar que o aforismo traduz em si uma IT associada a uma prova pessoal, ao menos é o que 15 (quinze) respondentes consideram.

A leitura considerada diferencial nessa análise foi realizada pelo interpretante (L8) ao considerar a relação do idoso para com o outro, e nessa relação pôde dar o sentido para “peso da idade”, como se verifica no trecho seguinte:

L8: “A ideia de dificuldade [...] de ver-se **sendo superados** por outros”.

Nessa leitura, surge uma forma alternativa de manejos interpretativos que revela uma categoria que pode ser representada pelo termo Suplantação. O modo de ver o trecho “peso da idade” é deslocado da dicotomia: Jovialidade X Maturidade (identificada pela maioria dos leitores), e passa ao entendimento de um tipo de concorrência entre os sujeitos na sociedade, não mais sobre os conflitos da idade dentro de um só corpo. O dialogismo realizado nesta leitura extrai do TF às relações sociais que dizem respeito ao papel e lugar do idoso da sociedade, não apenas nos conflitos internos e limitações que se imagina que a terceira idade tem.

Com esse movimento da ordem da AC, o leitor (L8) proporciona um jogo entre as categorias ENVELHECIMENTO X SUPLANTAÇÃO, distanciando-se das inferências de parafrazeamento manifestadas na primeira categoria. O jogo ocorre porque o leitor-autor opta por abordar conflitos sociais manifestando a categoria SUPLANTAÇÃO, que opera no modelo da inferência de particularização.

Essa maneira de passar por um tipo de prova de quem vai envelhecendo e sendo superado pelo mais jovem é uma visão única entre os respondentes, é uma interpretação dada por outro ângulo ainda não ressaltado, portanto deve ser considerada como categoria semântica da ordem da AC.

4.2 Síntese dos resultados

Ao se aplicar uma ferramenta analítica ao *corpus* ou no desdobramento do *corpus* em categorias, tem-se, em resultado disso, um movimento de significação. O que foi notificado na introdução é verificado no todo deste trabalho: opera-se no lastro da interpretação. O que significa manejar elementos muitas vezes sem a rigidez precisamente qualificável.

O trabalho consistiu em reunir as respostas de leitores sobre aforismos, e sequencialmente proceder a atividade de verificar como essas respostas dadas pelos leitores poderiam ser representadas em CS. Em seguida, passou-se a classificar essas categorias em três grupos predefinidos: as repostas que fazem sentido segundo o texto (IT), as que fazem sentido crítico e criativo pelo texto (AC) e as que não fazem sentido considerando o texto (SI).

Categorizar uma resposta (na representação da sua categoria) é uma tarefa que envolve cuidado e não se pode perder de mente que é também um trabalho de interpretação. Como interpretar é uma tarefa carregada de subjetivismo, o que se pôde fazer foi tentar o quanto possível elaborar uma metodologia que escapasse ao máximo do pessoalismo, sobretudo do analista (o escritor desta tese). Anular-se enquanto leitor é uma atividade complexa, portanto, considera-se possível que dados escapem do objetivismo idealizado e transitem pelo subjetivismo indesejado. Mesmo assim, acredita-se que, no cômputo final, tenham-se informações importantes no que tange a: como o universitário interpreta um texto?

É possível, muitas vezes, pesar as inferências de leitores e avaliar de que forma elas são válidas, se são pertinentes ao que foi lido, se são críticas ou se são exageradas, conforme a metodologia aplicada neste trabalho.

Embora do *corpus* geral (que pode ser encontrado no Apêndice) tenha-se levantado e analisado 20 (vinte) aforismos, a análise apresentada no corpo desta tese contempla separadamente 8 (oito) aforismo e suas respostas pelos 20 (vinte) leitores. A escolha desses 8 textos se deu pois, ao se verificar meticulosamente as análises, percebeu-se que alguns textos eram mais propícios afim de se perceber a natureza das respostas rotuladas por AC e

SI. Isso facilitaria a compreensão do raciocínio e das classificações das categorias semânticas.

Os métodos utilizados não são exatos, como não é exato nenhum método que se pretenda quantificar o fenômeno interpretação, mas existe uma proximidade ao que se pode definir por real, pelo real da língua e do discurso. E é nesse campo de perspectiva de interpretação que se aceita com proximidade as definições levantadas pelos dados equacionados.

Não se pode comparar a quantidade de leitores que manifestaram sentidos classificados como IT com a quantidade de leitores que manifestaram sentidos de AC ou SI. Isso porque as categorias classificadas como IT recebem esse rótulo pela quantidade grande de leitores que apontaram para esse sentido. Então obviamente as categorias rotuladas por IT têm obrigatoriamente (no mínimo) metade¹⁹ (50%) das respostas dos leitores.

O que se quer comparar efetivamente são as quantidades de categorias criativas (AC) com as quantidades de categorias exageradas (SI), e na comparação desses dois domínios tecer considerações de suas ocorrências.

Há uma prevalência de categorias de AC em relação às categorias de SI. Nos 20 (vinte) leitores que responderam aos 20 (vinte) aforismos, houve 115 (cento e quinze) categorias de AC para apenas 56 (cinquenta e seis) categorias de SI. Tomando apenas as categorias de AC e de SI, tem-se que: 32,75% das categorias dadas para além das intenções do texto (IT) são de respostas exageradas (SI), ao passo que 67,25% de categorias dadas para além das intenções textuais (IT) são de respostas críticas e criativas (AC). Pode-se ver os valores detalhados na tabela seguinte, onde os números situados no encontro linha-coluna indicam a quantidade de categorias divisadas pelas ordens de IT, AC e SI em relação a cada aforismo estudado. Além disso, aparecem as totalidades de categorias AC e SI em toda a pesquisa.

¹⁹ Nas tabelas componentes dos Apêndices, encontram-se classificações de CS's rotuladas de IT com valores menores que 50% de leitores aderentes. Isso porque algumas categorias embora aparecessem com baixa ocorrência (em 7 ou 5 leitores) não poderiam ser classificadas como AC, pois vários leitores apontavam para o mesmo sentido e a AC é um senso personalizado, também não poderiam ser categorizadas por SI, porque faziam sentido frente ao TF.

A partir daí pode-se dizer com maior seguridade que, apesar de o público universitário cometer movimentos inferenciais de falseamento agravantes quando se aplica na leitura, há uma assertiva muito positiva de interpretações críticas, criativas, na base de inferências de particularização, ou seja, de respostas inovadoras e autorais (como se pretende demonstrar neste trabalho).

A participação individual de cada leitor como contribuição de um novo olhar sobre os textos de Drummond é muito mais (quantitativamente) crítica do que incoerente, muito mais distinta do que inconsequente.

Segue a tabela que compara os dados:

Quadro 4: Quantidade de Categorias Semânticas Classificadas em AC e SI

Quantidade de Categorias Semânticas Classificadas em AC e SI																					
	Aforismo A	Aforismo B	Aforismo C	Aforismo D	Aforismo E	Aforismo F	Aforismo G	Aforismo H	Aforismo I	Aforismo J	Aforismo K	Aforismo L	Aforismo M	Aforismo N	Aforismo O	Aforismo P	Aforismo Q	Aforismo R	Aforismo S	Aforismo T	
AC	11	10	9	7	9	6	9	8	5	4	4	2	3	2	4	6	4	1	6	5	115
SI	1	1	7	6	7	2	3	5	2	1	3	3	2	8	1	0	0	2	1	1	56

Fonte: Quadro elaborado pelo autor desta tese.

Com exceção dos Aforismos “N” e “R”, todos os outros 18 (dezoito) aforismos apresentados aos leitores expressaram maior número de categorias classificadas como AC do que de categorias rotuladas como SI.

A SI está presente, de fato, nas respostas; por razões diversas e nem sempre calculáveis, ou por descuido do respondente no ato da leitura, por equívoco no ato da escrita, por associações excessivamente pessoais. Mas se pode assegurar que as leituras ancoradas no TF e com nuances de crítica estão duplamente mais presentes que os equívocos.

Também seria possível (o que se descartou nesse trabalho), fazer um balanço em forma de tabela sobre os leitores que mais criticamente se posicionaram em suas respostas e constatar quais interpretantes mais inclinaram-se para as inferências de base das SI's. Se esse levantamento ocorresse em uma sala de aula, o professor teria verificações plausíveis para investir maior esforço e atenção nos alunos de inclinações à SI, caso fosse interesse. Também poderia instigar os estudantes que se ocuparam com as IT para que desdobrassem suas respostas em busca de uma criticidade mais latente na procura por respostas dialógicas e criativas.

Neste ponto é necessário trazer mais uma vez a questão do conceito de autoria na leitura. A ideia bakhtiniana das relações dialógicas das consciências no romance tem um contraponto muito pertinente quando se trata da ação do sujeito leitor na interpretação. Ou seja, leitura é seguramente uma relação dialógica entre o texto (materialização das intenções em linguagem) o leitor (interpretante), e nessa interação nasce o real cerne do processo autoral: a axiologia do leitor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pôde ser visto em toda esta investigação, a interpretação é o produto central deste trabalho. No princípio dele, quando se faz o retorno rastreando os teóricos e os tempos históricos dedicados aos conceitos de leitor enquanto participante do processo autoral, busca-se, de fato, movimentos interpretativos percorridos por esses pensadores em seus tempos. Quando se pesquisa sobre as abordagens das intenções, das inferências e da leitura é um compêndio de interpretações que se tem. Quando se constrói um suporte metodológico de pesquisa é também um modelo que se sustenta em uma forma de interpretação. Quando se propõe que leitores expressem os sentidos que afloram da leitura de aforismos, é um levante interpretativo que se obtém.

Após um longo percurso de material teórico, formulações metodológicas e aplicações analíticas, pode-se propor que há, no mecanismo de interpretação do leitor um posicionamento capaz de ser classificado como axiológico e autoral.

O aporte teórico montado recorta o fator inferência como ferramenta de uso do leitor a ser analisada a fim de perceber como esse fenômeno coopera para a construção de categorias semânticas. Ou seja, considerando que existem (entre outros) três manejos inferenciais realizados pelo interpretante (inferência de parafraseamento, inferência de particularização e a inferência de falseamento), procurou-se lançar mão de um *corpus* para verificar que tipos de expressões essas inferências promoviam.

Quanto ao *corpus*, a sua composição se constitui de respostas de entrevistados a aforismo e a transformação dessas respostas em categorias semânticas possibilitou ao analista um melhor manejo e entendimento do teor das respostas.

Com base nesse material empírico, foi possível aplicar a análise das inferências sobre tais categorias e por meio das três formas inferenciais, consegue-se identificar o movimento realizado pelo leitor em relação aos outros leitores.

Então, usando as noções teóricas propostas, é possível definir que as formas de inferências usadas pelos leitores a fim de produzir respostas aos textos por eles lidos promovem autorias, parafraseamento ou extravagâncias. Em outros termos, usando o método de identificação das categorias semânticas modeladas pelas formas inferenciais,

classifica-se os sentidos nos 3 (três) rótulos previstos: Autoria compartilhada, quando o leitor usa uma inferência de particularização; identificação da Intenção textual, quando o leitor mobiliza a inferência de parafraseamento; ou uma Superinterpretação, quando o interpretante infere um movimento de falseamento.

Como dito anteriormente, essas três ações que se pode realizar num ato de leitura e interpretação, mobilizam a proposta dialógica bakhtiniana, são elas: a repetição, a recriação e o esquecimento, considerando que o leitor sempre realiza essas ações parcialmente.

A expressão Autoria compartilhada foi idealizada para essa investigação, devido os métodos montados desta pesquisa, mas o conceito se assemelha a tantos outros pensamentos que refletem a autoria no ato da leitura, como: coautoria, congenialidade, interpretação autoral, autoria na leitura, dentre outros. Escolheu-se denominar nesses termos para que fosse imprimida uma marca diferenciada a partir deste trabalho.

Ao revisitar os dados finais desta pesquisa, vê-se que há, no público investigado, uma característica crítica e criativa revigorante, embora os dados de esquecimento (SI) também causem um estado de alerta, considerando que o *corpus* nasceu de questões respondidas por universitário. Contudo não se quer desprezar o valor de um ato de leitura em SI, há talvez circunstâncias, momentos, atividades e objetivos didáticos na exploração de uma leitura que usa o texto sem limites regulares das IT,s. É bem possível que muitos professores realizem muitas propostas de análise textual nas bases da SI, como até muitos defendem, mas para o que se entende de leitura no espaço público (no bosque, como pela metáfora de Borges), a busca pela IT e sobretudo pela AC parece ser o maior desafio de quem ensina a ler e interpretar, e principalmente nas atividade escolares de escrita e reescrita de textos.

Quando se diz que uma certa leitura está presa ao texto pois caminha apenas nos lastros da Intenção textual não se está querendo dizer que as outras leituras (leitura-autoral e Superinterpretação) não tenham intenções pertinentes às experiências com o texto. Obviamente que o leitor-autor manifestou uma intenção ao criar um mundo diferencial na sua resposta, mas essa intenção se realizou muito mais livre e pessoal que a leitura realizada no estreito da IT. O movimento de leitura da Superinterpretação também tem sua intenção, porém abandona incoerentemente (pelo entendimento dessa tese) o cerne instrutor que

deveria regular sua interpretação: o texto fonte. Contudo, todas as 3 formas de leituras têm instintos de intenções, não apenas aquela leitura que foi classificada como intencional ao texto.

As teorias que se resgatam ao tratar com os termos Inferência, Superinterpretação, Intenção, Coautoria, estão todas agrupadas numa teoria maior, que abriga todas essas múltiplas formas de interação pela linguagem: essa teoria abarcante é o dialogismo. Todas os 3 movimentos (AC, IT, SI) são ações realizadas por tipos diferentes de inferências, que por sua vez estão abrigados sob a realização dialógica da linguagem, do diálogo entre o leitor e o texto. Essas experiências particularizadas de leitura, seja em qual categoria ou classificação forem rotuladas, não poderiam existir se não pela realidade dialógica existente entre a materialização do texto e o ser do discurso. Pode-se destacar, entretanto, que o movimento realizado pela leitura funcional da AC é o dialogismo mais relevante, é a inferência mais buscada por ser coerente e diferenciada, pois é uma realização “original” em relação aos demais leitores, é uma forma de criar a partir do texto fundante. Esse é o leitor e essa é a leitura que se pretende formar a partir de um ideal, não se quer falar mais de leitor-modelo, mas de **modelo de leitor**, que seria um leitor criativo, diversificado, coerente, perspicaz, crítico e dialógico.

Não obstante, não seria exatamente esse o mecanismo usado pelo autor de um texto qualquer? O que é um livro, uma escritura, uma teoria, um poema senão leituras transformadas em escritas? Quando um texto qualquer ganha publicação e visitação de leitores, ele agrega a égide de produto autoral, mas se a percepção humana escavar profundamente o acontecimento do discurso, perceberá que o trabalho de interpretação é uma autoria de igual princípio. É uma forma de reconstruir o dito de uma maneira nova, ainda que esse fator de ineditismo não seja realmente inédito frente a todos os discursos existentes no mundo, ainda que nada de novo se diga quando se compara a interpretação com o que já existe de conhecimento geral humano. Existe a autoria e a novidade quando se compara o diálogo entre: o texto presente, o leitor presente, na enunciação presente e o movimento interpretativo inferencial presente.

É exatamente isso que se pretendeu investigar neste trabalho, o movimento de interpretação é uma forma de autoria (dita compartilhada) pois é uma tarefa do leitor com o

texto. Nesse sentido, todas as autorias são compartilhadas, pois o autor de um livro restaura e resgata inúmeras leituras que são sintetizadas, refratadas, aglutinadas, agrupada e sobretudo, como define Foucault (Cf. FOUCAULT, 1987), ajuntadas na dispersão dos discursos. Seguramente a escrita de um livro exige um reagrupamento mais sistemático e um efeito crítico mais refinado do que uma simples resposta à uma questão de prova escolar ou uma redação de vestibular. Mas o princípio é o mesmo no sentido de dialogismo, das considerações de IT, de AC e de SI.

Retornando aos objetivos idealizados na fundação desta pesquisa, propunha-se examinar os movimentos interpretativos classificados nas três formas de inferências que por sua vez promoviam três formas de interpretações. Nota-se que se confirma os aspectos previstos de pesquisa, pois se notou que o leitor universitário se desvia menos para as leituras extravagantes, se se comparar aos caminhos percorridos pelas leituras de IT. Também aponta para um resultado positivo em relação a AC, sempre ocorrem pontos de autorias e diferenciações.

Talvez uma outra análise com bases em outros pressupostos possa apontar novas formas de leituras inovadoras em trechos que aqui foram despercebidos, mas isso prova ainda mais que a leitura é um fenômeno dificilmente tabelável.

Os objetivos eram as verificações das interpretações e suas categorizações a fim de apontar para um modelo de leitura que se possa chamar de autoral, e isso foi razoavelmente alcançado. Consegue-se vislumbrar que, mais do que isso, a pesquisa aponta para um ideário de leitura e interpretação que se estima alcançar a todo o custo: um traço de originalidade.

Os objetivos se consolidaram pelo objeto que é a interpretação e as suas formas diversas de manifestação nas leituras variadas onde se sobressai (na expectativa desta tese) o modelo de leitor-autor.

Pode-se dizer que o ponto vital desta investigação é a percepção do lugar do autor. A consciência do acontecimento autoral não pode se restringir em sua completude no escritor de livros, artigos, poemas e gêneros diversos em suportes variados de circulação. Autor é o respondente criativo, é o escritor de uma redação criativa, o interpretante de um poema. Tal acordo, se se torna prático – em especial nas escolas – pode causar uma nova

relação de entrega por parte dos alunos, que passarão a ver seus textos como componentes reais de uma escrita aproveitável, de valor literário, técnico, político, social etc. Também insere o professor numa proposta de acreditar de maneira alternativa nos textos de seus estudantes e nas suas ações da prática real de escrita. Ao acreditar que os textos escritos pelo escritor do cotidiano (o aluno) podem ter caminhos de autorias e enriquecimentos, o professor pode conduzir os sujeitos discursivos envolvidos neste processo a dar novas finalidades ao que se escreve nas escolas.

Nos espaços de educação, percebe-se que sempre há a necessidade de se rever filosófica e praticamente o conjunto de circunstâncias que estão ao redor do sujeito-leitor e de sua principal forma de manifestação: o texto. E aqui se apresenta uma pequena, mas importante reflexão sobre o lugar e a noção de interpretante e de autor que deve ser percebido em suas implicaturas dialógicas. Sendo que pelo crivo do diálogo entre texto-leitor agrega-se o novo no mundo manifestado pela escrita replicante dos estudantes escolares.

Muitas outras formas de pesquisas poderiam se desdobrar a partir desta, acréscimos de modelos e movimentos interpretativos que aqui não foram pensados, uso de inferenciações que não foram percebidas, ou até uma análise mais dedicada ao *corpus* levantado que certamente não foi inteiramente explorado. Para além deste trabalho, o tema de autoria no leitor oferece uma gama incontável de possibilidades de pesquisa, em especial nos textos literários. A Superinterpretação é um campo que merece muitos investimentos pois, além de rever mais livremente o papel do leitor, poderá oferecer para o campo da interpretação novas noções de coerência e, assim sendo, muitas classificações aqui rotuladas poderiam ser revistas.

Enfim, é possível que os textos, as redações, as respostas, as provas e os diversos modelos de escritas escolares não sejam finalizados no cesto de lixo ao final do processo avaliativo, como corriqueiramente acontece. Dificilmente uma escrita do próprio punho de Carlos Drummond de Andrade seria descartada e lançada fora, para o lixo ou para o esquecimento; dada a consagração do autor em razão de seu famigerado nome e de sua sublime escrita. Quem sabe a ideia de encontrar um autor dentro de cada aluno e de cada

leitor seja uma maneira válida de dar finalidades mais pertinentes e responsáveis aos textos por ele produzidos.

6 BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Carlos Drummond. *O avesso das coisas* [aforismos]. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ARÁN, P. O. A questão do autor em Bakhtin. In: *Bakhtiniana*. São Paulo, Número Especial: 4-25, jan./jul. 2014.

BACCEGA, M. Aparecida. *Palavra e discurso: História e literatura*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

BAKHTIN, M. Os Gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*: 6ª ed. Int. e Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2011 [1979], p. 261-262.

BAKHTIN, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance*. 7ª ed. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Unesp/Hucitec. 2014a [1924], p. 13-70.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance*. 7ª ed. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Unesp/Hucitec. 2014b [1924], p. 134-164.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV) *Marxismo e a filosofia da linguagem*. [1929]. Trad. Michel Lahud. São Paulo; Hucitec, 2006.

BARTHES, R. *O grau zero da escrita*. Trad. Maria M. Barahona. Lisboa - Portugal: Edições 70, 2006a.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. Jacob Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006b.

BARTHES, R. Da ciência à literatura. In: BARTHES, R. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004a. p. 3-12.

BARTHES, R. Da leitura. In: BARTHES, R. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004b. p. 30-42.

BARTHES, R. A morte do autor. In: BARTHES, R. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004c. p. 57-64.

BARTHES, Roland. *A aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 98.765ª ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

BELLEI, S. L. P. A morte do autor: um retorno a cena do crime. Rev. Criação e Crítica, São Paulo, n. 12, p. 161-171, jun. 2014 Disponível em: <<http://revista.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: 04/05/2017.

- BORGES, J. L. Pierre Menard: autor do Quixote. In: *Ficções*. Trad. Carlos Nejar. Ed. Círculo do Livro: São Paulo, 1975. p. 41-52.
- BORGES, J.L. Borges e eu. In: BORGES, J.L. *O fazedor*. São Paulo: Cia das Letras, 2008. p. 54-55.
- CARROLL, L. *Alice no país das maravilhas*. Trad. e Adapt. Nicolau Sevckenko. São Paulo: Scipione, 2002.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CHIERCHIA, G. *Semântica*. Trad. Luís A. Pagani, Lígia Negri, Rodolfo Ilari. Campinas – SP: Editora da UNICAMP. Londrina – PR: EDUEL, 2003.
- COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- COSTA, Sérgio R. *Dicionário de Gêneros Textuais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- CULLER, J. Em defesa da superinterpretação. In: ECO, U. (org.). *Interpretação e superinterpretação*. Trad. Mônica Stahel. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. p. 129-149.
- ECO, U. Interpretação e história. In: ECO, U. (org.). *Interpretação e superinterpretação*. Trad. Mônica Stahel. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012b. p. 27-52.
- ECO, U. Superinterpretando texto. In: ECO, U. (org.). *Interpretação e superinterpretação*. Trad. Mônica Stahel. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012c. p. 53-78.
- ECO, U. *Os limites da interpretação*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1995.
- ECO, U. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ECO, U. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.
- FARACO, C. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. P. 37-60.
- FARIAS, Mônica F. *Atos de leitura: discursos e práticas na formação superior*. Fortaleza: EDUECE, 2009.
- FIORIN, J. L. A linguagem em uso. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à linguística: I. Objetos teóricos*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2006a. p. 165-186.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2006b.

FIORIN, J. L. Linguística e pedagogia da leitura. In: *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 107-117, 1º sem. 2004.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1989.

FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Trad. Neves, L. F. B. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

GOULART, C. M. *Ler rima com viver: construção de significados*. In: BRASIL. Salto para o futuro: Ensino fundamental / Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999. p. 99-100.

HENRIQUES, C. C. *Literatura como objeto de desejo: quando as visões lingüístico-gramatical e teórico-literária se encontram*. 2ª ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6ª ed. 5ª imp. São Paulo: Ática, 2002.

KATO, M. Como a criança aprende a ler: uma questão platoniana. In: Zilberman, R. & Silva, E. T. (orgs.). *Leituras: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2004. p. 30-37.

KLEIMAN, A. *Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 10ª ed. Campinas – SP: Pontes, 2007a.

KLEIMAN, A. Formando leitores críticos. In: MARI, Hugo; WALTY, Ivete; FONSECA, M. N. S. (orgs.). *Ensaio sobre leitura 2*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007b. p. 99-123.

KOCK, I. G. V., TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MALLARMÉ, S. Crise de vers. In: *Oeuvres complètes* [1894]. Tome II. Paris: Gallimard, 1945.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 19-36.

MARCUSCHI, L. A. Leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática social. In: Zilberman, R. & Silva, E. T. (orgs.). *Leituras: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2004. p. 38-57.

MARI, H. *Aula 1b: Textos - Pacerie e Simons*. Belo Horizonte, 2014. (Apostila).

- MARI, H. MENDES, P. H. A. Processos de leitura: fator textual. In: MARI, H; WALTY, I.; VERSIANI, Z. (orgs.). *Ensaio sobre leitura*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005. p. 155-182.
- MARI, H.; MENDES, P. H. A. Produção do sentido e leitura: Gênero e intencionalidade. In: MARI, H; WALTY, I; FONSECA, M. N. S. (orgs.). *Ensaio sobre leitura 2*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007. p. 11-53.
- MARQUES, Maria. H. D. *Iniciação à semântica*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2011.
- MEDEIROS, J. B. *Redação Científica: a prática de fichamento, resumos, resenhas*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MELO, J. M. Comunicação social: da leitura à leitura crítica. In: Zilberman, R. & Silva, E. T. (orgs.). *Leituras: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2004. p. 100-110.
- ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 8ª ed. Campinas: Pontes, 2009.
- ORLANDI, E. P. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In: Zilberman, R. & Silva, E. T. (orgs.). *Leituras: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2004. p. 58-77.
- PERINI, M. A. Pelos caminhos da perplexidade: uma receita para ler sem entender. In: MARI, H; WALTY, I; VERSIANI, V. (orgs.). *Ensaio sobre leitura*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005. p. 33-46.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Campinas, Editora Unicamp, 1975.
- POSSENTI, S. Ler: descrever e interpretar. In: SERRANI, S. (org.). *Letramento, discurso e trabalho docente*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2010. p. 14-28.
- POSSENTI, S. Ducrot e a análise do discurso. In: NEGRI, L., FOLTAN, M. J., OLIVEIRA, R. P. de (org.). *Sentido de e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 217-287.
- RONCARATI, C. *As cadeias do texto: construindo sentidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- SILVA, J. Q. G. Gênero discursivo e tipo textual. *Scripta*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, V. 1, n. 1, 1999, p. 87-106.
- SANTAELLA, L. *Redação e leitura: guia para o ensino*. São Paulo: Cengage Learning, 2013.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Chelini, A; Paes, J. P.; Blikstein, I. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1971 [1916].

SOARES, M. B. As condições sociais de leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, R. & SILVA, E. T. (orgs.). *Leituras: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2004. p. 18-29.

TRAVAGLIA, L. C. Leitura em uma perspectiva micro: os recursos linguísticos. In: ANDRADE, C. (org.). *Texto, discurso e suas práticas*. São Paulo: Terracota, 2009.

WALTY, I. Leitura/literatura e espaço público. In: MARI, H; WALTY, I; FONSECA, M. N. S. (orgs.). *Ensaio sobre leitura 2*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007. p. 149-164.

7 APÊNDICES

Os leitores (L1, L2, L3 etc.) aparecem nas linhas horizontais da tabela, enquanto as categorias aparecem nas colunas, na vertical da tabela.

Quando um leitor for conectado a uma categoria – isso se dá por um indicativo de (IT, AC ou SI, cada sigla na sua respectiva cor) no encontro da coluna com a linha – significa que esse interpretante usou a CS na sua resposta, e que essa categoria foi classificada em (IT, AC ou SI). Se o espaço desse encontro não for marcado, significa que o leitor não usou essa categoria.

Leitores que tem suas respostas preenchidas em tom de cinza: ou não responderam, ou realizaram respostas confusas ao ponto de impossibilitar uma leitura e categorização razoáveis.

A última linha da tabela é uma somatória horizontal, ou seja, demonstra a totalidade de leitores que utilizaram tal categoria em suas respostas.

7.1 Apêndice A

Seguem as tabelas de análise de cada aforismo, onde leitores e categorias são inter cruzados e classificados pelas siglas (IT, AC, SI):

Tabela dos Categorias identificados nas respostas para o Aforismo “A”

“Tudo é mais simples diante de um como d’água” (p. 8)

	Simplicidade	Adversidade	Perspectiva	Temporalidade	Solução	Saciedade	Prazer	Modéstia	Cotidiano	Indispensabilidade	Transparência	Abrandamento	Acessibilidade	Resistência	Ponderação					
L1	IT	IT	IT		AC															
L2	IT	IT	IT			AC														
L3	IT	IT	IT				AC													
L4	IT		IT					AC												
L5	IT	IT												SI						
L6	IT		IT						AC	AC										
L7											AC		AC							
L8	IT		IT								AC									
L9	IT	IT			AC					AC										
L10		IT		AC											AC					
L11	IT	IT																		
L12																				
L13	IT																			
L14	IT	IT		AC	AC				AC											
L15	IT	IT	IT																	
L16		IT													AC					
L17		IT										AC								
L18	IT																			
L19						AC				AC			AC							
L20										AC										
	13	10	07	2	3	2	1	1	2	4	2	1	2	1	2					

**Tabela das Categorias identificadas nas respostas para o Aforismo “B”
 “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)**

	Falsidade	Egoísmo	Imediatismo	Modernidade	Inconveniência	Dissociação	Risco	Desapontamento	Desconfiança	Atitude	Noção questionada	Irmandade	Aparência	Amizade	Cobiça					
L1	IT	AC	SI	AC							IT									
L2								AC												
L3	IT																			
L4	IT				IT					AC				IT						
L5	IT			AC							IT									
L6											IT	AC		IT						
L7					IT					AC	IT									
L8	IT										IT			IT						
L9	IT	AC			IT					AC				IT	AC					
L10	IT					AC								IT						
L11	IT	AC											AC							
L12					IT															
L13													AC							
L14	IT																			
L15	IT																			
L16	IT						AC		AC											
L17					IT					AC	IT									
L18																				
L19																				
L20										AC				IT						
	11	03	01	02	05	01	01	01	01	05	06	01	02	06	01					

Tabela das Categorias identificadas nas respostas para o Aforismo “C”

“O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)

	Irracionalidade	Risco	Cuidado	Poder	Contradição	Atitude	Consequência	Identidade	Irrelevância	Plenitude	Insubstituição	Aceitação	Desvínculo	Impossibilidade	Inacessibilidade	Transformação	Liberdade	Tranquilidade	Lucidez	Altruísmo	
L1						IT	IT	SI	SI												
L2										IT		SI									
L3													AC								
L4					AC									AC	AC						
L5	IT						IT														
L6										IT							SI	SI			
L7							IT														
L8	IT	AC																	SI		
L9						IT				IT											AC
L10			SI			IT				IT											
L11	IT	AC								IT											
L12				IT			IT														
L13	IT			IT		IT															
L14	IT					IT	IT														
L15	IT																				
L16										IT						AC					
L17				IT	AC		IT														
L18				IT																	
L19							IT			IT											
L20											AC										
	6	2	1	4	2	5	7	1	1	7	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1

Tabela das Categorias identificadas nas respostas para o Aforismo “D”

“Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)

	Temporalidade	Remorso	Destino	Efemeridade	Perenidade	Arrependimento	O mais	Vivacidade	Contradição	Esquecimento	Incomum	Reincidência	Incorreção	Ineficiência	Solução	Transformação	Ressignificação			
L1	IT	SI	SI	IT		IT	IT							SI						
L2	IT						IT													
L3	IT			IT		IT														
L4	IT			IT			IT		SI											
L5				IT		IT	IT			AC	AC	AC								
L6	IT	SI				IT														
L7				IT																
L8	IT									AC		AC								
L9	IT			IT			IT								AC					
L10	IT		SI													AC				
L11	IT						IT													
L12	IT				SI		IT									AC				
L13	IT			IT		IT	IT													
L14		SI				IT														
L15	IT																AC			
L16	IT					IT	IT										AC			
L17	IT					IT	IT							SI						
L18	IT																			
L19						IT											AC			
L20	IT				SI	IT		SI					AC							
	16	3	2	7	2	10	10	1	1	2	1	2	1	2	1	2	3			

Tabela das Categorias identificadas nas respostas para o Aforismo “E”

“Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)

	Dúvida	Problema	Intrapessoalíssimo	Conhecimento	Alheio	Domínio	Desejo	Intransigência	Estagnação	Alienação	Discernimento	Solução	Contradição	Interação	Perenidade	Usufruto	Indispensabilidade	Inevitabilidade	Orientação	Beleza	Trabalho	
L1	IT	IT	IT	IT			AC				SI	IT		AC	IT		SI				AC	
L2	IT	IT	IT																			
L3	IT			IT																		
L4	IT				AC								SI									
L5	IT			IT		IT	AC															
L6			IT	IT				AC	AC			IT										
L7			IT			IT				AC												
L8	IT	IT	IT			IT						IT		AC								
L9	IT		IT					AC														
L10	IT											IT			IT	SI						
L11	IT																SI					
L12																						
L13	IT														IT			SI				
L14	IT	IT	IT													SI						
L15		IT	IT									IT										
L16	IT			IT															SI	AC		
L17	IT		IT																			
L18	IT																					
L19	IT		IT			IT																
L20	IT			IT								IT			IT						AC	
	16	5	10	6	1	4	2	2	1	1	1	6	1	2	4	2	2	1	1	1	1	2

Tabela das Categorias identificadas nas respostas para o Aforismo “F”

“A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p. 73)

	Modismo	Distanciamento	Autenticidade	Subjugação	Insensatez	Futilidade	Comodismo	Fingimento	Essência	Contradição	Requite	Efemeridade	Contentamento							
L1	IT					AC	SI		IT											
L2	IT	IT							IT											
L3	IT	IT	IT																	
L4	IT	IT								SI	IT									
L5	IT	IT									IT	AC								
L6	IT	IT											AC							
L7	IT	IT	IT						IT											
L8	IT	IT	IT																	
L9	IT		IT	AC																
L10	IT		IT	AC					IT			AC								
L11	IT					AC		AC												
L12			IT	AC	AC															
L13	IT	IT									IT									
L14	IT		IT	AC																
L15			IT										AC							
L16	IT	IT	IT						IT											
L17	IT	IT							IT											
L18											IT									
L19	IT	IT									IT									
L20	IT		IT	AC																
	17	11	10	5	1	2	1	1	6	1	5	2	2							

Tabela das Categorias identificadas nas respostas para o Aforismo “G”

“O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p. 76)

	Superioridade	Arrogância	Derrota	Frustração	Desejo	Vitimismo	Contradição	Desequilíbrio	Imobilidade	Egoísmo	Solução	Onipotência	Simplicidade	Juízo Social	Imensurabilidade	Submissão	Sacrifício				
L1		IT	IT	IT		AC	AC														
L2																					
L3	IT		IT																		
L4																					
L5	IT		IT																		
L6	IT		IT		AC						IT										
L7	IT		IT						AC												
L8										AC											
L9			IT								IT										
L10		IT									IT		AC								
L11		IT	IT																		
L12																					
L13		IT	IT			AC															
L14		IT	IT																		
L15														SI	SI						
L16		IT	IT								IT										
L17	IT	IT														AC	AC				
L18												SI									
L19			IT	IT	AC																
L20			IT	IT				AC	AC												
	5	7	12	3	2	2	1	1	2	1	4	1	1	1	1	1	1				

Tabela das Categorias identificadas nas respostas para o Aforismo “H”

“O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)

	Existência	Incerteza	Fé	Livre-arbítrio	Despreparação	Imaginação	Realização	Lucidez	Diversidade	Inacabamento	Significado	Conhecimento	Valor	Inferência	Escassez	Exclusividade	Domínio		
L1	IT	IT	AC	SI															
L2	IT																		
L3	IT	IT																	
L4																			
L5	IT	IT				IT													
L6	IT	IT				IT													
L7	IT	IT				IT	IT	AC	AC										
L8		IT					IT					AC							
L9	IT					IT	IT												
L10	IT					IT	IT						AC						
L11	IT					IT	IT							AC					
L12															SI	SI	SI		
L13							IT			AC									
L14	IT					IT	IT				AC								
L15																			
L16	IT	IT				IT													
L17	IT	IT	AC			IT			AC										
L18						IT													
L19	IT	IT				IT													
L20		IT	AC		SI														
	13	10	3	1	1	11	7	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1		

**Tabela das Categorias identificadas nas respostas para o Aforismo “I”
 “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)**

	Influência	Descontrole	Permissividade	Interação	Atualidade	Superproteção	Inversão	Imaturidade	Conflito de Gerações	Despreparo	Sinceridade	Indeterminação								
L1	IT	IT	IT		AC	AC	IT													
L2		IT	IT					IT												
L3		IT																		
L4	IT																			
L5	IT		IT		AC															
L6									AC											
L7		IT								AC		AC								
L8	IT		IT																	
L9		IT	IT																	
L10				SI							SI									
L11									AC											
L12																				
L13	IT																			
L14	IT	IT	IT																	
L15		IT					IT													
L16	IT			AC				IT	AC											
L17								IT												
L18	IT																			
L19	IT	IT	IT				IT													
L20	IT	IT			AC		IT	IT												
	10	9	7	2	3	1	4	4	3	1	1	1								

Tabela das Categorias identificadas nas respostas para o Aforismo “J”

“A estátua faz o herói” (p. 101)

	Homenagem	Celebrização	Heroísmo	(De) Mérito	Manipulação	Contemplação	Inspiração	Relator	Pós-morte	Esquecimento										
L1	IT	IT	IT	IT		SI	AC													
L2	IT	IT	IT	IT																
L3	IT	IT	IT																	
L4	IT				IT															
L5	IT	IT	IT																	
L6	IT			IT	IT															
L7																				
L8	IT	IT			IT			AC												
L9	IT	IT	IT						AC											
L10	IT	IT	IT				AC													
L11	IT				IT															
L12	IT								AC											
L13			IT							AC										
L14	IT	IT																		
L15	IT				IT			AC												
L16	IT				IT															
L17	IT				IT															
L18					IT															
L19	IT				IT															
L20	IT	IT	IT	IT						AC										
	17	9	8	4	9	1	2	2	2	2										

Tabela das Categorias identificadas nas respostas para o Aforismo “K”

“O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)

	Sofrimento	Valor	Perdão	Superação	Vivência	Esquecimento	Atitude	Lembrança	Passado	Essência	Sabedoria	Conquista	Conveniência	Autopromoção	Aparência						
L1	IT	IT	AC	IT	IT	IT	AC														
L2					IT																
L3		IT	AC																		
L4	IT	IT				IT															
L5	IT			IT	IT					IT											
L6		IT								IT											
L7	IT				IT	IT	AC			IT	AC										
L8			AC	IT																	
L9	IT				IT					IT		AC									
L10	IT	IT		IT		IT															
L11					IT	IT							SI	SI							
L12										IT						SI					
L13					IT					IT											
L14					IT	IT															
L15				IT	IT																
L16					IT	IT															
L17	IT			IT	IT	IT															
L18									AC												
L19	IT	IT		IT																	
L20	IT				AC		AC	AC													
	9	6	3	7	12	8	3	1	1	6	1	1	1	1	1						

Tabela das Categorias identificadas nas respostas para o Aforismo “L”

“Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)

	Inveja	Camuflagem	Contemplação	Distorção	Menosprezo	Sabedoria	Incapacitação	Desambição	Alheio	Experiência										
L1	IT						AC		IT											
L2	IT	IT																		
L3	IT	IT	IT																	
L4	IT								IT											
L5	IT	IT	IT						IT											
L6									IT											
L7	IT		IT	IT																
L8	IT		IT	IT																
L9	IT		IT						IT											
L10						SI		SI		SI										
L11	IT	IT	IT																	
L12	IT	IT	IT																	
L13	IT		IT	IT																
L14	IT								IT											
L15	IT					AC														
L16			IT						IT											
L17	IT		IT	IT																
L18		IT																		
L19	IT		IT	IT																
L20	IT		IT						IT											
	16	6	12	5	1	1	1	1	8	1										

Tabela das Categorias identificadas nas respostas para o Aforismo “M”
“Não é propriamente a mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p. 139)

	Pequenez Humana	Grandeza do Universo	Perspectiva	Reconhecimento	Relatividade	Ilusão	Problemas	Evolução	Materialismo	Valor	Mar	Fuga ao controle								
L1	IT	IT	IT			IT	AC	SI	SI		IT									
L2	IT	IT	IT	IT																
L3		IT			IT					IT										
L4					IT															
L5		IT	IT		IT					IT										
L6	IT	IT		IT		IT														
L7		IT	IT		IT					IT										
L8	IT			IT			AC					AC								
L9	IT	IT			IT	IT														
L10	IT	IT		IT							AC									
L11	IT				IT						AC									
L12			IT		IT															
L13	IT			IT							AC									
L14	IT	IT			IT															
L15			IT		IT															
L16	IT	IT				IT														
L17		IT								IT										
L18	IT																			
L19	IT	IT		IT																
L20	IT		IT	IT								AC								
	13	12	7	7	9	4	2	1	1	4	4	2								

Tabela das Categorias identificadas nas respostas para o Aforismo “N”

“O gozo do Poder é entremeado de cólicas” (p. 177)

	Poder	Revés	Vantagem	Mescla	Efemeridade	Integridade	Incorreção	Excesso	Relativização	Insatisfação	Vassalagem	Modificação	Exploração	Desvelamento						
L1	IT	IT	IT		SI	SI	SI													
L2	IT	IT																		
L3	IT	IT	IT																	
L4	IT	IT	IT																	
L5	IT	IT		IT				SI												
L6	IT	IT	IT	IT																
L7	IT	IT	IT						SI											
L8	IT	IT	IT																	
L9	IT	IT	IT																	
L10	IT	IT								SI	SI									
L11	IT	IT	IT	IT																
L12																				
L13	IT	IT	IT	IT																
L14	IT											SI	AC							
L15	IT	IT	IT	IT																
L16	IT	IT																		
L17	IT	IT																		
L18		IT																		
L19	IT	IT	IT	IT																
L20	IT	IT		IT										AC						
	18	18	11	7	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1						

**Tabela das Categorias identificadas nas respostas para o Aforismo “O”
 “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)**

	Político	Ardisidade	Constrangimento	Proveito Próprio	Habilidade	Degradação	Expectativa	Improbabilidade	Contaminação	Hipocrisia	Sobrevivência									
L1		IT		IT																
L2	IT	IT		IT																
L3	IT	IT					AC													
L4	IT				IT			IT												
L5	IT	IT		IT		IT														
L6																				
L7	IT	IT		IT				IT												
L8	IT	IT		IT																
L9	IT	IT		IT		IT														
L10	IT	IT	AC																	
L11	IT	IT		IT				IT												
L12																				
L13	IT	IT			IT															
L14		IT																		
L15										AC										
L16	IT				IT						AC									
L17	IT																			
L18				IT		IT														
L19	IT				IT				SI											
L20			AC																	
	13	11	2	8	4	3	1	3	1	1	1									

Tabela das Categorias identificadas nas respostas para o Aforismo “P”
“A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)

	Facilidade	Obstáculo	Valor	Liberdade	Ineficácia	Esforço/Inércia	Sucesso	Introspecção	Trajectoria	Decisão	Indesejado									
L1	IT							AC		AC										
L2		IT	IT	AC																
L3	IT										AC									
L4									AC											
L5		IT				IT	IT													
L6		IT	IT																	
L7		IT					IT													
L8	IT					IT														
L9	IT					IT														
L10		IT					IT													
L11		IT	IT																	
L12			IT			IT	IT													
L13		IT		AC																
L14		IT						AC												
L15					AC															
L16	IT		IT																	
L17		IT	IT				IT													
L18	IT																			
L19		IT	IT			IT	IT													
L20										AC										
	6	10	7	2	1	5	6	2	1	2	1									

Tabela das Categorias identificadas nas respostas para o Aforismo “Q”
“Prazer dividido é as vezes é prazer solitário a dois” (p. 183)

	Companhia	Coletividade	Solidão	Individualismo	Prazer	Individualidade	Frustração	Desfavorecimento	Contradição	Amante	Afinidade	Intercâmbio								
L1		IT	IT	IT	AC															
L2	IT		IT	IT																
L3						IT		AC												
L4	IT		IT						AC											
L5	IT			IT						AC										
L6					AC							AC								
L7		IT			AC	IT														
L8				IT																
L9	IT			IT																
L10	IT			IT			AC													
L11	IT		IT		AC	IT														
L12																				
L13	IT				AC															
L14	IT		IT									AC								
L15		IT			AC	IT														
L16	IT	IT									AC									
L17	IT	IT									AC									
L18			IT																	
L19	IT				AC															
L20																				
	11	5	6	6	7	4	1	1	1	1	2	2								

Tabela das Categorias identificadas nas respostas para o Aforismo “R” “O professor tem o direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)																	
	Vanguardismo	Imaturidade aprendiz	Atemporalidade ensino	Efemeridade Curricular	Imperfeição docente	Relatividade pessoal	Objeção discente										
L1		IT				AC											
L2				IT													
L3							SI										
L4	IT		IT														
L5				IT													
L6		IT	IT	IT													
L7	IT																
L8				IT		AC											
L9		IT	IT														
L10					SI												
L11	IT			IT													
L12																	
L13			IT														
L14		IT															
L15			IT														
L16	IT		IT														
L17			IT	IT													
L18	IT																
L19	IT		IT														
L20		IT	IT	IT													
	6	5	9	7	1	2	1										

**Tabela das Categorias identificadas nas respostas para o Aforismo “S”
 “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)**

	Natureza	Relações Humanas	Importância	Funcionalidade	Hierarquia	Igualdade	Arrogância	Aprendizado	Aparência	Liderança	Organização	Nocividade	Coabitante	Dependência						
L1	IT	IT	IT	IT	IT		AC	AC		AC	AC									
L2				IT																
L3		IT			IT															
L4									IT											
L5	IT					IT														
L6	IT								IT			SI								
L7						IT							AC							
L8	IT	IT		IT	IT	IT														
L9			IT	IT		IT			IT											
L10	IT		IT	IT																
L11			IT	IT					IT											
L12		IT			IT															
L13			IT			IT														
L14			IT	IT	IT									AC						
L15					IT															
L16		IT	IT	IT										AC						
L17						IT														
L18	IT																			
L19	IT					IT														
L20	IT		IT	IT		IT														
	8	5	8	9	6	8	1	1	4	1	1	1	1	2						

7.2 Apêndice B

Seguem as respostas dos 20 (vinte) interpretantes na ordem de sua numeração usual na tese.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS

Interpretante 1

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d'água” (p. 8)
Entendo que as adversidades existem, mas o tamanho que nós damos as elas é que vai determinar os resultados. Costumeiramente damos uma dimensão aos problemas que muitas vezes são mais simples do que imaginamos. Tudo também é muito relativo, o que é simples para um pode não ser para o outro, vai depender do momento, da situação.
- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)
Infelizmente, o valor da verdadeira amizade nos dias de hoje, na era tecnológica e da informação, vem se perdendo. As pessoas estão mais ocupadas em si mesmas, num universo virtual solitário e egoísta. Ninguém tem tempo para o outro na vida real, sem falar de uma palavra chamada lealdade – esta já foi abolida há muito tempo. São raras as pessoas em quem você pode confiar, contar. O imediatismo tem falado alto na vida das pessoas, o materialismo exacerbado tem tomado conta das relações humanas. Nos últimos tempos percebe-se que a amizade está pautada no TER MAIS e não no SER MAIS. E cada um joga/aposta suas fichas de acordo com os seus interesses. A ideia de amizade tem se fragilizado nesse contexto capitalista e globalizado.
- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)
Nem tudo nessa vida são flores. Há os tropeços, os desalinhos, as decepções e obstáculos. O amor tem suas nuances, e dependendo das nossas ações ele ganha destaque seja para o bem ou para o mal. Traz consequências ora inevitáveis com atitudes maniqueístas. Tudo vai depender do estado de espírito de ambos os lados: o conquistador e o conquistado. A palavra “passar” traz um tom bastante simbólico: que se passe na vida do outro sem deixar sentido, ou que o amor em toda a sua essência e virtude é capaz de traspasar barreiras e sentimentos egoístas em função de um sentimento altruísta e revelador.
- d) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)
Não adianta ficar remoendo o que passou, ficar vivendo de passado, pois tudo tem uma razão de ser ou para acontecer. E tudo nessa vida é efêmero e não vale a pena ficar preso às coisas que são inúteis, que lhe causam retrocesso e aniquilamento da alma. O tempo é o senhor que cura todas as mazelas sentimentais, nada como um dia após o outro. E como diz o velho ditado “Melhor arrepender-se do que fez e não do que não fez”. O interessante é que tudo passa nessa vida e não adianta ficar com rancores e ressentimentos no coração, pois o arrependimento perdura em nossas vidas até o momento em que o alimentamos.
- e) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)
“Não são as respostas que movem o mundo, são as perguntas.” As dúvidas existem para que nos aproximemos daquilo que gostaríamos de ouvir, sentir como verdade. Delas geram

um fruto chamado ESPERANÇA e mesmo que dentro de nós esse jardim não seja regado, há uma força muito maior que nos impulsiona a olhar sempre para frente: a essa força damos o nome de lei da atração, do pensamento positivo. As dúvidas permitem que os nossos jardins do conhecimento e a das vivências sejam construídos e desconstruídos continuamente, para que o aprendizado aconteça junto com o amadurecimento, elas são necessárias para o nosso crescimento enquanto ser humano. Não é fácil pois é uma tarefa que precisa de uma troca mútua e de muito discernimento.

- f) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)
Precisamos ser elegantes no trato com as pessoas, com o mundo e não especificamente com as coisas. Existem pessoas ainda muito vazias que estão presas à futilidade e modismo. Ficam sempre no mesmo lugar, presas ao comodismo e a frivolidades. Reporto-me a esses belíssimos dizeres “Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”.
- g) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)
Percebe-se um jogo de culpabilidade e ao mesmo tempo de derrota. Geralmente as pessoas que não conseguem realizar seus objetivos costumam jogar toda a sua ira nos outros como se estes fossem culpados da sua frustração e descontentamento. Ao mesmo tempo que se julgam superiores aos outros se colocam numa escala de fraqueza e pessimismo. Vivem numa verdadeira antítese e contradição.
- h) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)
A vida é composta de muito mistério! Nem sempre encontramos respostas para todas as perguntas, somos banhados por inquietações e crises existenciais! Somos guiados por nossas crenças as quais tomamos como verdade. O nosso livre-arbítrio nos permite tomar decisões por conta própria. Portanto, nossa vida não é controlada pelo destino, mas por nossas escolhas. Nada é por acaso, tudo tem uma razão de ser. Por mais incrédulo que sejamos há uma força muito maior que movimenta o nosso ciclo vital: Deus.
- i) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)
Parece hoje que vivemos a inversão de valores. Hoje os filhos é que ditam as regras, que impõem a forma como devem se portar, agir diante dos acontecimentos da vida. Por outro lado, há formas permissivas em que os pais comentem com seus filhos que acabam fragilizando a educação dadas pelos pais a eles. A superproteção é uma forma preocupante diante dessa relação familiar, e o excesso de dominação dos filhos na mentalidade dos pais tornou-se um problema nos dias atuais. Há pais que fazem tudo o que seus filhos querem sem lhes impor limites e obrigações.
- j) “A estátua faz o herói” (p. 101)
São as boas ações que dignificam o homem. Todas as conquistas, os feitos em prol da humanidade, do bem comum nos tornam heróis. Não sejamos “estátuas” de contemplação, de um mito, mas exemplos bons que devem ser seguidos e cultuados de forma racional e

equilibrada, sem qualquer tipo de fanatismo ou idolatria, contudo sejam vistas como um símbolo de luta. Como diz um pensador “Não se mede o valor de um homem pela sua estatura, mas pelo seu interior, suas ideias, maneira de agir, maneira de convivência.

k) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)

Com certeza o amadurecimento e crescimento nos fazem pessoas melhores pois eles chegam até a nós por meio da dor, do sofrimento. Como diz um pensamento filosófico “Tudo o que acontece de ruim em nossa vida é para melhorar. “Todo o homem que sabe perdoar, que busca promover atitudes altruístas é que capaz de vencer as tempestades, de transformar as pedras que lhe são atiradas em novas oportunidades de convivência relevando todas as mágoas e ressentimentos, colocando-os no campo do esquecimento, pois a partir dessas experiências passa a agir com sabedoria e complacência.

l) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)

Estamos rodeados de pessoas mesquinhas e oportunistas que se corroem com o sucesso, com o brilho do próximo. Na verdade, são considerados admiradores vesgos porque reconhecem que o outro dispõe de inteligência e capacidade de vencer na vida, que tem potencial de sobra para conquistar o que desejam ao contrário deles que vivem/sobrevivem à sombra do outro reconhecendo (intimamente) a sua inferioridade e fraqueza diante dos bons e vitoriosos.

m) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)

Infelizmente ainda carregamos dentro de nós sentimentos mesquinhos, pequenos e individualistas diante da grandeza das coisas de Deus. Ainda precisamos melhorar enquanto pessoas, precisamos nos evoluir porque ainda estamos ligados às coisas terrenas, ao materialismo exacerbado, com atitudes insignificantes e vazias que não agregam valores, que nos tornam seres limitados e diminutos. Muitas vezes o ser humano não consegue resolver os seus problemas por se considerar autossuficiente diante dos fatos, daí a sua pequenez diante desse” imenso mar” ou desse “mar imenso.”

n) “O gozo do Poder é entremeado de cólicas” (p. 177)

Uma provocação sábia: “Quer saber quem é essa pessoa? Dê a ela o Poder. “O poder/ autoridade não é algo estático, é passageiro. E homem de bem que se preze não se deixa corromper pelos males do Poder. Ele pode lhe dar status, vida financeira estável, permite gozar de todos os direitos e as prerrogativas da sua função, mas uma vez tendo sua dignidade e honradez corrompidas elas jamais voltarão ao seu tamanho original. Todos que vivem no poder estão entremeados por maledicências, corrupção imoralidades, enriquecimento ilícito, nepotismo e abuso de poder. Em outras palavras, são “obrigados” a fazer parte desse jogo de influência e coação de forma inconsequente e insana. Tudo tem o seu preço e o seu gosto amargo de ser, como diria Drummond “o avesso das coisas.”

o) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)

Por meio de manobras, tráfico de influências e péssimos exemplos conseguem corromper de sobremaneira a mentalidade humana. Eles pouco estão se preocupando com o bem-estar coletivo, apenas criam situações que lhes favoreçam por meio de troca de favores. Tudo

gira em torno do jogo da conveniência e dos benefícios próprios. Na corrida pelo Poder todas as cartas são válidas, essa é a moral da história.

p) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)

Precisamos ser comedidos e cautelosos em certos momentos da nossa vida. Às vezes é necessário “fechamos para balanço” para irmos de encontro com as nossas concepções de vida e de mundo. É preciso o momento da recolha, da busca interior para tomada de decisão. A opinião alheia é válida mas ouvir a consciência interior, retroceder de vez em quando, buscar momentos introspectivos são necessários. A vida é cheia de portas, todavia se não houver discernimento em suas escolhas todas elas poderão ser emboscadas /armadilhas da frustração e do retrocesso.

q) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)

Já dizia Renato Russo “É solitário andar por entre a gente”. Quantas vezes nos vemos rodeado de pessoas e nos sentimos sozinhos? Nem sempre as pessoas estão abertas para compartilhar sonhos, desejos, alegrias ou até mesmo não estão preparadas para lidar com esses sentimentos. As relações humanas estão cada vez mais fragmentadas e fragilizadas, cada um por si e Deus por todos. Cada um lutando por seus interesses e tem muito pouco tempo para ouvir, dividir emoções e aprendizado com o outro. Muitos estão alheios a um relacionamento saudável e resiliente. Numa sociedade do capitalismo selvagem as pessoas têm sacrificado o seu tempo com coisas voltadas para o trabalho e para a Internet das coisas. Tudo hoje gira em torno da praticidade e do mundo virtual. Ninguém tem tempo real para a família, os amigos, amores ou ninguém mais se preocupa em fomentar situações reais e significativas que potencializem as relações interpessoais, estão sempre numa redoma permeada pela solidão e vertigem, desencadeando assim o tão famoso mal do século: o estresse e a depressão.

r) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)

Tudo na vida é muito relativo. O que é certo para mim pode não ser para você. A intenção do professor é acertar sempre. Sem sombra de dúvida, todo o ensinamento passado, por mais que seja questionado/discordado por outrem, ele sempre deixará uma carga positiva de aprendizado. Geralmente, todo ensinamento que nos é passado pode não ter resultado imediato, mas com certeza, no futuro ele sempre será recorrido ou desempenhará o seu papel. Dizem que os melhores ensinamentos são aqueles em que nós ressignificamos e fazemos uso dele no momento mais oportuno de nossas vidas. Não existe saber certo ou errado, existem dicotomias a serem respeitadas na relação entre o ensinar e o aprender.

s) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)

Todos os elementos que compõem a natureza têm a sua importância, a sua grandeza. Não importa em que escala de valor, nível estejam! Cada um desempenha um papel importante à sua volta. Cada um contribui para a evolução/crescimento no universo em que está inserido. Nas relações humanas percebe-se uma preocupação em ser melhor que os outros, uma falta de humildade, de simplicidade nas coisas. Lógico que a hierarquia em alguns setores da nossa vida é importante, mas não se deve colocar isso como suprassumo da situação, o ideal é que esta hierarquia seja direcionada da melhor forma possível sem

arrogância, petulância, autoritarismo, enfim. O dia em que nos colocarmos na posição de aprendizes com certeza teremos dias melhores e mais ensolarados na condição de líderes.

t) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)

Nem todos aceitam a idade que têm esquecendo-se que nem sempre a quantidade dos anos é que prevalece. Nota-se que quando se tem qualidade de vida, o peso da idade seria um dos últimos pontos da zona de (des)conforto do indivíduo. Quando se tem um espírito jovem, quando se leva a vida com mais leveza e inteireza, sem se preocupar com as frivolidades da vida, com certeza o peso da idade não é um encalço. A juventude está para quem busca a paz de espírito, vitalidade e qualidade de vida. Há uma diferença em ser velho e ser idoso. Para o Velho o tempo passou, as rugas são marcas permanentes, a vida fica mórbida e sem graça, perdeu a jovialidade de espírito e vive uma vida sem sair do lugar, o idoso por sua vez tem esperança, vive e dribla os desafios, vive com produtividade, que se renova a cada dia, tem seus olhos voltados para o horizonte, para o futuro! A melhor idade é o resultado de uma vida inteira de equilíbrio, rejuvenescida pela paz interior e o prazer dos dias contados como prova do sabor da verdadeira juventude.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

Interpretante 2

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d'água” (p. 8)
Muitas vezes complicamos demais as coisas, tentando buscar razão onde não tem. Devemos buscar a simplicidade, como um copo d'água, que sem muito esforço, sacia...
- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)
Às vezes, aqueles que acreditamos ser amigos, que podemos contar com a solidariedade e cumplicidade nos decepcionam.
- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)
O amor nos ajuda a permitir todas as sensações inclusive abertura do coração para receber “o outro”
- d) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)
O tempo é o senhor de todas as coisas
- e) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)
Muitas vezes o problema e a incerteza estão, única e exclusivamente dentro de nós mesmos.
- f) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)
A elegância vem de dentro e não do é comum usar (vestir) por um período de tempo. Não é preciso seguir a moda para ser elegante.
- g) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)
Nossa! Não me senti a vontade para opinar!
- h) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)
O que existe, é!
- i) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)
Os pais por não saberem exercer a autoridade necessária para educar, acabam “permitindo” os quereres dos filhos, que sem maturidade, acabam dominando muitas situações em que os pais deveriam se impor.
- j) “A estátua faz o herói” (p. 101)
A estátua eterniza “grandes feitos”. Nem sempre o homenageado é merecedor.
- k) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)
A experiência de vida é o resultado de tudo que vivemos, ou não!

- l) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)
Discordo do autor. Há invejosos sim, vesgos ou não! Aqueles que disfarçam, camuflam o sentimento e outros que o deixam exposto.
- m) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)
Consciência da nossa pequenez ante o universo. Humildade.
- n) “O gozo do Poder é entremeado de cólicas” (p. 177)
Exercer o poder tem seu preço. Muitas vezes dói e machuca.
- o) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)
Alguns políticos andam de modo sorrateiro para burlar a lei e enganar o povo em benefício próprio.
- p) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)
É preciso ter limite para valorizar e saber usar a liberdade!
- q) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)
As vezes as pessoas insistem numa relação para a satisfação do ego e das normas sociais, mesmo sentindo-se sozinha estando “acompanhada”.
- r) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)
A efemeridade das coisas. Com o tempo, alguns conteúdos já não são passíveis de tanta veracidade. O tempo possibilita mudanças, possibilita repensar, atualizar...
- s) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)
Tanto o pequeno quanto o grande têm a sua porção de fazer bem e fazer mal.
- t) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)
A idade está dentro de nós. Uma cabeça de espírito jovem, convive melhor com as mazelas que advêm com a velhice.

**FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS**

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

Interpretante 3

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d'água” (p. 8)
Enxergamos/ enfrentamos os problemas de forma mais tranquila/calma quando tomamos água ou enquanto fazemos algo que apreciamos.
- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)
Alguns amigos não são tão confiáveis quanto pode parecer.
- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)
Ser amante não implica em formar laços ou estar conectado um ao outro.
- d) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)
O arrependimento é frágil e se esgota com o passar do tempo.
- e) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)
A dúvida é aquilo que não conhecemos.
- f) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)
Nem sempre a moda reflete aquilo com o qual nos identificamos.
- g) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)
Estar acima de todos nem sempre é vantajoso.
- h) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)
A existência (das pessoas e das coisas) é algo incerto.
- i) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)
Os pais não têm total controle na educação dos seus filhos.
- j) “A estátua faz o herói” (p. 101)
A estátua legitima os heróis e seus feitos
- k) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)
O valor do homem está no perdão, em não guardar mágoas.
- l) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)
Admiradores vesgos são invejosos que não transparecem sê-lo.
- m) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)

O tamanho das coisas depende do valor que damos a elas.

- n) “O gozo do Poder é entremeadado de cólicas” (p. 177)
O poder não traz apenas vantagens
- o) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)
Políticos praticam ações que não são, necessariamente, adequadas ao papel que deveriam desempenhar.
- p) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)
Caminhos livres nem sempre conduzem ao lugar aonde queremos chegar.
- q) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)
Às vezes não vale a pena dividir.
- r) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)
As coisas que o professor ensina são questionáveis e podem ser questionadas
- s) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)
A hierarquia é invenção dos homens para os homens.
- t) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)
Continuamos pensando como jovens, mesmo ao envelhecer.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

Interpretante 4

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d'água” (p. 8)
Ambígua:
O minimalismo de um copo d'água faz as coisas se tornarem igualmente simples. Ou: Mesmo o evento mais sofisticado pode ficar simplório se se serve um copo d'água.
- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)
Aparente contradição:
Há pessoas colocadas no rol de “amigos” que não se comportam completamente como se espera que pessoas amigas se comportem. Ou: Certos amigos são, na verdade, inimigos.
- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)
Aparente contradição:
O amor exige o impossível do amante. Ou: O amor não quer ser encontrado.
- d) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)
Aparente contradição: O tempo diminui a intensidade até do mais forte dos sentimentos.
- e) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)
Aparente contradição: Duvidamos de coisas que não nos dizem respeito.
- f) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)
Aparente contradição: A elegância é o oposto do modismo.
- g) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)
Para mim é sem sentido...
- h) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)
Para mim é sem sentido...
- i) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)
Os pais também são influenciados pelos filhos.
- j) “A estátua faz o herói” (p. 101)
É a homenagem que constrói o mito.
- k) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)
A capacidade de sofrer e esquecer é que valoriza o homem.

- l) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)
Os invejosos querem ser o que imaginam que não são.
- m) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)
Tudo é relativo...
- n) “O gozo do Poder é entremeado de cólicas” (p. 177)
Não há poder feito só de regozijo.
- o) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)
Certos políticos sabem fazer até o que parecer ser impossível a todos os demais homens.
- p) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)
O que conduz não é a passagem, mas sim o caminho.
- q) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)
Aparente contradição: Estar com alguém não significa não sofrer de solidão.
- r) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)
O professor pode ensinar coisas que só o tempo mostrará que são certas.
- s) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)
Tamanho não é documento.
- t) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)
A juventude está no espírito.

**FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS**

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

Interpretante 5

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d'água” (p. 8)

A composição do universo e a humana nos faz pensar em sua complexidade, visto que tudo ao nosso redor a contém. Daí as outras coisas se tornarem mais simples.

- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)

A falsidade nos relacionamentos entre amigos tem se tornado tão frequente que a própria noção de amizade fica fragilizada.

- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)

O amor para muitos é a perda da racionalidade, não escolhe pela razão, mas pela emoção e isso às vezes pode nos prejudicar.

- d) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)

Das várias coisas que podem perder o sentido ou a graça durante nossa vida, o arrependimento é uma delas. O “até” indica o inesperado, portanto, não seria comum que o arrependimento perdesse seu sentido ou motivação, mas com o passar do tempo é esmaecido talvez pelo seu esquecimento e possamos incorrer no mesmo erro de novo.

- e) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)

Nossas dúvidas o são assim consideradas exatamente por não engendrar conhecimento, logo é algo que não possuímos, mas desejamos.

- f) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)

A moda é passageira e nem sempre se baseia na elegância que independe de modas furtivas, cujos modelos às vezes vão na contramão dessa elegância.

- g) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)

O enforcado fica suspenso.

- h) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)

A linha entre o real e o imaginário é tênue.

- i) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)

Na atualidade é bem verdade que aos pais são impostas as vontades dos filhos e isso tem feito com que aqueles façam coisas que não se imaginariam fazendo antes dos filhos.

- j) “A estátua faz o herói” (p. 101)
Algum fato ou alguém só permanece se for lembrado.
- k) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)
O caráter humano é moldado a partir de suas experiências e a capacidade de lidar com as experiências ruins muito revela sobre o tipo de pessoa que se tornará.
- l) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)
A inveja é uma forma de obscurecer e negar a verdadeira admiração do sujeito pelo alheio.
- m) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)

A nossa perspectiva acerca do mundo depende do ponto de onde olhamos as coisas. Às vezes superestimamos algo quando na verdade nosso modo de vermos a nós mesmos é medíocre.
- n) “O gozo do Poder é entremeado de cólicas” (p. 177)
Mesmo que o indivíduo seja poderoso, toda a busca excessiva traz consigo circunstâncias penosas. Há sempre um preço a se pagar.
- o) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)

Para se conseguir atingir determinados interesses o meio utilizado pelos políticos é a subserviência aos mais poderosos, mesmo que isso custe seu amor próprio ou suas convicções.
- p) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)

As melhores oportunidades da vida não nos são oferecidas facilmente, pelo contrário, requer de nós grande esforço para alcançá-las.
- q) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)
Nem sempre o casal está em sintonia e não raro, isso pode acontecer quando se pensa em outra pessoa.
- r) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)

A noção de erro não se baseia em algo comprovado, e por isso depende de vários fatores, pois até a ciência não é uma verdade universal, logo, o que é válido hoje pode ser questionado amanhã.
- s) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)
Entre os seres independente da condição social, somos todos iguais em essência.

- t) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)
A idade traz consigo responsabilidades das quais não podemos nós eximir.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS

Interpretante 6

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d'água” (p. 8)
Simplicidade é poder reconhecer em cenas cotidianas o indispensável.
- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)
Há amigos que nos fazem alargar o sentimento da própria amizade.
- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)
Só o amor pode conviver pacificamente com a liberdade.
- d) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)
Arrependimento sem perdão é tristeza duradoura.
- e) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)
Nossas verdades absolutas não permitem o nascimento de novas flores.
- f) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)
Sentir-se bem combina sempre com qualquer sapato.
- g) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)
A morte realiza os maiores sonhos de grandeza.
- h) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)
Existir é uma espécie de contraste da imaginação.
- i) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)
Na família temos desencontros de gerações.
- j) “A estátua faz o herói” (p. 101)
Muitas vezes a história fixa versões gloriosas de personagens medíocres.
- k) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)
O valor de cada ser humano consiste em ser humano.
- l) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)
Pior é não enxergar as qualidades alheias.
- m) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)
A existência humana nos ilude com um sonho de grandeza, a natureza nos acorda desse

sonho todos os dias.

- n) “O gozo do Poder é entremeadado de cólicas” (p. 177)
O poder é mais grave experiência de ambiguidade.
- o) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)
E depois disso, começaram a rastejar habilmente pelos submundos.
- p) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)
Não reconhecemos os caminhos quando não há obstáculos.
- q) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)
Satisfaço e por isso sou satisfeito.
- r) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)
Tanto o conhecimento quanto a aprendizagem são feitos de idas e vindas.
- s) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)
Não devemos nos iludir com a aparência pacífica da natureza, ervas daninhas não são flores.
- t) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)
Comecei a envelhecer no meu primeiro dia de vida.

**FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS**

Interpretante 7

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d'água” (p. 8)
Quando há transparência, a verdade é mais acessível.

- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)

Os comportamentos, muitas vezes inadequados, das pessoas deturpam os valores que devem permear as relações amistosas.

- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)

Quem se aventura a experimentar o que é esse sentimento, possivelmente, terá (ou não) (desagradáveis) surpresas. O amor, ou melhor, amar é uma armadilha.

- d) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)
Tudo passa!

- e) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)
Somos representações e ecos de uma sociedade, e até o que achamos ser nosso, não é.

- f) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)

Tendências, homogeneizações, ditames passam longe do que é ser elegante, pois a essência da elegância é a autenticidade, é ser único.

- g) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)
Ainda que sob o jugo da imobilidade, é de cima que o enforcado nos vê.

- h) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)
É preciso beber de várias fontes para pautar-se, apoiar-se, pois toda inspiração carece do mergulho no impalpável, muitas vezes. A lucidez pode ser relativa. Não nos sustentaríamos apenas com o que existe. É preciso várias doses de inexistência para existir.

- i) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)

O não saber o que fazer, em várias situações novas a que os pais são expostos, deixam fluidos os limites entre o que é possível e adequado para os filhos. Assim, podemos errar no simples desejo de querer acertar.

j) “A estátua faz o herói” (p. 101)
É a clara representação da inversão das ordens. Geralmente, a essência é esquecida em detrimento da aparência.

k) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)

Somos um todo do que vivemos: o sofrimento agrega experiência e o esquecimento a sabedoria. E é dessa forma que o homem irá se constituindo, pelas ações que praticar.

l) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)
Quem inveja é porque observa, acompanha; porém com algum grau de comprometimento, distúrbio/distorção valorativa.

m) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)

O ponto de vista pode determinar a forma como enxergamos um determinado elemento/fato.

n) “O gozo do Poder é entremeado de cólicas” (p. 177)
Não há prazer absoluto, nem mesmo no Poder, pois em tudo haverá doses de possíveis desconfortos.

o) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)

Alguns políticos conseguem desenvolver determinadas habilidades aparentemente difíceis ou até impossíveis, a fim de alcançar o que desejam. Desenvolvem manobras e/ou quaisquer outras ações que possibilitem se beneficiar.

p) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)
Engana-se quem acredita que em aparentes benefícios conseguirão resultados/oportunidades.

q) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)

O sentir sempre será um ato individual e intransferível, ainda que outras pessoas experimentem e compartilhem do mesmo prazer, ele nunca será o mesmo para todos.

r) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)
O professor deve ser um visionário.

s) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)
Ambas precisam do mesmo solo para viver, assim estão no mesmo patamar.

t) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)
Acredita-se que na juventude a vida é encarada com mais leveza e tranquilidade e esses

elementos são muito relevantes para saber lidar com a carga, sabores e dissabores que experimentamos com passar dos anos.

**FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS**

Interpretante 8

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d'água” (p. 8)
A imagem da água que vem à mente é límpida, o que leva ao pensamento de que tudo se torna mais claro, daí a simplicidade em visualizar uma situação.
- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)
O comprometimento pode ser causado pela falsidade, pois amizade remete à ideia de lealdade e a falta de lealdade leva ao seu comprometimento.
- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)
O amor é posto como elemento que leva a pessoa a aventurar-se, o andar por terrenos que a pessoa sabe que é perigoso, mas motivado pelo amor, esta continua caminhando.
- d) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)

O tempo se apresenta como um elemento de esquecimento, em que uma atitude antes percebida como inadequada, pode voltar a se repetir, uma vez que o tempo encarrega-se de levá-la da mente.
- e) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)
A solução de nossos problemas não está efetivamente sob nosso controle, nos causa admiração, inspiração e por vezes dor com seus espinhos, mas de fato essas dúvidas não são só nossas.
- f) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)
Está presente a ideia do estilo individual, o não seguir uma tendência por razão de um grupo indicar.
- g) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)
A noção de egoísmo, de ver-se como centro do universo.
- h) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)
Penso na ideia do infinito, como algo desconhecido que se torna finito a partir do o conhecimento surge.
- i) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)

Algumas condutas que, antes da maternidade/paternidade chegar, são veementemente criticadas, em alguns casos, são esquecidas mais fácil do que sequer imaginado. O mundo

de mais sim do que não que alguns pais apresentam por seus filhos, contrariando a ideia de que os filhos tornam os indivíduos pessoas melhores.

- j) “A estátua faz o herói” (p. 101)
A ideia de que os heróis são construídos por outros e não por si e a história sempre é contada por outrem.
- k) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)
A ideia cristã de superação, de perdão.
- l) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)
O invejoso é aquele que quer estar no lugar do alvo de sua inveja, daí a admiração, porém viciada por não ser sadia.
- m) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)
A sensação de impotência diante de problemas que fogem ao nosso controle.
- n) “O gozo do Poder é entremeado de cólicas” (p. 177)
O preço de exercer um domínio, a ideia, também cristã, de quanto mais lhe é dado, mais será cobrado.
- o) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)
A baixeza na conduta dos políticos, o ciscar atrás de migalhas que “de grão em grão” lhe enche o papo.
- p) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)
A carência de obstáculos que não instiga o indivíduo a caminhar, a novos rumos. A facilidade que leva à inércia.
- q) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)
A visão ocidental do prazer para si. O pensar em suas necessidades e ver no outro apenas um meio de conseguir saciá-las.
- r) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)

A defesa de teorias que se contrapõem a um sistema e que, mais tarde, pode ser vista como válida. Está ligada ao conceito de verdade como a forma de cada um ver um evento, fazendo o mundo ter várias verdades para um mesmo evento.
- s) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)

A natureza não separa os indivíduos de uma mesma classe em melhores e piores, cada um exerce uma função no sistema, diferentemente das relações humanas em que dividir em escalas sobrepondo os indivíduos é necessária para uns mandar e outros obedecer.

t) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)

A ideia da dificuldade em perceber-se ao final de um ciclo, a aceitar a fragilidade da perda de força e de ver-se sendo superados por outros.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS

Interpretante 9

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d'água” (p. 8)
Resposta: A água é um dos elementos mais “simples”, mas ao mesmo tempo essencial à sobrevivência dos seres vivos, mostrando que as grandes coisas e/ou problemas da vida muitas vezes podem ser resolvidas a partir de atos de simplicidade.
- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)
Resposta: Certas pessoas se fazem de amigos, mas na realidade se aproxima da outra por interesse em alguma coisa, está próxima em momentos bons, mas em um momento de necessidade pouco se importa com o “amigo”, podendo até mesmo, em certos momentos, fazer algo para prejudicá-lo, sem se importar realmente com o outro como deve ser em uma verdadeira amizade.
- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)
Resposta: O verdadeiro amor não mede esforços e está disposto a tudo para ajudar e atender o outro.
- d) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)
Resposta: Tudo na vida é passageiro, e não existe problema ou situação que com o tempo não se resolva.
- e) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)
Resposta: Muitas vezes “alimentamos” coisas em nossa cabeça / imaginação que não existe, e faz daquilo uma verdade absoluta.
- f) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)
Resposta: O “modismo” segue tendências que muitas vezes atende uma situação momentânea, onde as pessoas são impulsionadas a segui-la independente se aquilo irá infringir o real significado de elegância e princípios que a pessoa trás.
- g) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)
Resposta: A pessoa que comete tal ato acha que tirando a própria vida pode solucionar os seus problemas e passar para uma situação melhor.
- h) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)
Resposta: Os sonhos são que impulsiona o ser humano na busca de concretização e realização. Ou seja, os seres humanos vivem de sonhos.
- i) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)

Resposta: Os pais fazem as vontades dos filhos, e isso pode refletir na educação dos mesmos, sobre os quais os pais não terão “domínio” depois.

j) “A estátua faz o herói” (p. 101)

Resposta: Na grande maioria das vezes as pessoas só recebem o reconhecimento daquilo o que fizeram quando não estão mais com vida, e a estátua seria uma forma de lembrar dos seus atos e torná-lo alguém “herói”.

k) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)

Resposta: Muitas vezes para conseguir alguma coisa ou alcançar algum status a pessoa tem que passar por momentos de dificuldade e vencer certas barreiras, e essas situações lhe proporcionam conhecimento e experiências para ser quem eles são.

l) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)

Resposta: A inveja faz a pessoas olhar para todos os lados, almejando aquilo que pertence à outras pessoas.

m) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)

Resposta: Os seres humanos são muito pequenos e “limitados”, embora acreditem que não, em relação à toda magnitude da natureza e de toda a criação de Deus.

n) “O gozo do Poder é entremeado de cólicas” (p. 177)

Resposta: Muitas pessoas têm “poder” e dinheiro, e aparentemente parecem ser bem sucedidas, mas na realidade podem ser pessoas infelizes, vazias e rodeadas de outras pessoas falsas e vivem almejando o mal para elas e só estão por perto para usufruir o que elas têm a oferecer.

o) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)

Resposta: Os políticos acostumam com o meio, e começam a viver de mentiras, falcatruas, má fé e sempre querendo tirar proveito das coisas ou pessoas.

p) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)

Resposta: São os desafios que levam às conquistas mais sólidas, que geram conhecimento e experiências, pois aquilo que é muito fácil geralmente leva ao comodismo.

q) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)

Resposta: Muitas vezes a pessoa está ao lado da outra e não divide com ela os seus sonhos, não se anima com as conquistas do outro, não dão a devida atenção ao companheiro e pouco se importa com a felicidade e bem estar do outro.

r) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)

Resposta: Determinados princípios e valores que parecem ir de encontro com a realidade daquele momento da criança (estudante), mas que serão ou farão diferença no indivíduo que ele se tornará no futuro.

s) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)

Resposta: Cada um tem sua utilidade e/ou função, e por que um é maior ou aparece mais que o outro não significa que ele seja mais importante ou melhor.

t) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)

Resposta: A pessoa aceitar a condição ajudará em manter a autoestima, e conseqüentemente realizar determinadas coisas independentemente da idade, mantendo a “mente sempre jovem”.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS

Interpretante 10

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d'água” (p. 8)
A necessidade que temos de respirar e tomar um copo d'água antes de respondermos a qualquer questionamento, momento de refletir e pensar no que vamos falar.
- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)
Amigos que não são realmente amigos é melhor não tê-los a amizade tem que ser verdadeira e esta presente em vários momentos de nossa vida.
- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)

O amor a questão mais importante da vida deve ser cativado todos os dias as barreiras devem ser atravessadas para que esse amor realmente aconteça em toda a sua plenitude.
- d) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)
Tudo se modifica, fica diferente com o tempo, ele é o senhor dos destinos das mudanças e das transformações.
- e) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)

Nossas dúvidas nos acompanham por toda a nossa vida, não sujeitos em busca de respostas eternas devíamos viver muito mais intensamente a vida em vez de querermos respostas para as nossas dúvidas
- f) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)

A elegância penso eu esta na simplicidade da vida não acredito em pessoas que tem que estar acompanhando a moda a todo instante que não conseguem sair das coisas padronizadas e que não tem opinião própria.
- g) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)
Aquele que acredita ser melhor que o outro deve refletir e saber que na simplicidade da vida esta a essência do viver.
- h) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)
Para que algo exista é necessário que se torne inexistente para que possamos realmente valoriza-lo.
- i) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)

Acredito em uma relação direta e sincera entre pais e filhos e que pais filhos, mais que filhos também eduquem pais, uma relação de troca e de aprendizagem.

j) “A estátua faz o herói” (p. 101)

Os heróis são imortalizados através das estátuas criatividades dos homens que precisam desses heróis para imortalizar suas próprias vitórias.

k) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)

Esquecer o sofrimento e saber reinventar o viver talvez seja a coisa mais importante da vida

l) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)

Ter bons olhos e saber enxergar os caminhos apresentados na vida é questão de sabedoria, de experiência de vivências.

m) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)

O importante é compreender essa imensidão do mar e que cada um de nós é apenas um pequeno grão de área.

n) “O gozo do Poder é entremeado de cólicas” (p. 177)

Acredito realmente que se alegrar com o poder não é algo que satisfaça as pessoas, pois o poder significa domínio e dominar não deve ser prazeroso, pois tira a força e elimina a capacidade do outro reagir.

o) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)

A participação do homem na política quando não é bem feita pode ser motivo de chacotas e de ridicularização.

p) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)

Talvez o bom da vida é encontramos as portas fechadas, pois aí estão nossos desafios para encontrarmos saídas e aprender a abri-las.

q) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)

Acredito que sim principalmente quando o outro não corresponde as nossas expectativas.

r) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)

Acredito que o professor não é o dono da verdade e que sabe tudo, por isso também erra.

s) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)

Todas as duas tem sua importância, assim como todos os seres da natureza, sua importância esta no ato da ajudar a purificar o ar e a natureza.

t) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)

Vejo o peso da idade como resultado das experiências vividas e por isso ela deve ser respeitada, pois se formos eternamente jovens não poderíamos ter vivido todas as experiências que não levam a ser sujeitos mais sábios.

**FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS**

Interpretante 11

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d’água” (p. 8)

Um simples copo d’água, por sua natureza, tem o poder de também simplificar ou reduzir a intensidade de eventuais problemas.

- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)

As amizades baseadas em interesses que não comungam de ideais comuns não se configuram como verdadeiras.

- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)

O amor é uma armadilha. Mas ainda assim, é amor. E não há explicações lógicas para entendê-lo. Nesse caso, ser feliz e ser triste são complementações um do outro.

- d) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)

O tempo é o senhor de tudo.

- e) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)

Vemos as dúvidas como algo que deva ser mantido em nossas vidas. Por acreditarmos que elas sejam essenciais à vida.

- f) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)

A moda é o fingimento de uma suposta elegância.

- g) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)

O enforcado aspira a reinar sobre todos

- h) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)

O palpável se alimenta do que é intangível. Ex. as nossas ações se baseiam em discursos fundados em inferências não em fatos.

- i) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)

Os filhos desconstroem a ideia de educação trazida pelos pais. Acabam por transformar os discursos dos pais em práticas que se opõem ao que eles (os pais) acreditam.

j) “A estátua faz o herói” (p. 101)

Mais vale uma exibição pública do que os feitos de um indivíduo. A estátua tem um poder simbólico muito maior do que a biografia de um sujeito, por exemplo.

k) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)

O homem usa a sua história de vida para se promover. Mas se esquece dela quando lhe for conveniente.

l) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)

Os invejosos nunca se assumem como tal, por isso é mais fácil traduzir-se como admiradores.

m) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)

Somos praticamente nada diante do que o mar representa. Perto dele, realmente, não somos quase nada.

n) “O gozo do Poder é entremeadado de cólicas” (p. 177)

O poder é prazer mas não é um prazer saudável. É mesclado com angústia e dor.

o) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)

Certos políticos se superam em sua baixaza, aprendem inclusive a se locomover em posição de aparente nulidade em nome dos seus ideais.

p) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)

A porta tem uma função. Se está constantemente aberta significa que nada de importante é guardado por ela.

q) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)

O prazer é individual. Tentar dividi-lo pode significar ao invés do que se tenciona, exatamente o contrário: onde se busca prazer, encontra-se solidão.

r) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)

O que hoje é certo amanhã poderá ser errado. E o que hoje é tratado como errado amanhã poderá estar certo. O professor pode transgredir as certezas do hoje.

s) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)

Apesar de rasteira e não aparentar a imponência e visível beleza apresentada pelo jequitibá, a grama tem funções tão nobres quanto o referido jequitibá. Ou seja, a relevância dos dois não está na aparência mas na função de cada um.

t) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)

Aceitar que os anos passam é aceitar as limitações impostas pelo tempo. Essa consciência nos traduz como eternamente jovens.

**FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS**

Interpretante 12

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d'água” (p. 8)
Não faço ideia
- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)
Pessoas inconvenientes.
- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)
Com amor, tudo é possível.
- d) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)
O tempo muda tudo.
- e) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)
Não faço ideia.
- f) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)
Não é sensato seguir o que é decidido pelos outros.
- g) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)
Não faço ideia.
- h) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)
Em terra de cego, quem tem olho é rei.
- i) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)
Não faço ideia.
- j) “A estátua faz o herói” (p. 101)
O reconhecimento só vem posteriormente.
- k) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)
Você é o que você demonstra ser.
- l) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)
Os invejosos são admiradores não assumidos.
- m) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)
Tudo depende do ponto de vista.

- n) “O gozo do Poder é entremeadado de cólicas” (p. 177)
Não faço idéia.
- o) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)
Não faço idéia..
- p) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)
O que se conquista sem esforço, não tem reconhecimento.
- q) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)
Não faço idéia..
- r) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)
Não faço idéia..
- s) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)
A hierarquia é uma construção social.
- t) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)
Não faço idéia..

**FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS**

Interpretante 13

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d'água” (p. 8)
R – Às vezes um gesto simples quebra a nossa resistência.
- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)
R- Às vezes, o que parece ser amizade não o é.
- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)
R- É o amor que governa as atitudes dos amantes, que pouco pode interferir em suas atitudes quando tomado por esse sentimento.
- d) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)
R- Tudo passa e, daí, não há arrependimento do que fizemos antes.
- e) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)
R- Dúvidas sempre existirão, não adianta evitá-las.
- f) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)
R- A elegância verdadeira não segue os padrões da moda.
- g) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)
R- A atitude do enforcado é de arrogância por pensar que apenas ele possui problemas.
- h) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)
R- Nada está pronto, pois as coisas vão se fazendo, se construindo.
- i) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)
R- Ao contrário do que se pensa, os pais aprendem com seus filhos atitudes que contrariam sua moralidade e comportamentos habituais.
- j) “A estátua faz o herói” (p. 101)
R- Os heróis verdadeiros, aqueles com participação ativa nas lutas e conquistas, não são aqueles que são imortalizados em monumentos.
- k) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)
R - Somos resultados de tudo que vivemos.
- l) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)
R- A invejosa enxerga quase sempre pelo caminho mais tortuoso.

- m) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)
R - A imensidão do mar nos atenta para a nossa pequenez.
- n) “O gozo do Poder é entremeado de cólicas” (p. 177)
R- O poder é prazeroso, mas que pressupõe a dor da parte de quem o deseja e exerce.
- o) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)
R- Alguns políticos encontram formas diversas de driblar a ética.
- p) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)
R- A liberdade possui limites.
- q) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)
R- O prazer é sempre uma possibilidade de vivência conjunta.
- r) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)
R- Não há limites para o conhecimento, de forma que será sempre atualizado pelo ato de ensinar e aprender.
- s) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)
R- A grama não é mais importante que o jequitibá, e vice-versa.
- t) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)
R- A idade não pesa quando nos aceitamos sempre jovens.

**FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS**

Interpretante 14

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d'água” (p. 8)

Penso em duas coisas ao ler a frase, 1) no tempo, sentar e tomar uma água, um café... dar tempo para a vida ser vivida, os problemas resolvidos.... 2) a vida é simples a pessoa que complica, tudo flui... assim como a água de formula complicada o resultado é apenas água.

- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)

Penso nos falsos amigos.

- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)

d)

Na capacidade no amor, quem amar tem a capacidade de agir e o amor não é racional. Se faz coisas que no uso da razão não faria, mas quando ama joga tudo p cima e faz.

- e) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)

Viver amargurado ou arrependido, pressa faz perder o colorido do presente e futuro.

- f) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)

Nos consumimos em duvidas, medos e inseguranças ao invés de viver a nossa alegria interna.

- g) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)

Viver seguindo as regras social tira a liberdade de ser apenas o que se é

- h) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)

Não sei, mas lembrei do orgulho e da arrogancia, mesmo com a corda no pescoço ainda estar pressa a esse tipo de sentimentos.

- i) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)

Sonhos e pensamentos é o que dar sentido e movimenta a vida.

- j) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)

Ter filho muda o comportamento e o pensamentos dos pais, muitos se deixam ser conduzidos pelos filhos. Por exemplo, ao nascer a criança os pais passam o dia sem fazer barulho para o filho dormir durante o dia, e a noite passa acordados porque não souberam

educar com o significado do dia e da noite, e assim se estende por toda a vida.

- k) “A estátua faz o herói” (p. 101)
Entendo como uma metáfora, apenas o objeto ou um momento se cria uma história.
- l) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)
A capacidade de viver o presente e o futuro sem estar pressos ao passado.
- m) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)
As conquistas dos outros é motivo de querer o mesmo
- n) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)
Somos pequenos, nossa insignificância diante do mundo, do universo.
- o) “O gozo do Poder é entremeado de cólicas” (p. 177)
O Poder modifica as pessoas, coloca para fora todos os monstros, mas diria q a dor das cólicas é sofrida por seu governados.
- p) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)
Andam sorrateiros, a aldrabar e roubar.
- q) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)
As vezes é preciso fechar a porta para refletir.
- r) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)

Estar acompanhado não significa não estar só, assim como o contrario tb é verdadeiro. É preciso compartilhar verdadeiramente.
- s) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)

Não existe verdades absolutas, as coisas mudam com o tempo, com a maturidade, com a experiência. O que em uma época não faz sentido ao adolescente, quando este for adulto já muda de significado.
- t) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)

O mundo é um ecossistema interligado que se retro alimenta, um depende do outro. Me lembrou sobre o o comando todos as partes do corpo queria ser o chefe e cada um expõe suas razões, o ânus diz serei eu e todos os demais logo dizem não, és mal cheiroso, sujo, escondido etc. O anus se fecha e nada sai. Todo o resto começa a ter problemas, ou seja, todos tem sua importância e função.
- u) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)

Me lembrou outra frase, viver bem a idade que tem, viver com animo, sonhos, desprendimento... típicos da juventude também na velhice.

Como diz o samba de noite ilustrada. “Ela tem 18 anos, eu vou fazer 56..... Ela está no período sonhador, e eu na idade de fazer bobagem.....”

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS

Interpretante 15

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d'água” (p. 8)
Não devemos complicar as coisas, pois são mais simples do que parecem.
- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)
Existem, na verdade, inimigos que se fazem de amigos.
- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)
Não há de se cobrar racionalidade numa relação amorosa.
- d) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)
Aceita-se o que se fez, com o passar do tempo.
- e) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)
Alimentamos angústias que não podem ser plenamente resolvidas.
- f) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)
O segredo do viver está na autenticidade do ser.
- g) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)
Há juízo social que não podemos comensurar com nossos atos.
- h) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)
“Tudo o que é sólido, desmancha-se no ar” (Karl Marx). As coisas são mais transitórias do que parecem ser.
- i) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)
É papel dos pais impor limites aos filhos.
- j) “A estátua faz o herói” (p. 101)
Mais do que os fatos, vale-se a versão que deles construímos.
- k) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)
A vida faz-se por superações.
- l) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)
Não se desdenha aquilo que não se deseja. A fábula da raposa e as uvas.
- m) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)

Tudo depende do nosso ponto de vista. Trata-se de uma questão de relativizar as coisas.

- n) “O gozo do Poder é entremeado de cólicas” (p. 177)
As realizações implicam de algum modo em sacrifício.
- o) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)
Inconsistência entre o discurso e a prática.
- p) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)
Afinal, não cumpre sua finalidade de obstruir a passagem.
- q) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)
O sentimento, mesmo quando coletivo, nasce do indivíduo.
- r) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)
Educar implica num tipo de ruptura necessária de paradigmas conjunturais.
- s) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)
Quando se há desproporção, não se pode falar em igualdade.
- t) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)
A ansiedade juvenil revela-se um termômetro de sua maturidade.

**FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS**

Interpretante 16

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d'água” (p. 8)

Porque em situação conflituosa, quando se pode tomar um copo d'água para pensar e repensar na situação e no que deve ser feito pode-se ter mais segurança e não agir por impulso.

- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)

Isto é, há amigos que não são amigos de verdade. Pensar que alguém é um amigo sem que ele seja é muito comprometedor, pois nesse caso compartilha-se a vida e seus sentimentos com alguém que não merece confiança.

- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)

O amor transforma o ser humano e quando ele o conhece as paixões se esvaem para dar lugar a um sentimento mais forte, único e verdadeiro.

- d) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)

Sim, pois o tempo desvenda e ressignifica todos os sentimentos, inclusive o arrependimento.

- e) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)

Duvidar é o princípio da busca do conhecimento, que são como rosas do nosso jardim, ou seja, direciona nossa história e a torna mais bela.

- f) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)

Elegância não é uma questão de moda, mas de estilo que tem a ver com a personalidade, isto é, com o modo ser, agir e interagir com o mundo.

- g) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)

Verdade. O enforcado busca um lugar de visibilidade, conforto e de esperança em um mundo que para ele representa o caos.

- h) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)

Afirmção intrigante, pois aquilo que se supõe existir, talvez não exista, mesmo que seja

concretizado em uma matéria vulnerável.

- i) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)

Os pais reveem seus conceitos na convivência com os filhos e passam a entender que tais papéis são distintos, mas complementares, sendo que sua experiência de vida muitas vezes não se adéqua à realidade dos filhos.

- j) “A estátua faz o herói” (p. 101)

A figura do herói se dá por glorificação e não essencialmente por merecimento.

- k) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)

O homem sofre transformações pelas experiências vivenciadas, mas até mesmo essas transformações são modificadas ou apagadas em contextos diversos.

- l) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)

As pessoas que estão nos olhando mesmo sem serem percebidas são fascinadas por nossas vidas, então não se trata de inveja, mas de admiração pelo ser humano que elas acreditam que somos

- m) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)
Somos parte ínfima de uma natureza infinita, mas muitas acreditam ser superiores a ela.

- n) “O gozo do Poder é entremeado de cólicas” (p. 177)

Sim, não se chega ao Poder sem perdas, conflitos, resistências, persistências, lutas e abdições.

- o) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)

Os políticos conhecem as artimanhas da sobrevivência em um meio de vulnerabilidades e traições. Pode ser que eles também saibam agir sem serem percebidos, isto é, camuflam suas ações.

- p) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)

Quando há muita exposição ou oferta não se pode esperar qualidade ou não se apresenta perspectiva de futuro.

- q) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)

Algumas vezes é preferível estar em companhia da pessoa certa a estar com muitas pessoas com as quais se mantém relações superficiais e efêmeras.

- r) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)

O discurso do educador não pode ser previsível e nem conformado diante da situação social vigente. Ele precisa causar inquietações e constrangimentos que levam inevitavelmente à reflexão crítica.

- s) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)

Apesar da imponência do jequitibá, a grama é que prepara o solo e dá condição para sua existência, isto vale para as relações interpessoais em quaisquer âmbitos da vida.

- t) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)

Conviver bem com cada etapa da vida é prova de saberia e revigora a existência.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS

Interpretante 17

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d'água” (p. 8)

Quando as pessoas ficam nervosas ou recebem alguma notícia desagradável ou angustiante as pessoas ao redor oferecem água como forma de tranquilizá-la. Talvez por conta disso, “Tudo fica mais simples diante de um copo d'água”.

- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)

Algumas pessoas põem em risco a ideia de amizade porque não agem como realmente os verdadeiros amigos deveriam agir.

- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)

O amor é um sentimento contraditório, pois ao mesmo tempo em que destrói, e consome, ele também convida a envolver-se e enlaçar-se.

- d) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)

Não adianta passar a vida se arrependendo da maioria das coisas que são feitas.

- e) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)

Criamos e alimentamos dúvidas e incertezas.

- f) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)

A verdadeira elegância consiste na elegância da alma, algo que vem do interior e não do exterior. Por conta disso, a moda, consiste em seu pior inimigo.

- g) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)

O enforcado na carta de Tarô significa aquele que aceita o seu destino. Partindo desse conceito, essa expressão significa que o enforcado tem a vontade de sobressair sobre todos pois ele estaria aceitando o seu destino e realizando um sacrifício.

- h) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)

O conceito de real é algo relativo. O que seria real pra mim, poderia não ser real para outra pessoa. Como por exemplo a religião, em que há uma diversidade e diferença entre o que seria realmente real.

i) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)

Os filhos são ingênuos e inocentes e não sabem nada da vida ainda.

j) “A estátua faz o herói” (p. 101)

É a imagem e representação criada por determinado povo que faz algo ser denominado herói.

k) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)

Quando um homem passa por algo que causou sofrimento e tem a capacidade de conseguir esquecer e superar contribui para um belo e valioso amadurecimento diante da vida.

l) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)

As pessoas invejosas na verdade são apenas pessoas que não sabem ver corretamente a vida.

m) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)

Somos nós quem atribuímos valor as coisas.

n) “O gozo do Poder é entremeado de cólicas” (p. 177)

Quanto maior o poder maior a responsabilidade e exigências.

o) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)

Alguns políticos sacrificam a dignidade e honestidade com o intuito de alcançar e/ou manter o poder de forma mais rápida.

p) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)

As coisas de valor são difíceis de conquistar.

q) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)

Tem coisas como a companhia de alguém, o amor, o carinho, que não dar pra ser compartilhado com mais pessoas. Por isso é solitário, pois só eles dois conseguem sentir e entender o que significam tais gestos e expressões de amor.

r) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)

O professor é apenas um mediador do conhecimento. Ele pode mostrar ao aluno o que é, o que poderia ter sido e o que pode ser.

s) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)

Somos todos iguais. Nascemos da mesma forma e teremos o mesmo fim. Todos nós

nascemos, crescemos e morremos independente de cor, gênero e classe social.

t) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)

O que fazemos e o que plantamos na juventude será levado conosco independente da idade.

**FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS**

Interpretante 18

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d'água” (p. 8)
Simplicidade
- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)
Inimizade
- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)
Poder
- d) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)
Temporalidade
- e) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)
Incerteza
- f) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)
Estética
- g) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)
Onipotente
- h) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)
Ilusão
- i) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)
Influência
- j) “A estátua faz o herói” (p. 101)
Pessoa dotada
- k) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)
Passado
- l) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)
Insincero
- m) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)
Fragilidade

- n) “O gozo do Poder é entremeadado de cólicas” (p. 177)
Preço a pagar
- o) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)
Degradação
- p) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)
Facilidade
- q) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)
Solidão
- r) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)
Subversivo
- s) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)
Natureza
- t) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)
Maturidade

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS

Interpretante 19

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d'água” (p. 8)
A saciedade daquilo que é essencial viabiliza as demais coisas.
- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)
Nem todas as relações de amizade são iguais.
- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)
A escolha em amar verdadeiramente inviabiliza outros possíveis sentimentos passionais.
- d) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)
É possível arrepender-se de ter se arrependido.
- e) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)
As dúvidas que nos surgem dizem respeito a um território no qual não temos domínio, portanto, nos trazem incertezas.
- f) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)
Ser elegante não é amoldar-se aos parâmetros que são tendência.
- g) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)
O suicida não demonstra a vontade de morrer, mas a vontade de viver, o que, entretanto, não conseguiu fazer de forma plena.
- h) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)
O irreal, surreal, permeia a existência daquilo que é real.
- i) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)
Quando os pais perdem o controle e permitem que seus filhos determinem os rumos das decisões familiares, os papéis se invertem e os pais são “mal-educados” pelos filhos.
- j) “A estátua faz o herói” (p. 101)
Mais do que os feitos individuais, a “imagem” e a propaganda que se faz é determinante para que um indivíduo se torne reverenciado.
- k) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)
A grande virtude humana é superar sofrimentos.
- l) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)

A inveja é uma admiração deturpada.

- m) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)
A grandeza das coisas se intensifica à medida que reconhecemos nossa insignificância.
- n) “O gozo do Poder é entremeado de cólicas” (p. 177)
Usufruir do poder consiste, também, em conviver com as dificuldades que ele traz.
- o) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)
Alguns políticos desenvolveram a agilidade em contaminar o ambiente por onde passam.
- p) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)
A conquista implica na superação de dificuldades. A glória só existe se houver obstáculos.
- q) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)
O prazer não existe para saciar-se individualmente, mas para ser usufruído, integralmente, a dois.
- r) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)
A atividade docente requer uma interpretação atemporal das realidades vigentes de forma a possibilitar a projeção de perspectivas mais corretas e justas. O professor deve ser um visionário.
- s) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)
No reino vegetal não existe subjunção das espécies, por mais diferentes as suas proporções, não superiores nem inferiores.
- t) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)
É necessário, durante a juventude, se conscientizar e se preparar para lidar com as novas fases da vida, com o passar dos anos.

**FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM LETRAS**

Interpretante 20

Qual o possível significado para cada sentença que se segue?

- a) “Tudo é mais simples diante de um copo d'água” (p. 8)
R= Água gera vida, e a vida parte da existência dos elementos básicos para nossa sobrevivência, o copo com água renova as esperanças sermos cada dia melhores.
- b) “Certas amizades comprometem a ideia de amizade” (p. 11)
R= Verdade para ser amigo tem que entender a essência da palavra e sua fidedignidade a pessoas ideia e principalmente atitude, ação é que faz a amizade e não as falácias
- c) “O amor dinamita a ponte e manda o amante passar” (p. 13)
R= Quem ama qualquer coisa ou pessoa não permite substitutos.
- d) “Até a cor do arrependimento desbota com o tempo” (p. 20)
R= Nada cura o arrependimento nem o tempo, nem o perdão pois o arrependimento não tem cor nem formar, é sentimento vivo que grita dentro de nós, ameniza e jamais se acaba.
- e) “Cultivamos nossas dúvidas como rosas do jardim que não possuímos” (p. 70)
R= As dúvidas nos faz buscar o desconhecido, não basta apenas cultivá-las e sim, cativa e cultivar, para que a busca do conhecimento não tenha fim, são as perguntas e questionamentos que nos fazem pensar o novo.
- f) “A elegância verdadeira vê na moda o seu pior inimigo” (p.73)
R= A moda escraviza e não dá autonomia e liberdades de expressão, de identidade, a elegância é você quem faz de acordo com o que acredita.
- g) “O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos” (p.76)
R= O enforcado foi um fraco que não conseguiu ser maior que seus problemas e dilemas pessoais e profissionais e acima de tudo perdeu seu equilíbrio emocional.
- h) “O que existe banha-se em mares e nuvens de inexistência” (p. 82)
R= Há coisas para além do humano que não nos cabe saber, ou que não teríamos a maturidades e sanidade mental para viver e conviver com sobrenatural.

- i) “Os filhos educam pessimamente os pais” (p. 88)

R= Na atualidades os filhos são os agentes transformadores das famílias da sociedade contemporânea, sendo suas maiores vítimas seus pais, pois deixaram de mandar e hoje dão aos filhos o poder de escolha de ações e atitudes das quais não têm maturidade de decisão.

- j) “A estátua faz o herói” (p. 101)

R= O que faz o herói não é o fato de estar representado na escultura artística mais seus feitos que contribuirão ou deveriam ter contribuído para o coletivo e o social. Muitos estão assim representados e não merecem, enquanto outros tantos heróis escondidos nas massas populares nunca foram e nem serão representados.

- k) “O homem vale pelo que sofreu e esqueceu” (p. 104)

R= Creio que o sofrimento não seja esquecido facilmente mais acredito sim que ele é fruto do meio e que este deixa marcas profundas em suas ações durante todo a sua vida.

- l) “Não há invejosos, há admiradores vesgos” (p. 117)

O invejoso é um admirador sim, porém, não vesgo, enxergar muito bem e busca derrubar o invejado a qualquer custo, ao invés de lutar tanto quanto para chegar onde o ser invejado chegou.

- m) “Não é propriamente o mar que é imenso, mas a nossa insignificância diante dele” (p.139)

R= A nossa insignificância não está somente para com o mar, mais tudo que foge do nosso controle nos faz olhar para nossa insignificância todos os dias.

- n) “O gozo do Poder é entremado de cólicas” (p. 177)

Verdade que o poder vem a acompanhado de suas mazelas e das suas ações corruptíveis, que o trará dores profundas, pois nada fica nas escuras.

- o) “Certos políticos aprendem a andar velozmente de cócoras” (p. 181)

A culpa os leva a posições de vergonha e constrangedora, pois a verdade nos deixam de pé.

- p) “A porta constantemente aberta não conduz a parte alguma” (p. 182)

R = Vai depender a que lugar esta porta conduz, e estar constantemente aberta, nada quer dizer, se você não decidir atravessa-la.

- q) “Prazer dividido é às vezes prazer solitário a dois” (p. 183)

R= Não quando eu divido eu somo, eu dou e recebo, é multiplicação um estágio natural, não necessariamente receberá de quem dividiu com você, outras mão virão ao seu encontro.

- r) “O professor tem direito a ensinar coisas erradas que amanhã serão certas” (p. 185)

R = Não, se ensinam, por que ainda as consideram certas, quando a mudança vire será de forma conflituosa que as mudanças se tornarão novas verdades como frutos do seu tempo.

- s) “Não há hierarquia entre a grama e o jequitibá” (p. 221)

R= A natureza é sábia o suficiente para não ter hierarquias, por considerar todos importantíssimos no processo de equilíbrio da vida na terra.

- t) “Suportar o peso da idade é a última prova da juventude” (p. 224)

A sabedoria só se conquista com o tempo, a idade é uma dádiva, por nos permitir experienciar muito mais do que aquele que se foram jovens, só não dar valor quem não adquiriu a sabedoria suficiente para entender e valorizar o idoso. Patrimônio vivo da humanidade.